



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CEARÁ**  
**CENTRO DE HUMANIDADES**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA**  
**MESTRADO ACADÊMICO EM HISTÓRIA, CULTURAS E**  
**ESPECIALIDADES**

**JOSÉ ARTHUR HOLANDA NEPOMUCENO VASCONCELOS**

**VARÍOLA, IMBRÓGLIOS E ASSOMBROS: EXPERIÊNCIA HISTÓRICA E**  
**CIÊNCIA NO CEARÁ (1877 - 1904)**

**FORTALEZA - CEARÁ**  
**2023**

JOSÉ ARTHUR HOLANDA NEPOMUCENO VASCONCELOS

VARÍOLA, IMBRÓGLIOS E ASSOMBROS: EXPERIÊNCIA HISTÓRICA E CIÊNCIA  
NO CEARÁ (1877 - 1904)

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado Acadêmico em História do Programa de Pós-Graduação em História, Culturas e Espacialidade da Universidade Estadual do Ceará, como requisito parcial à obtenção do título de mestre em História. Área de concentração: História.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dra. Zilda Maria Menezes Lima.

FORTALEZA – CEARÁ

2023

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação  
Universidade Estadual do Ceará  
Sistema de Bibliotecas  
Gerada automaticamente pelo SidUECE, mediante os dados fornecidos pelo(a)

---

Vasconcelos, Jose Arthur Holanda Nepomuceno.

Varíola, imbróglis e assombros: experiência histórica e ciência no Ceará (1877 - 1904). [recurso eletrônico] / Jose Arthur Holanda Nepomuceno Vasconcelos. - 2023.  
141 f. : il.

Dissertação (mestrado acadêmico) - Universidade Estadual do Ceará, Centro de Humanidades, Curso de Mestrado Acadêmico Em História, Culturas E Espacialidades, Fortaleza, 2023.

Orientação: Prof.\* Pós-Dra. Zilda Maria Menezes Lima.

1. Varíola. 2. Vacinação. 3. História da Saúde. 4. Rodolfo Teófilo. 5. Vacinophobia.. I. Título.

---

JOSÉ ARTHUR HOLANDA NEPOMUCENO VASCONCELOS

VARÍOLA, IMBRÓGLIOS E ASSOMBROS: EXPERIÊNCIA HISTÓRICA E CIÊNCIA  
NO CEARÁ (1877 - 1904)

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado Acadêmico em História do Programa de Pós-Graduação em História, Culturas e Espacialidade da Universidade Estadual do Ceará, como requisito parcial à obtenção do título de mestre em História. Área de concentração: História.

Aprovada em: 25 de agosto de 2023.

BANCA EXAMINADORA

---

Profa. Dra. Zilda Maria Menezes Lima (Orientadora) (UECE)

---

Prof. Dr. Francisco Egberto de Melo (Docente/URCA)

---

Prof. Dr. Gerson Augusto de Oliveira Júnior (Docente/UECE)

---

Prof. Dr. Gleudson Passos Cardoso (SUPLENTE) (Docente/UECE)

## AGRADECIMENTOS

É com enorme satisfação e entusiasmo que reservo este modesto espaço para o reconhecimento e, principalmente, o agradecimento aqueles que, de um jeito ou de outro, foram tão importantes nessa minha jornada que começou desde a escola, passou pela graduação e agora no mestrado. Sem eles nem uma página valeria; para eles, o esforço de cada página.

A começar pelos responsáveis pela minha existência e formação humana: minha mãe Alany Holanda e meu pai Ed Luís, toda a minha gratidão, respeito e admiração. Espero um dia poder retribuir toda a dedicação e cuidado que tiveram todos esses anos.

Agradeço imensamente a minha companheira de vida Yasmin Ayres por estar sempre ao meu lado, por toda a paciência, carinho e companheirismo que me fizeram seguir adiante e não desistir. Agradeço também a minha irmã Lara Holanda por toda amizade, estima e convívio seja na minha graduação, agora no mestrado e durante todos os dias. Essa conquista é nossa.

Meus mais sinceros agradecimentos àquelas que, sempre que possível, me acolheram, zelaram e torceram pelo meu crescimento, sucesso e, acima de tudo, minha felicidade: minhas avós Raimunda Nonata, Ivanize Holanda e Ione Holanda. Da mesma forma, agradeço ao meu avô, que como eu, também é José, às minhas tias: Ariana Vasconcelos e Nanda Vasconcelos e ao meu amigo Elber Boaventura por todo carinho, atenção e torcida em todos os momentos.

Agradeço também aos meus amigos do Grupo Musical Francisco de Assis: tia Lúcia, Paulinho, Lorena, Cindy, André, César, Wandinha, Manasés, pelos incontáveis e sinceros momentos de descontração, harmonia e amizade durante todos esses anos, permitindo, dessa maneira, que as semanas se tornassem mais leves e que eu continuasse seguindo adiante.

Gostaria de deixar registrado minha gratidão a todo o corpo docente do PPGHCE - Uece assim como do curso de História da Uece por minha formação enquanto profissional, professor, pesquisador e, principalmente, um ser humano consciente, crítico e empático, em especial aos queridos professores Gleudson Passos Cardoso e minha orientadora Zilda Maria Menezes Lima, a qual sou imensamente grato por toda atenção, zelo, respeito e empatia durante toda a trajetória da graduação ao mestrado, do cotidiano árduo de pesquisa e escrita e também todo o apoio e consideração dedicados.

Por fim, gostaria de deixar registrado minha gratidão aos membros da banca examinadora deste presente trabalho: prof.<sup>a</sup> Zilda Maria Menezes Lima, prof. Gerson Augusto de Oliveira Junior e prof. Francisco Egberto de Melo pelas reflexões, empatia e toda e qualquer consideração sugerida e as que venham a surgir.

## RESUMO

Este trabalho tem por objetivo examinar e discutir as interações entre o mal da varíola e as práticas de vacinação presentes na capital fortalezense e nas demais regiões do Ceará no período que compreende o final do século XIX e início do século XX. Assim como objetivamos elucidar e notabilizar os questionamentos acerca do enfrentamento e a luta contra a moléstia de varíola, as ações do sanitarista Rodolfo Teófilo no combate à doença, e os métodos e artifícios utilizados para a extinção do mal do território cearense, tais como a variolização e a vacina animal, bem como os debates científicos e a experiência histórica que figuraram no imaginário popular e cientificista da época analisada. Com base em tais proposições, podemos pensar o Ceará nos conturbados períodos de seca e, junto a isso, a manifestação da varíola e suas consequências devastadoras para a vida do povo cearense. Além disso, as práticas que compõem a chamada “vacinophobia” ou a recusa a vacina e a vacinação. Elementos estes fundamentais não somente para um entendimento satisfatório e determinante da própria cronologia e memória da doença, como também para a consciência e domínio das questões que perpassam e definem a história e as experiências do povo cearense, da cidade de Fortaleza e, por fim, a história da saúde e das doenças.

**Palavras-chave:** Varíola; Vacinação; História da Saúde; Rodolfo Teófilo; “Vacinophobia”.

## ABSTRACT

The objective of this work is to examine and discuss the interactions between smallpox and the vaccination practices present in the city of Fortaleza and in other regions of Ceará in the period comprising the end of the 19th century and the beginning of the 20th century. Just as we aim to elucidate and highlight the questions about the confrontation and the fight against the smallpox disease, the actions of the sanitarian Rodolfo Teófilo in the fight against the disease, and the methods and devices used to extinguish the disease in Ceará, such as variolation and the animal vaccine, as well as the scientific debates and the historical experience that figured in the popular and scientific imaginary of the analyzed period. Based on such propositions, we can think of Ceará in the troubled periods of drought and, along with that, the outbreak of smallpox and its devastating consequences for the lives of the people of Ceará. In addition, the practices that make up the so-called "vacinophobia" or the refusal of the vaccine and vaccination. These elements are fundamental not only for a satisfactory and decisive understanding of the very chronology and memory of the disease, but also for the awareness and mastery of the issues that permeate and define the history and experiences of the people of Ceará, of the city of Fortaleza and, finally, the history of health and diseases.

**Keywords:** Smallpox; Vaccination; Health History; Rodolfo Teófilo; "Vaccinophobia".



## LISTA DE FIGURAS

|                   |                                                                                                                       |            |
|-------------------|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|------------|
| <b>Figura 1 -</b> | <b>Tabela contendo o número de enfermos de varíola que passaram pelo Lazareto de Fortaleza entre 1898 e 1899.....</b> | <b>66</b>  |
| <b>Figura 2 -</b> | <b>Quadro estatístico da manifestação da varíola entre 1804 e 1891 em diferentes localidades pelo Ceará.....</b>      | <b>84</b>  |
| <b>Figura 3 -</b> | <b>Foto/registro do preparo e produção da vacina contra a varíola.....</b>                                            | <b>100</b> |
| <b>Figura 4 -</b> | <b>Foto do preparo da linfa vacínica pelo farmacêutico Rodolfo Teófilo.....</b>                                       | <b>101</b> |
| <b>Figura 5 -</b> | <b>Quadro estatístico após um ano do serviço de vacinação.....</b>                                                    | <b>110</b> |
| <b>Figura 6 -</b> | <b>Quadro estatístico do levantamento do número de pessoas vacinadas entre 1901 e 1904 no Ceará.....</b>              | <b>117</b> |
| <b>Figura 7 -</b> | <b>Ilustração da Revolta da Vacina no Rio de Janeiro em 1904.....</b>                                                 | <b>121</b> |

## SUMÁRIO

|            |                                                                                                                |            |
|------------|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------|------------|
| <b>1</b>   | <b>INTRODUÇÃO.....</b>                                                                                         | <b>11</b>  |
| <b>2</b>   | <b>“SOB OS GOLPES DA VARIOLA”: PARADIGMAS CIENTÍFICOS, ENFRENTAMENTO E VACINAÇÃO NO CEARÁ.....</b>             | <b>20</b>  |
| <b>2.1</b> | <b>‘Nos tempos’ da Varíola: contexto e surgimento da moléstia.....</b>                                         | <b>21</b>  |
| <b>2.2</b> | <b>“Tratemos de evitar um mal”: Conhecimento científico, técnica e a produção da vacina antivariólica.....</b> | <b>32</b>  |
| <b>2.3</b> | <b>“Atacados de variola ou sofrendo de suas consequências!”: profilaxia e enfrentamento à varíola.....</b>     | <b>47</b>  |
| <b>3</b>   | <b>A CIDADE, O MEDO E A MOLÉSTIA: ENTRE ASSOMBROS E PROGRESSOS.....</b>                                        | <b>59</b>  |
| <b>3.1</b> | <b>“A variola grassa na Fortaleza”: narrativa e composição histórica da varíola no Ceará .....</b>             | <b>60</b>  |
| <b>3.2</b> | <b>“Fortaleza, o derradeiro marco na via dolorosa”: o povo e a moléstia.....</b>                               | <b>73</b>  |
| <b>4</b>   | <b>A BUSCA PELA VACINAÇÃO: PRENÚNCIO DA REMISSÃO E RESISTÊNCIA POPULAR.....</b>                                | <b>89</b>  |
| <b>4.1</b> | <b>“Um allivio a seus males, a vaccina anti-variolica”: a Campanha de Vacinação no Ceará.....</b>              | <b>90</b>  |
| <b>4.2</b> | <b>“(...)da pia para a vacinação”: Imbróglios, realizações e desfecho.....</b>                                 | <b>105</b> |
| <b>4.3</b> | <b>“A vaccina que queria era a de Deus (...)”: “vacinophobia”, razão e revelia.....</b>                        | <b>119</b> |
| <b>5</b>   | <b>CONCLUSÃO.....</b>                                                                                          | <b>132</b> |
|            | <b>REFERÊNCIAS.....</b>                                                                                        | <b>136</b> |

## 1 INTRODUÇÃO

No percurso de nossa formação enquanto historiador, pesquisador e até mesmo professor, nos deparamos com certos elementos e particularidades que nos convidam, muitas vezes, ao exercício íntimo e reflexivo sobre determinados atributos que compõem, no nosso caso, uma observação histórica dos fatos e de certas conjunturas passadas, bem como das multiplicidades que, assim como a polifonia de uma orquestra e suas distinções, constituem e delimitam a narrativa historiográfica e as vivências humanas e sociais através das épocas.

Partindo desse pressuposto, notabilizamos determinadas motivações e impulsos que, somados, direcionariam a minha análise e o meu interesse, a narrativa desenvolvida no presente texto, são elas: o “magnetismo documental” e a dedicação a história e a historiografia cearense dos séculos XIX e XX manifestadas por mim desde os primórdios da graduação, resultando no trabalho monográfico; a curiosidade indagadora ou histórica germinada pelo contato com as ações e as produções escritas do farmacêutico e escritor Rodolfo Teófilo ainda na graduação e, por fim, a dinamicidade dos acontecimentos e das experiências que marcam o segmento de uma história mais recente das doenças, em especial, a varíola e a matriz narrativa que compreende suas características, elementos e embaraços, como veremos mais adiante.

Como resultado dessa constelação de informações e elementos, temos a aproximação mais significativa com os eventos que compreendem a escrita do presente texto, como: a narrativa da moléstia de varíola, o progresso científico e material característico dos esforços em prol da produção da vacina, o cenário alvoroçado e difícil que se abateu no Ceará, sobretudo a cidade de Fortaleza a partir das endemias e epidemias de varíola e, além de tudo isso, o movimento contrário a vacina e a vacinação, isto é, a recusa ao profilático e a vacinação.

É a partir do contato mais próximo com as produções escritas do farmacêutico Rodolfo Teófilo, especialmente sobre o Ceará, a peste de varíola, os períodos epidemiológicos de manifestação do morbo (também chamados de surtos de varíola), o cotidiano e os vestígios ligados à constituição da cidade de Fortaleza enquanto palco dos intensos processos de transformação, mudanças e permanências e, por último, os esforços na produção da linfa vacínica, na campanha de vacinação empreendida na urbe fortalezense e as evidências da chamada “vacinophobia”, ou a rejeição a vacina contra a varíola, que parte o direcionamento para a escrita da temática aqui investigada e desenvolvida.

Vale ressaltar que muito já foi dito sobre a figura do farmacêutico e sanitarista Rodolfo Teófilo, tanto em pesquisas e análises historiográficas quanto em trabalhos do domínio da

literatura, sobretudo quando refere-se a sua produção escrita, a Prática Letrada (PASSOS, 2016) e suas realizações no campo da saúde, principalmente na lida com a varíola no Ceará.

Logo, essa enormidade de escritos e temáticas que comunicou o farmacêutico durante praticamente toda a sua vida adulta, em forma de livros, monografias e textos jornalísticos, além de favorecer a profusão de pesquisas acadêmicas na contemporaneidade, sejam elas históricas ou literárias, acaba por contribuir para uma observação mais concreta e totalizante dos fatos narrados e experienciados acerca dos problemas que se abatiam sobre a população cearense a partir da segunda metade do século XIX, os elementos geradores dos prejuízos sanitários e sociais e, por último, as barreiras típicas de um projeto de vacinação e de saúde pública no início do século XX. Índícios que notabilizam esse entusiasmo ou propensão ao exame mais detalhado tanto do autor quanto de sua obra.

Apesar dessa quantidade significativa de estudos e trabalhos sobre o farmacêutico, nos deparamos, na presente pesquisa, com certas especificidades e caminhos metodológicos até então pouco investigados ou desenvolvidos no campo da pesquisa histórica e do domínio da História da Saúde e das Doenças. Entre tais caminhos, podemos destacar, principalmente: os estudos e registros acerca da manifestação da varíola, seus efeitos e infortúnios perante a sociedade fortalezense, as dificuldades e embaraços no processo técnico e científico de produção da linfa vacínica, bem como os obstáculos encontrados na propagação da vacina e no serviço regular de vacinação no Ceará. A totalidade desses elementos e a discussão desses fenômenos, configuram a singularidade e a distinção da presente pesquisa.

A partir disso, ressaltamos que a presente pesquisa pretende discutir e examinar a trajetória de manifestação da varíola a partir do século XIX no Brasil e, principalmente, no Ceará, sua condição enquanto agente viral e claro, suas causas, consequências e agravantes. Da mesma forma, a partir do desenvolvimento e do progresso material e científico, notabilizamos os esforços e as diligências no enfrentamento à doença, representados, sobretudo, pela criação da vacina antivariólica, sua produção e disseminação, a campanha de vacinação (ou serviço de vacinação) protagonizado pelo sanitarista Rodolfo Teófilo e as resistências encontradas no processo de difusão e aplicação do profilático entre os indivíduos.

Consideramos nosso ponto de partida o ano de 1877, período marcado pela gravidade do surto de varíola no território cearense, tendo em vista o longo período de seca que se abateu sobre a população cearense a partir desse ano e a disponibilidade de registros sobre a doença a partir de então, notadamente de autoria do farmacêutico Rodolfo Teófilo. E temos como limite de nossa cronologia o ano de 1904, ano este em que Teófilo publica o livro *Variola e vacinação no Ceará* e comunica que, em Fortaleza, não se deu um caso sequer da doença. Além disso, o

ano de 1904 é marcado pela instituição da lei que obrigaria a vacinação contra a varíola, sob a responsabilidade e o controle da administração pública.

Manifestados certos componentes dessa trajetória narrativa, fica claro, conseqüentemente, a orientação do presente trabalho ao domínio da História da Saúde e das Doenças. Assim, as possibilidades de exame, discussão e produção do conhecimento, estão amparadas pelo sentido e, maiormente, pelas perspectivas que constituem o referido campo historiográfico. Campo esse que nos impulsiona para uma outra dimensão, por vezes mais distinta, não apenas àquela ligada a um pensamento simplista de observação dos fatos e tão pouco a um entendimento da doença como mazela biológica num sentido único e sem camadas. Segundo nos fala Arlene Gazêta:

A renovação do campo da história nos permite pensar a doença não somente a partir de referenciais médicos, mas, sobretudo, a partir de uma concepção ampliada que evoca também seus aspectos sociais nos leva por diferentes caminhos, no entanto, uma enorme diversidade de abordagens torna-se possível nesse processo. Vários autores, em seus trabalhos, ressaltaram diferentes aspectos que a análise sobre a doença deve enfocar, algumas das quais complementares e outras antagônicas, principalmente em relação aos limites da doença como construção social. (Gazêta, 2006, p. 12)

Como condicionante de possibilidades e produtora de fenômenos socialmente determinados, a História da Saúde e das Doenças – na figura da varíola –, estabelece alguns vínculos com a organização e a composição das sociedades, das relações humanas e os vestígios atribuídos à memória, seja ela individual ou coletiva no tocante a manifestação e a experiência de longos anos com o mal da varíola.

Do ponto de vista histórico, essa relação socialmente construída durante o percurso que vai desde o surgimento da doença a sua sobrecarga, isto é, a sua barbárie, e os aspectos que constituem a “trama” dos acontecimentos, revelam, por conseguinte, importantes subsídios que orientam a narrativa histórica para além da esfera reducionista de contemplação dos fatos e do “trinômio”: doença, medicina e saúde. A narrativa da doença é, a partir de então, objeto de intervenções políticas, econômicas, religiosas e sociais, particulares de cada grupo de indivíduos, de cada estado, de cada cidade ou de cada país.

A varíola, portanto, compreende não somente uma condição de enfermidade, de mazela, ou um horizonte de expectativas, mas também parte integrante e fundamental da memória, das políticas públicas e assistenciais da época, da repugnância e da antipatia à vacinação e das movimentações para sua extinção. De acordo com Martins (2012):

O que se percebe, é que para toda e qualquer sociedade, a doença é um problema que exige ao menos uma explicação, quando não se tem a cura; faz-se necessário dar-lhe um sentido. Desta forma, a história das doenças torna-se uma aliada na compreensão dessa dimensão maior da enfermidade e da sociedade. Tanto ela quanto o doente são categorias sociais e espera-se que cada cultura lhes dê suas próprias explicações. (MARTINS, 2012, p. 31)

Embora saibamos, costumeiramente, dos processos dinâmicos e mutáveis que constroem e transformam a história, a partir de sua essência singular e reformadora, em certos casos, vale reforçar o caráter teórico e metodológico que ampara, por exemplo, a presente pesquisa e as amarras teóricas e conceituais que delimitam, não somente o trabalho historiográfico, como também a prática narrativa e as discussões elencadas. Logo, consideramos as demandas e os processos outrora revelados e a convergência de fenômenos e, principalmente, experiências, como o alicerce da lógica reguladora da nossa escrita.

Temos como consequência desses fenômenos manifestados durante o tempo, apresentados a partir das experiências com a doença e os seus embaraços, especialmente no momento em que orientamos nossa investigação ao entendimento e o domínio daquilo que é, para nós, um dos tópicos mais decisivos e fundamentais, não somente para o presente trabalho, como também para o cumprimento e a clareza da enormidade de questões que compõem a experiência histórica da varíola no Ceará e a sua narrativa: a resistência ao imunizante da varíola e a campanha, ou o serviço de vacinação empreendido na primeira década do século XX não apenas no Ceará como no restante do Brasil.

Como elemento peculiar e inerente do processo histórico que levou a produção da vacina e a posterior supressão do mal da varíola, a resistência de boa parte da população à linfa vacínica, desponta não somente como uma “partícula” de um todo, e sim como parcela substancial que nos informa sobre os caminhos teóricos e conceituais que percorre o texto. Por outro ângulo, a resistência aqui referenciada eleva-se a uma categoria de conceito, de definição das ações realizadas no itinerário de manifestação da doença entre a sociedade. Com o objetivo de “desvendar” as proposições acerca do conceito, Yamashita (2013) esclarece:

François Bédarida foi um dos autores que investiu seus esforços nesse debate. Num primeiro momento (1986), preocupado em apresentar a dimensão política da questão, definiu “resistência” como uma ação clandestina e voluntária, em nome da liberdade da nação e da dignidade da pessoa humana, contra a ocupação de um regime fascista ou nazista ou satélite ou aliado (BÉDARIDA, 1986:80). Em seguida (1994) adicionou novos elementos, incorporando a questão da resistência civil, política, ideológica e humanitária, além da ajuda às vítimas da perseguição. (YAMASHITA, 2013, p. 11)

Como categoria, ou definição de sentido, o termo resistência concorda com uma variedade muito surpreendente de significados e problemáticas. Apresentado, a princípio, como uma representação prática daquilo que configurou chamar de resistência – o ato, ou a ação de contrapor-se, de reagir e resistir –, considerando os eventos que levaram a ocupação nazista no território francês entre 1940 e 1944 durante a Segunda Guerra Mundial, assim como a utilização de terminologias típicas de períodos de guerra, como comumente é lembrado. Neste sentido, Paiva (2015) reforça que:

A resistência é antes de tudo um processo, multilinear e heterogêneo em suas formas e em seus conteúdos. Qualquer tentativa de homogeneização conceitual que se faça não pode dar conta dessa dinâmica processual. Para tornar a resistência um conceito passível de utilização em contextos históricos específicos é preciso pôr em diálogo o conceito global com as experiências locais. (PAIVA, 2015, p. 9)

Apropriando-se dessa terminologia que, como vimos, possui em seu substrato mais patente, as manifestações de cada temporalidade e também de cada experiência histórica analisada e que viabiliza, portanto, os caminhos para uma compreensão mais segura e estabelecida do entendimento dessas questões que envolvem a chamada “vacínofobia” e a antipatia característica que tomou conta do serviço e da campanha de vacinação no Ceará, no Rio de Janeiro e em outros estados da federação naquele princípio de século XX.

Apesar de buscar definir o conceito, o historiador faz questão de mencionar que “resistência” é uma noção relativa, estritamente ligada ao conjunto de práticas políticas, sociais e culturais desenvolvidas por uma sociedade ocupada. Para ele, “o que chamamos de resistência é geralmente a fase avançada de uma oposição social e política que obteve sucesso em se organizar e fixar objetivos”. (YAMASHITA, 2013, p. 12)

Na convergência de certas situações, práticas e experiências durante os anos, o movimento adquiria um aspecto mais inflamado e belicoso, como podemos constatar na então capital brasileira: Rio de Janeiro, no episódio conhecido como Revolta da Vacina no ano de 1904. Aproximando-se, de fato, do que seria um conflito armado ou uma cisão entre as dissidências locais e populares e as estruturas de mando e desmando, isto é, as organizações políticas e administrativas do estado e da federação e repartições de higiene responsáveis pelos processos de controle e gerência das ações de combate a varíola. Visto que, como esclarece Nicolau Sevcenko:

Foi nesse contexto que observamos o conjunto de transformações que culminaram com a reformulação da sociedade brasileira, constituindo a sua feição material mais aparente e ostensiva, o processo de Regeneração, ou seja, a metamorfose urbana da capital federal, acompanhada das medidas de saneamento e da redistribuição espacial dos vários grupos sociais. Esse processo de reurbanização trouxe consigo fórmulas particularmente drásticas de discriminação, exclusão e controle social, voltadas contra os grupos destituídos da sociedade. E foi na intersecção sufocante dessa malha densa e perversa que a população humilde da cidade viu se reduzir a sua condição humana e sua capacidade de sobrevivência ao mais baixo nível. A soma dessas injunções, vistas pelo seu ângulo, traduzia-se em opressão, privação, aviltamento e indignidade ilimitados. Sua reação, portanto, não foi contra a vacina, mas contra a história. Uma história em que o papel que lhes reservaram pareceu-lhes intolerável e eles lutaram por cuja mudança. (SEVCENKO, 1984, p. 56)

Embora o Ceará não compartilhe desse estágio mais avançado e exaltado que foi percebido e posto em prática no Rio de Janeiro em 1904, a maneira como essa resistência a vacina foi manifestada no decurso das décadas no território cearense, evidencia as fronteiras de interpretação do fenômeno e informa sobre o seu “status” dinâmico, peculiar e individual para cada região, grupo social ou mesmo indivíduo, considerando que: “A forma de resistência com a qual nos identificamos, então, remete à luta e ao esforço coletivo.” (LORENZ, 2015, p. 12). Conquanto, ainda é possível de se observar certas particularidades, ocorrências e embaraços que são comuns frente a outras regiões do Brasil.

A épica da resistência se constrói, também, na noção de um enfrentamento do forte contra o fraco e da justiça contra a injustiça. Os maquis contra os ocupantes alemães, os guerrilheiros na antiga União Soviética, na Itália, Augusto Sandino na selva centroamericana. Esta ideia abreva e ganha força, então, com imagens sobre o bem e o mal, do justo e do injusto. O pequeno e derrotado é por antonomásia alguém com a justiça do seu lado; por oposição, o vencedor e o poderoso estão conotados de características malignas. (LORENZ, 2015, p. 13)

Portanto, essa ação ou movimento conflitante entre indivíduo e vacina, certo e errado, ou da mazela e a “vontade de Deus”, manifestado na experiência integral da doença, completa o sentido tencionado de resistência, justamente como aquilo que indica a renúncia e a antipatia de determinado grupo ou indivíduo diante, não somente do profilático como também da envergadura do progresso médico e científico que conduzia a novidade e a estranheza na figura do imunizante contra a varíola.

Em suma, semelhantemente a resistência do povo francês as investidas alemãs na década de 40 do século passado, ou mesmo dos povos indígenas a dominação portuguesa no período da colonização do território brasileiro, a resistência por nós anunciada é também a



resistência dos indivíduos, do povo à doença, assim como da sua capacidade acentuada de contágio, dos longos anos e períodos de epidemia, dos desprazeres do contato, quase que ininterruptos, com o medo do contágio, da contaminação, do luto, da vacina e, finalmente, da própria morte.

Partilhando, neste momento, das premissas introdutórias e fundamentais que orientam o presente trabalho, registramos com satisfação, os escritos, trabalhos e pesquisas que, em determinados momentos e oportunidades, orientaram e iluminaram as questões discutidas e investigadas no decurso das páginas, bem como no trato com a bibliografia e na condição de existência dessa produção. Destacamos, a priori, as obras do farmacêutico e escritor Rodolfo Teófilo, entre elas, os livros: *Variola e vacinação no Ceará* (1904), *História da secca no Ceará (1877-1880)* de 1883 e *A Fome*, de 1890. Os escritos citados forneceram o instrumental histórico, documental e narrativo de alguns dos acontecimentos e das experiências aqui discutidas e investigadas.

Por conseguinte, reforçamos a substancial e basilar contribuição da obra da professora e pesquisadora Tania Maria Fernandes, a contar: *Vacina antivariólica: ciência, técnica e o poder dos homens (1808-1920)* e *Imunização antivariólica no século XIX no Brasil: inoculação, variolização, vacina e revacinação*. Os caminhos metodológicos e a abordagem da temática, corroboraram para o entendimento das nuances da história da varíola no Brasil e no mundo e possibilitou, como resultado, a clareza sobre os desafios de produção e estabelecimento da vacina e também do projeto de vacinação em massa.

Nas páginas da obra *Cidade febril: cortiços e epidemias na Corte imperial*, do historiador e pesquisador Sidney Chalhoub, encontramos “abrigo” para as interlocuções e reflexões que tratam do problema da varíola enquanto doença e moléstia causadora de inúmeros infortúnios no âmbito social e as consequências negativas de projetos públicos, sanitários e assistenciais falhos, inacabados e efêmeros. Assim como importantes e valiosos subsídios para a compreensão da chamada “vacinophobia” e o discernimento para a assimilação desse universo de possibilidades e possíveis explicações para esse fenômeno ilustre e complexo.

Sobre o estudo e a investigação sobre a varíola no Ceará, sobretudo na capital Fortaleza, suas consequências e mazelas, notabilizamos os seguintes trabalhos: *Varíola em Fortaleza: marcas profundas de uma experiência dolorosa (1877-1881)*, de Letícia Lustosa e “A varíola ficou morando na capital”: *idéias e práticas médicas representadas mediante manifestação da doença em Fortaleza (1891-1901)*, de autoria de Karla Torquato Barros.

Por conseguinte, obras como: *Doenças e curas: o Brasil nos primeiros séculos*, da pesquisadora Cristina Gurgel, *A revolta da vacina*, de Nicolau Sevcenko e *Artes e ofícios de*

*curar no Brasil: capítulos de história social*, de autoria e organização de Sidney Chalhoub, possibilitaram a consolidação de um “terreno fértil” de interpretações, sentidos e significados a respeito não só da varíola, como também da grandeza e do conhecimento da História da Saúde e das Doenças no Brasil. Vale ressaltar, por conseguinte, a contribuição e o aporte teórico e conteudista de outros escritos e produções que versam sobre a doença no Brasil e que, de uma forma ou de outra, incrementaram a escrita, as discussões e o exame da problemática no presente texto.

Com o decurso da investigação e, consequentemente, da escrita, deparamo-nos com certas questões fundamentais que só foram possíveis de se interpretar e atribuir sentido, a partir do contato com as fontes e todos os seus haveres característicos do trabalho historiográfico e da pesquisa documental. Sem o emprego das fontes e do aparato documental, decerto, não seria possível a resolução e o cumprimento das discussões e dos problemas apresentados. Isto posto, ressaltamos o emprego de jornais e periódicos de época, tais como: *O Estado do Ceará* (1891), *A República* (1892), *O Retirante* (1877), *A Evolução* (1888) e o *Jornal do Ceará* (1904).

Da mesma forma, destacamos a interlocução entre algumas obras já citadas do sanitarista Rodolfo Teófilo, principalmente o livro *Variola e vacinação no Ceará* (1904), e os acontecimentos, bem como as conjunturas, sob a perspectiva histórica de análise dos fatos. De modo a constituir e embasar o conhecimento e a perícia do trabalho do historiador, operamos, além de tudo, com as evidências documentais encontradas em Relatórios de Presidente dos Estados Brasileiros e mensagens, ou Relatórios destinados a Assembléia Legislativa do Ceará por Presidentes do Estado, sobretudo entre os anos de 1890 a 1901.

Além disso, manuseamos outros tipos de fontes, tais como: livros de época, fontes iconográficas e dissertações acadêmicas do século XIX, reforçando e ampliando, portanto, as amarras metodológicas que compõem a nossa pesquisa documental e a escrita factual, compromissada e, por fim, histórica. Apoia-se a esse exercício de interpretação e registro da realidade circundante, a manifestação de diferentes e ilustres escritos e produções do campo do letramento, como é caso das produções de Teófilo que, a partir do ofício do historiador, são capazes de contribuir e orientar a pesquisa e a investigação histórica de modo entusiasmado e preciso. Sobre o exercício da escrita, o compromisso de interpretação da realidade e o conceito de Prática Letrada, comunica Passos (2016):

O exercício das práticas letradas no circuito intelectual de Fortaleza na segunda metade do século XIX foi constatado que diferentes agentes letrados (poetas, romancistas, jornalistas, bacharéis etc.) estiveram junto às campanhas “civilizadoras” (racionalidade sócio-urbana, higienismo,

abolicionismo, controle social e coerção de condutas “não civilizadas”) empreendidas também por outros segmentos sociais, a saber, administradores públicos, comerciantes, médicos, urbanistas etc. (PASSOS, 2016, p. 16)

Por fim, objetivando uma leitura mais precisa e uma compreensão segura e sistematizada das questões desenvolvidas no decurso da pesquisa, segmentamos o texto em três capítulos. No primeiro capítulo, buscamos localizar a doença, neste caso, a varíola, no tempo e no espaço, investindo a análise no exame das condições médicas e sociais de manifestação do morbo entre a sociedade, bem como procuramos compreender o surgimento do profilático da vacina a partir das condições científicas disponíveis à época e as formas de enfrentamento da moléstia.

Já no segundo capítulo, “mergulhamos” nos pormenores relativos à manifestação da varíola no Ceará, principalmente na cidade de Fortaleza. A relação entre a doença, a cidade, a população e a constelação de infortúnios gerados a partir dos momentos de surto, ou os períodos epidêmicos, ganha notoriedade neste momento.

Finalmente, no terceiro e último capítulo, centralizamos nossas discussões e demandas na compreensão das questões que orientam a prática da vacinação ou o serviço de vacinação implementado na cidade de Fortaleza nos primeiros anos do século XX. Os embaraços característicos da empreitada, sobretudo o movimento antivacinação, a recusa ao profilático e a “vacinophobia” também são atribuições que nos interessam neste momento final do trabalho.

## **2 “SOB OS GOLPES DA VARIOLA”: PARADIGMAS CIENTÍFICOS, ENFRENTAMENTO E VACINAÇÃO NO CEARÁ.**

Com o intuito de examinarmos as questões que decorrem e pertencem ao entendimento do que foi a varíola no contexto em estudo, torna-se imprescindível orientarmos nossas discussões e nossa análise para a trajetória ou percurso da doença durante os séculos. Isto quer dizer que, compreender a varíola enquanto problemática central e objeto de nossas indagações, é, antes de tudo, conceber os espaços de manifestação que se estabeleceram na sociedade e, dessa maneira, a quantidade desmedida de esforços e ações suficientemente capazes de pôr um fim ao “terrível mal”.

Busca-se então, assimilar esse panorama da doença enquanto uma mazela que foi capaz, durante vários séculos, de estremecer e abalar as estruturas sociais e sanitárias nos espaços em que promoveu seus infortúnios e assim como os embaraços gerados pela doença, as ações e práticas científicas que permitiram o combate e o enfrentamento à varíola, sobretudo a partir do século XIX.

Logo, o presente capítulo foi dividido em três tópicos, a fim de que possamos elucidar, da melhor maneira, as questões propostas acerca da trajetória da doença bem como seus embates e enfrentamentos e, assim, promover um entendimento contínuo que desperte a curiosidade, a atenção do leitor e, por fim, a compreensão integral acerca da enfermidade.

Neste sentido, no primeiro tópico do capítulo, discutiremos as noções particulares ao entendimento médico ou clínico da doença, isto é, suas causas e consequências, bem como as demais características referentes ao agente causador da enfermidade, objetivando, desse modo, atingir uma noção mais fundamentada no que diz respeito à dimensão de suas querelas e o aparato necessário para o seu enfrentamento no Brasil, e, principalmente no Ceará.

Por conseguinte, no segundo tópico do presente capítulo, trataremos das providências estabelecidas na lida com a doença antes mesmo do recurso da vacina e do processo de vacinação. Além disso, apoiando-se nas ideias e com base nos princípios do desenvolvimento científico, especialmente do século XIX, discutiremos o surgimento da vacina como um importante instrumento balizador dessa difícil e custosa tarefa de extinguir a moléstia dos espaços em que fez morada: ressaltamos as concepções acerca dos diferentes tipos de vacina, a sua posterior presença e contribuição já no cotidiano de luta e enfrentamento da doença e, finalmente, as instituições e organizações responsáveis pelo fabrico e a difusão da vacina antivariólica no Brasil e, sobretudo, no Ceará.

Por fim, no que compete ao entendimento da doença e seus inúmeros embaraços, buscamos analisar e verificar, no terceiro e último tópico deste capítulo, as medidas de combate à varíola adotadas não somente no Brasil como também no Ceará, principalmente. Ou seja, interessa-nos, as dinâmicas e as diligências constituidoras do projeto de combate à moléstia, dentre elas a própria produção da vacina e um projeto de vacinação, firmados, entre outras coisas, nas concepções do higienismo e do sanitarismo e, como defendido, no aperfeiçoamento no progresso científico. Para a realização do referido tópico, contamos, ainda, com o subsídio das informações e dos elementos presentes na narrativa do escritor e farmacêutico Rodolfo Teófilo referente ao cotidiano da doença, sua manifestação e as ações responsáveis por suprimir o “terrível mal” das terras cearenses.

## **2.1 ‘Nos tempos’ da Varíola: contexto e surgimento da moléstia.**

É inegável a importância e a presença da varíola no palco das movimentações em torno da história das doenças, assim como da história da saúde pública no Brasil. Como moléstia, e das mais agressivas, fez-se presente na história da humanidade em muitos séculos, ou desde a antiguidade.

Responsável por estabelecer longos períodos de tormento e inúmeras cicatrizes por onde passou – sejam sociais, sejam físicas – sem dúvida a varíola mostrou-se como uma das mais violentas e expressivas doenças que o mundo já presenciou, sobretudo quando direcionamos nossa atenção e nossa análise aos variados empreendimentos que corroboram e revelam a amplitude que é investigar a varíola e suas consequências no âmbito social, como nos fala Tania Maria Fernandes a respeito da doença:

Com alto grau de letalidade, a varíola dizimou populações, ao longo de séculos, nas formas endêmica e epidêmica. O quadro clínico era gravíssimo e considerado ‘asqueroso’, com pústulas infeccionadas que, naqueles que escapavam com vida, se transformavam em cicatrizes típicas e profundas, localizadas, principalmente, no rosto. (FERNANDES, 2010, p. 15 e 15)

Como já afirmado temos como direcionamento da escrita, as seguintes demandas: as operações científicas no trato e no conhecimento da doença, seu contexto de surgimento e manifestação na sociedade, as experiências históricas que surgem a partir dos desdobramentos da doença e, por fim, as medidas de combate perante a moléstia, especialmente no Ceará.

Contudo, buscando entendimento e o domínio das questões apresentadas até o momento e as que posteriormente vierem a surgir, é essencial que entendamos a constituição da doença em si, seus agentes etiológicos e sintomas, bem como as características dominantes do agente patogênico ou patógeno<sup>1</sup>. Em vista disso, vejamos:

Sobre a origem do nome varíola, o que se conhece é que pode ter surgido em muitos territórios devido à influência romana e durante o apogeu do seu império, uma vez que o radical da palavra – vari, no latim significa “irrupções de botões, pústulas”, que é o sintoma evidente da doença. A varíola era uma doença aguda, causada por um vírus chamado de poxvirus variolae, da família dos ortopoxvirus. Ela ocorria em duas formas e com comportamentos epidemiológicos diferentes, porém as manifestações clínicas são semelhantes. (MARTINS, 2012, p. 35)

Sabe-se atualmente – após um longo e significativo período de estudos e pesquisas científicas –, que a varíola é uma doença viral, ou seja, determinada por um agente virulento capaz de agir de maneira agressiva e perniciosa no organismo do indivíduo infectado. Capaz também de levar a óbito um espantoso número de até 30% dos enfermos, como podemos observar no excerto abaixo:

Varíola é uma doença altamente contagiosa causada pelo vírus orthopoxvirus. A taxa de casos fatais é de cerca de 30%. A infecção natural foi erradicada. A varíola é transmitida de uma pessoa para outra por inalação de gotículas respiratórias ou, de forma menos eficiente, por contato direto. Vestuários ou roupas de cama contaminados também podem transmitir a infecção. A infecção é muito contagiosa durante os primeiros 7 a 10 dias após o aparecimento do exantema. Assim que se formam crostas nas lesões de pele, a contagiosidade declina. (Disponível em: <https://www.msmanuals.com/pt-br/profissional/doenas-infecciosas/virus-pox/variola>. Acesso em: 05 de outubro de 2022.)

Constata-se, por conseguinte, dois tipos principais de manifestação do agente infeccioso, são eles: a varíola major, também conhecida ou chamada de clássica, em que os sintomas, tais como febre, dores pelo corpo e lesões cutâneas – esta já numa fase mais avançada –, apresentam-se de forma mais agressiva e a taxa de letalidade aproxima-se de 30% dos casos em que se manifesta. Há também a manifestação da doença de maneira mais branda, ou menos

---

<sup>1</sup> Agente patogênico é um organismo, microscópico ou não, que produz infecção ou doenças infecciosas nos hospedeiros em condições favoráveis. As bactérias, protozoários, fungos, helmintos e alguns artrópodes são exemplos de agentes patogênicos. São também conhecidos como agente infeccioso ou agente etiológico. Disponível em: <https://www.infoescola.com/microbiologia/agente-patogenico>. Acesso em 05 de outubro de 2022.

grave, chamada de varíola minor, ou como é popularmente lembrada, alastrim. Nesta condição a virulência<sup>2</sup> é inferior ao tipo major (clássica) e a taxa de óbitos aproxima-se de 1%.

Ademais, na constituição desse entendimento perante a varíola e seu surgimento na história, bem como da cronologia de suas evidências e manifestações no decurso dos séculos, o infectologista Antônio Carlos de Castro, em seu texto acerca da história da varíola esclarece que:

Os primeiros relatos da varíola ocorrem a partir da era cristã, principalmente a partir do século IV. A doença tornou-se mais evidente com a grande concentração de pessoas e o surgimento de grandes cidades ao longo dos vales dos rios Nilo (Egito), Tigre e Eufrates (Mesopotâmia), Ganges (Índia), Amarelo e Vermelho (China). Antes desse período, a doença provavelmente ocorria de forma esporádica, devido ao pequeno número de habitantes das cidades. (TOLEDO JR, 2005, p. 59)

Ainda no tocante à disposição da doença pelo mundo e suas ocorrências na história, percebemos desde muito tempo, sua presença em contextos em que é possível visualizar um núcleo coletivo mais pronunciado, sobretudo no que diz respeito a um número elevado de pessoas numa mesma região, seja uma vila, povoado, cidade ou qualquer outro adensamento de indivíduos, concomitante, na grande maioria dos casos, a condições econômicas, sanitárias e sociais desfavoráveis daquele respectivo território. Tendo em vista que:

Entre os séculos XI e XV, a varíola atinge praticamente toda a Europa (exceto a Rússia). Era possível observar dois padrões epidemiológicos distintos. Em grandes cidades, ou em regiões densamente povoadas, ela tinha caráter endêmico, atingindo quase que exclusivamente crianças, com grandes epidemias em intervalos variáveis. Já nas cidades menores e em regiões de baixa densidade populacional, apresentava caráter exclusivamente epidêmico, com surtos ocorrendo de tempos em tempos e atingindo todas as faixas etárias. As piores epidemias ocorreram nos séculos XVII e XVIII. (TOLEDO JR, 2005, p. 60)

No recorte temporal que abrange os séculos XIX e XX, as explicações reservadas a moléstia adquiriram – com a referida evolução da ciência e das diretrizes médicas em voga – ideias, sentidos e explicações distintas. Sendo, muitas vezes, confundida com outras doenças de caráter clínico similares, especialmente nos primeiros anos do seu surgimento e do seu

---

<sup>2</sup> Não por acaso, cada vez mais a palavra virulência faz parte do universo da microbiologia médica. Ao contrário do que pode parecer, esse termo não é intercambiável com patogenicidade. A patogenicidade é um conceito absoluto que determina se uma bactéria é ou não capaz de causar doença em um hospedeiro, enquanto a virulência é uma unidade contínua e se refere à intensidade do dano causado, podendo variar conforme a cepa ou o ambiente em que a interação com o hospedeiro se dá. Disponível em: <https://www.microbiologia.ufrj.br/portal/index.php/en/destaques/novidades-sobre-a-micro/284-o-que-faz-de-um-micro-organismo-um-patogeno>. Acesso em 05 de outubro de 2022.

registro nos manuais médicos e nas práticas medicinais de cura. O que acabou por confundir, diversas vezes seu registro de maneira exata, como podemos perceber no seguinte fragmento:

Sabe-se que, o primeiro diagnóstico médico que diferenciou a varíola do sarampo, que era uma doença a qual tinha diagnóstico semelhante, foi realizado por um médico árabe chamado de Rhazes que viveu entre os anos de 865 e 925 d.C. Rhazes relatou em seus estudos que os sintomas da varíola eram: febre alta, dores nas costas, enrijecimento dos ossos, afonia e escorrimento nasal. Porém, apesar de caracterizar a doença, o médico árabe desconhecia o agente causador, o caráter contagioso e o período de incubação da mesma, fator que impedia um controle eficiente e que permitia a disseminação da varíola por onde o infectado passasse. (MARTINS, 2012, p. 34 e 35)

Objetivando conceber a doença em suas múltiplas particularidades, torna-se imprescindível, a partir de então, conhecermos e considerarmos os penosos e difíceis sintomas da varíola, com o intuito de, primeiramente, dimensionar os agravantes da doença e seus múltiplos sentidos; e, como resultado, alcançar e assimilar as latentes memórias que orbitam ao redor da moléstia nos espaços examinados no presente texto, ou seja, no Brasil e, principalmente, no Ceará.

A varíola maior apresenta um período de 10 a 12 dias de incubação (varia de 7 a 17 dias), seguido por 2 a 3 dias de pródromo, com febre, cefaleia, dor lombar e intenso mal-estar. Algumas vezes, dor abdominal acentuada e vômitos ocorrem. Seguindo o pródromo, lesões maculopapulares se desenvolvem na mucosa orofaríngea, na face e nos membros superiores, disseminando-se logo depois para o tronco e os membros inferiores. As lesões orofaríngeas ulceram-se rapidamente. Após 1 ou 2 dias, as lesões cutâneas tornam-se vesiculares e, em seguida, pustulares. As pústulas são mais densas na face e nas extremidades do que no tronco e podem aparecer nas palmas. São redondas, tensas e parecem estar aderidas profundamente. As lesões de pele da varíola, ao contrário daquelas da varicela, ficam todas na mesma fase de desenvolvimento em uma determinada parte do corpo. Após 8 ou 9 dias, as pústulas transformam-se em crostas. Cicatriz residual acentuada é típica. A taxa de casos fatais é de cerca de 30%. Mortes são resultado de resposta inflamatória maciça, que causa choque e falência de múltiplos órgãos, geralmente na 2ª semana da doença. (Disponível em: <https://www.msmanuals.com/pt-br/profissional/doenas-infecciosas/virus-pox/variola>. Acesso em: 05 de outubro de 2022)

Com a finalidade de inteirar-se das questões lançadas outrora e levando em consideração o fragmento de texto acima, de caráter médico-científico, verificamos a predisposição da doença a assombrar o imaginário popular e, desta maneira, gravar na história dolorosos episódios, quase sempre decorridos ou findados em profundas calamidades públicas e importantes embaraços à sociedade.



Elementos, portanto, constituintes de uma narrativa orientada não somente na na doença em si, como também no exame e na consideração dessas questões e desse cenário caótico em que é possível observar o mal da varíola e suas complicações como um importante balizador dos problemas enfrentados naquele período que corresponde à segunda metade do século XIX e a primeira década do século XX, período este que define nossa linha temporal de investigação.

Problemas estes decorrentes dos infortúnios que acompanham, fielmente, a varíola por onde quer que passe, temos como exemplo, dentre outras coisas, as adversidades nos sistemas de saúde que, até meados do século XIX e início do século XX, enfrentavam uma situação difícil e instável perante, sobretudo, ao desenvolvimento de técnicas de controle e combate à doença – como a prática da vacinação, ou até mesmo uma atuação organizada e diligente das esferas e da administração pública diante da lida com a doença.

E, para além disso, o desconhecimento, bem como a falta de um direcionamento exato, em alguns casos, das causas, dos agentes infecciosos ou epidêmicos e, finalmente, dos agravantes da doença frente a sociedade, pois

Em relação à varíola, porém, uma certeza se tinha, admitia-se e aceitava-se, em geral, ser ela uma doença comunicável. Essa idéia se apoiava na observação direta, mas não respondia todas as dúvidas quanto às origens e natureza das epidemias. Assim, se a varíola tinha uma natureza contagiosa, qual era, e de onde vinha, o elemento comunicável? Como não se conhecia a reposta, muitas eram as especulações e predominava uma mistura de idéias que procurava abranger as várias concepções existentes sobre as doenças. (BARROS, 2010 p. 78)

De acordo com o fragmento acima, verificamos uma certa indefinição e até mesmo uma confusão no que diz respeito ao entendimento perante às predisposições e a natureza da doença, das endemias e, principalmente, das epidemias decorrentes, no caso da nossa pesquisa, da varíola. Como podemos corroborar no trecho a seguir:

Todavia, a insalubridade urbana aliada à precariedade dos serviços de higiene pública do período tornavam a instituição de medidas higiênicas na cidade uma tarefa nada fácil, e nem sempre realizada de forma satisfatória. Nesse sentido, como ao longo do século XIX, as explicações com relação à natureza e difusão das epidemias permaneciam obscuras e especulativas, invocavam-se opiniões que relacionavam as causas das doenças tanto às condições climáticas e terrestres, como ao contágio direto, a um defeito na constituição corporal ou predisposição, etc. (BARROS, 2010 p. 77)

Evidenciamos que as discussões e o desenvolvimento das respostas acerca da doença estavam, sobretudo na segunda metade do século XIX, ainda em progresso e fomento nas

discussões relativas ao conhecimento científico, médico e sanitário – atributos presentes na historiografia da saúde pública no Brasil e também no Ceará.

No decorrer deste mesmo século, muitas descobertas envolvendo o corpo humano permitiram vários avanços da medicina científica, entre elas a descoberta da mitose e da meiose. Porém, mesmo em meio a tantos avanços, havia a necessidade de se conhecer as causas das doenças. Com as descobertas de Koch que, isolou o bacilo da tuberculose e a bactéria causadora da cólera-morbus, a doença, num contexto geral, passou a ser concebida como uma consequência causada a partir da invasão do organismo vivo por agentes estranhos, ou seja, por microorganismos. Esta descoberta permitiu a identificação da causa de diferentes doenças, assim como também diversas maneiras de prevenção contra as mesmas, com a fabricação de vacinas, soros e o desenvolvimento da assepsia. (MARTINS, 2012, p. 32 e 33)

Outro fator que contribuiu para tal raciocínio, foi o fato dos registros acerca da doença, até o século XIX (pelo menos no Ceará) serem, em sua grande maioria, incompletos ou até mesmo inexistentes em muitas regiões. Reforça a questão, o fato de que, com o progresso e as novas diretrizes científicas e médicas em voga, a diferenciação frente a outras doenças e mazelas, apresentava-se, ainda, de maneira embrionária e mesmo limitada no âmbito técnico e laboratorial, de profilaxia e de tratamento do agente infeccioso. Conforme observamos no texto abaixo:

De Contagione et Contagiosis Morbis, que foi passo importante no início do entendimento das doenças infecciosas, como a varíola, a peste e a raiva. Ainda no século XVI, a varíola difundiu-se da Península Ibérica para a costa oeste da África, da América Central e do Sul. No século XVII, a doença atinge a América do Norte e a Rússia. As estimativas de mortes pela varíola são pouco precisas, pois não existia registro formal desses dados vitais, além da possibilidade de sobreposição com outras epidemias. Apenas em 1629, em Londres, iniciou-se o registro oficial da causa mortis (Bills of Mortality), motivado pela peste negra. (TOLEDO JR, 2005, p. 60)

Uma vez que os sintomas de outras doenças infectocontagiosas, como o sarampo, por exemplo, eram bastante similares à varíola: febre, dores pelo corpo e as erupções cutâneas ou manchas vermelhas, juntamente as limitações médico-científicas peculiares dos tempos mais antigos, como a restrição e até mesmo a inexistência de métodos ou recursos apropriados para uma distinção mais correta entre diferentes doenças, distúrbios ou patologias. O que acabava, consequentemente, por dificultar ainda mais o diagnóstico e, dessa maneira, o tratamento da doença, pois:

Sabe-se que, o primeiro diagnóstico médico que diferenciou a varíola do sarampo, que era uma doença a qual tinha diagnóstico semelhante, foi realizado por um médico árabe chamado de Rhazes que viveu entre os anos de 865 e 925 d.C. Rhazes relatou em seus estudos que os sintomas da varíola eram: febre alta, dores nas costas, enrijecimento dos ossos, afonia e escorrimento nasal. Porém, apesar de caracterizar a doença, o médico árabe desconhecia o agente causador, o caráter contagioso e o período de incubação da mesma, fator que impedia um controle eficiente e que permitia a disseminação da varíola por onde o infectado passasse. (LUSTOSA, *apud* MARTINS, 2012, p. 34 e 35)

Verifica-se, assim, uma atuação marcadamente ostensiva da varíola no decurso dos séculos e na história da humanidade, conforme aparece em vários registros. Como verificado na bibliografia elencada, desde a antiguidade constata-se seu aparecimento e suas terríveis e rigorosas manifestações, ao passo que:

A varíola era, portanto, importante problema de saúde pública na Europa, sendo as crianças suas principais vítimas. Em alguns locais, a criança só era considerada como membro da família e recebia seu direito de herança e o nome da família após sobreviver à varíola. A doença atingia a todas as classes sociais, inclusive os nobres [...] (TOLEDO JR, 2005, p. 60)

Notabilizamos, já neste momento, a importância e o valor da ciência nas discussões motivadas pelos problemas ocasionados pela varíola na sociedade. Isto é, a ciência, assim como o progresso científico e racional naquele agitado contexto visualizado no século XIX e início do XX, conduziu as diretrizes e as práticas de caráter higienista e sanitarista, como podemos constatar no Brasil, especificamente no Rio de Janeiro e, dadas às devidas proporções, em Fortaleza.

Um dos inúmeros resultados desse progresso da ciência, como citado acima, é a criação e utilização do processo técnico de vacinação, ou a vacina<sup>3</sup> em si, no combate à peste. Processo este que analisaremos com a devida atenção no próximo tópico do presente capítulo. Segundo Tania Maria Fernandes:

---

<sup>3</sup> De acordo com a Fundação Oswaldo Cruz juntamente com o Instituto de Tecnologia em Imunobiológicos - Bio-Manguinhos, a respeito da vacina: “[...] são substâncias biológicas introduzidas nos corpos das pessoas a fim de protegê-las de doenças. Na prática, elas ativam o sistema imunológico, “ensinando” nosso organismo a reconhecer e combater vírus e bactérias em futuras infecções. Para isso, são compostas por agentes semelhantes aos microrganismos que causam as doenças, por toxinas e componentes desses microrganismos ou pelo próprio agente agressor. Nesse último caso, há versões atenuadas (o vírus ou a bactéria enfraquecidos) ou inativas (o vírus ou a bactéria mortos). Ao ser introduzida no corpo, a vacina estimula o sistema imunológico humano a produzir os anticorpos necessários para evitar o desenvolvimento da doença caso a pessoa venha a ter contato com os vírus ou bactérias que são seus causadores. Disponível em: <https://www.bio.fiocruz.br/index.php/br/noticias/1263-vacinas-as-origens-a-importancia-e-os-novos-debates-sobre-seu-uso?showall=1&limitstart>. Acesso em: 14 de outubro de 2022.

No âmbito das mudanças que marcaram a medicina do século XIX, a varíola e a vacina antivariólica foram incorporadas por meio de estudos, em sua maioria europeus, voltados, sobretudo, para a identificação do agente da varíola e da vacina antivariólica e para a elucidação do ‘mecanismo imunitário’ que as envolve. (FERNANDES, 2010, p. 30)

Importante salientar que, a respeito da manifestação da doença, isto é, da varíola no Brasil, identificamos suas primeiras ocorrências já nos primeiros séculos de colonização portuguesa no território brasileiro. Na medida em que a peste ia tomando conta dos vilarejos e também do cotidiano dos pequenos e dos mais expressivos centros urbanos do país, as marcas da doença iam assumindo seu papel na história das doenças. Sobre a varíola e suas primeiras aparições no Brasil e no Ceará:

Ela foi ao longo dos séculos reconhecida por sua extrema contagiosidade e alta letalidade. Sugere-se que tenha surgido na Índia ou no Egito há mais de três mil anos. No Brasil, registros da doença apareceram em 1562, na Bahia, quando a então chamada peste das bexigas matou cerca de três quartos dos índios aldeados. Daí em diante, ela se espalhou por outras localidades, sendo registrada na região atualmente denominada Ceará a partir de 1642, quando produziu grande devastação entre os índios que habitavam o local. (TORQUATO, *apud* BARROS, 2011, p. 26 e 27)

No primeiro momento, os mais afetados pelo morbo, aqui no Brasil, são as populações indígenas, dada as devidas circunstâncias em que é possível verificar os primeiros contatos com a doença, ou seja, não havia nenhum tipo de “barreira protetora do organismo” perante a moléstia e, ainda, verifica-se a alta taxa de transmissibilidade e a própria mortalidade característica da doença. Nas palavras da médica e pesquisadora Cristina Gurgel, autora do livro *Doenças e curas: o Brasil nos primeiros séculos* acerca da manifestação da varíola entre a população indígena no período colonial brasileiro: “Contudo, nenhuma delas teve efeito tão terrível quanto aquela que se tornou a mais voraz: Mereba-ayba (doença maligna), a varíola.” (GURGEL, 2010, p. 120)

Além disso, para a elucidação dos fatos acima colocados, nos fala Guilherme Studart, ou como é comumente lembrado: Barão de Studart, em seu livro *Climatologia, epidemias e endemias no Ceará*, originalmente publicado em 1909:

Das devastações, que a variola produzia entre os Índios nos primórdios da vida histórica do Ceará e do terror, que entre eles causava, dá justa medida uma carta de 18 de Fevereiro de 1642 escripta pelo Supremo Conselho aos Directores da Companhia Hollandeza: «O mal que sofreram as outras capitanias com a mortandade dos negros, sobreveio a esta capitania do Rio Grande bem como da Parahyba e de Itamaracá com a morte dos índios, pois a enfermidade das bexigas, a mesma que nos tem levado os negros, grassou

tão violentamente entre elles que aldeias inteiras quasi se extinguiram de todo, retirando-se os sobreviventes para os matos por não ousarem permanecer por mais tempo em suas habitações. O seguinte facto patentea quanto esse mai se tem generalizado na America: ao passo que a Bahia não está livre delle, a galeota Amsterdam indo do Maranhão a Cammuci (aldeia que fica no meio do caminho entre o Ceará e o Maranhão) para de passagem e segundo suas instrucções tomar carga de pao malhado não enconttou ahi um so homem são e forçoso foi que partisse sem nada ter feito. Essa enfermidade tambem deu cauza a que os tres navios, de que tratamos na nossa carta anterior não pudessem haver sal em Ipanema, pois os indios, que foram para ali mandados afim de seccar o sal e pollo a bordo dos navios fugiram com “medo da doença. (STUDART, 1997, p. 22)

À medida que avançamos em nossas discussões, a premissa de que a varíola já assombrava o imaginário popular desde os primórdios do período colonial brasileiro, como vimos no excerto acima, apresenta-se como um importante balizador da necessidade de se combater e extinguir o mal da varíola do território cearense, por intermédio do desenvolvimento das práticas e das teorias científicas, traduzidas no preparo e na utilização de uma vacina antivariólica como um dos possíveis e notáveis meios de atenuação da peste, conforme apresenta o médico Guilherme Studart:

A variola penetrou no Ceará e foi o Aracaty o primeiro ponto invadido. Contagiaram-no fugitivos de Mossoró, onde, como em outros logares do Rio Grande, reinava a variola; do Aracaty vieram bandos, e foram contaminados de chofre os abarracamentos de “Fortaleza, a começar pelo do Alto da Pimenta. Foi isso em Setembro. Em breve todas as formas da variola, desde a hemorrhagica muito frequente, e á qual raros escaparam, desde a terrivelmente confluyente até a discreta, todas as variedades, conhecidas entre o povo por pele de lixa, olho de polvo, tabardia, canudo, fogo, cahiram sobre a população em sua obra de exterminio. Não havia casa sem prantos, até no palacio da Presidencia fazia pasto a peste implacavel. Ninguem confiava no dia de amanhã. Só a vaccina mostrava-se sobranceira, victoriosa em meio do naufragio de todas as medicações empregadas. (STUDART, 1997, p. 42 e 43)

De acordo com os escritos considerados anteriormente acerca dos primeiros registros da varíola no Ceará, constatamos o potencial de transmissão da moléstia e a dimensão de suas consequências perante os combalidos que, em determinado momento, tiveram o infortúnio de cruzar seu caminho. Revela-se, da mesma forma e partir do exame das fontes, a implacável expressão da doença na sociedade, indicando, portanto, a inevitabilidade de seu alastramento, a soma, cada vez maior, do número de vítimas fatais.

No Ceará, as marcas de sua presença e os terrores que causou, eram estampados em jornais e periódicos no passar dos anos, evidenciando, dessa forma, as manifestações da doença e, para além disso, uma memória aparente e que ainda causava um certo tipo de inquietude ou medo entre a população. Dentre tais jornais e periódicos, podemos citar, como exemplo, o

periódico citadino *A Evolução: orgam scientifico, literario e noticioso*, de 1888 a 1889, em sua edição de número 19: “Sobre aquelle povo já tão desgraçado cahio o flagello da peste e a variola levou immensidade delles ao tumulo. Foi um horror, uma quadra de soffrimentos sem nome!”

Ao passo que tais episódios tomam uma proporção assustadora no momento em que o Ceará encaminha-se para mais um longo período de seca<sup>4</sup>, referimo-nos à seca que vai de 1877 a 1879, ou como é comumente lembrada: a seca dos três setes. De acordo com o escritor e farmacêutico Rodolfo Teófilo<sup>5</sup>, em seu livro *Varíola e vacinação no Ceará*, de 1904:

Na historia de taes epidemias encontram-se grandes devastações mas nenhuma igual a do Ceará em 1878. Fala ainda hoje com assombro da epidemia da variola, que em 1870 atacou o exercito francez durante a guerra Franco - Prussiana. Esta epidemia foi pequena comparada com a de 1878 em Fortaleza. (TEÓFILO, 1904, p. 5 e 6)

Sobre os acontecimentos anteriormente referidos, isto é, o período que compreende uma das mais notáveis secas no Ceará, evidenciamos o seguinte escrito presentes já nas primeiras páginas do livro, já citado de Guilherme Studart:

A variola acompanhava o cortejo dantesco dessas grandes estiagens. O estado sanitário de Fortaleza, quando se declarou a seca de 1877, era satisfatório. Ocorriam casos de febres, sem diagnósticos precisos e os de variola eram recolhidos ao lazareto da Lagoa Funda. Registrou o pluviômetro, no decorrer dos meses chuvosos, 469 milímetros. Foram sepultados no cemitério da cidade, no decorrer do ano, 2.666 cadáveres e as causas maiores de óbitos registrados foram febres biliosas e disenterias. (STUDART, 1997, p. 03)

Percebemos, a partir da fonte acima elencada, que vários estudiosos cearenses estabelecem uma relação intrínseca entre os laboriosos períodos de estiagem observados no território cearense e as epidemias de variola, principalmente a partir de 1877 até a primeira década do século XX, quando é possível observar um aumento da atividade vacínica na capital

---

<sup>4</sup> A seca é a ausência prolongada de chuvas, sua escassez acentuada ou sua fraca distribuição. Corresponde a um período de tempo seco, suficientemente extenso, que provoque grave desequilíbrio hidrológico. A seca é a forma crônica da estiagem. Para que seja considerada seca, é necessário que o fenômeno tenha consequências no sistema ecológico, econômico, social e cultural, vulneráveis à redução das chuvas. Letras Ambientais “Qual a diferença entre seca e estiagem? Entenda de uma vez por todas”. ISSN 2674-760X. Acessado em: 10 de outubro de 2022. Disponível em: <https://www.letrasambientais.org.br/posts/qual-a-diferenca-entre-seca-e-estiagem-entenda-de-uma-vez-por-todas>

<sup>5</sup> Além de escritor e narrador de alguns dos episódios mais importantes na História do Ceará, dentre eles, o surto de variola, a seca e fome de 1877; Rodolfo Teófilo foi também farmacêutico, professor, sanitarista e inventor de uma série de preparados, como a cajuína e o antídoto contra o veneno de cobras cascavéis, além da própria vacina contra a variola no início do século XX no Ceará. Foi responsável também por empreender, não somente em Fortaleza, mas em outras regiões cearenses, uma estimável campanha de vacinação perante a moléstia. Referenciado e lembrado durante os anos como uma das figuras de maior relevância na conjuntura de combate à variola, Rodolfo Teófilo, sem dúvidas, constitui um elemento importantíssimo nas discussões e na investigação que propomos explorar.

e nos interiores, sobretudo com a figura do sanitista e farmacêutico Rodolfo Teófilo e sua campanha de vacinação que empreendeu no Ceará.

Além disso, embora a problemática da varíola, juntamente com seus embaraços e efeitos calamitosos, estejam presentes de maneira mais intensa na historiografia cearense, especialmente no final do século XIX, ou a partir de 1877, verificamos seu registro já nas primeiras décadas do século XVII.

Há importantes indícios de que a moléstia já se encontrava no imaginário popular e na conjuntura histórica do Ceará, ou seja, integrava o amontoado de problemas e obstáculos na vida da população dos interiores e da capital, correspondendo, dessa maneira, a um transtorno que carecia de uma possível solução, que viria anos depois com o desenvolvimento científico e a técnica no preparo, produção e difusão da vacina antivariólica entre a população cearense. Vejamos:

O reconhecido médico Guilherme Studart elaborou um histórico da presença da varíola na região cearense desde os tempos coloniais, em que registra o aparecimento de surtos desta moléstia na cidade de Fortaleza nos anos de 1804, 1814, 1825, 1845, 1857, 1858, 1859, 1878 e 1890. Desta forma, o conhecimento e o contato com a doença já vinham se constituindo ao longo da história do Ceará. Muitos cearenses já haviam tido experiências com ela. Por isso, entendemos ser relevante analisarmos como era entendida a varíola na época, visto que sua ocorrência, intensidade, propagação e até mesmo as épocas em que costumava se manifestar já eram conhecidas pela população de Fortaleza. (BARROS, 2011, p. 27)

Por fim, com o passar dos anos e o progresso cada vez maior da ciência e do instrumental médico amparado nas práticas de profilaxia em voga no período (final de século XIX e início do XX), a varíola vai perdendo seu potencial de contágio, ou de proliferação entre os indivíduos. Entretanto, tal circunstância só foi possível em virtude do aprimoramento dos métodos de cura relacionados à doença, evidenciamos, dentre outros processos, o traquejo e a experiência da vacinação e, por conseguinte, as ações de vacinação em massa, observadas na primeira década do século XX no Ceará. Questões estas que trataremos no tópico seguinte.

## 2.2 “Tratemos de evitar um mal”: Conhecimento científico, técnica e a produção da vacina antivariólica.

Não havia casa sem prantos, até no palacio da Presidencia fazia pasto a peste implacavel. Ninguém confiava no dia de amanhã. Só a vaccina mostrava-se sobranceira, victoriosa em meio do naufragio de todas as medicações empregadas.<sup>6</sup> (STUDART, 1997, p 43).

Desde o surgimento da varíola e sua consequente disseminação pelo mundo, o ser humano é estimulado a buscar algum tipo de solução para o terrível mal. Dado seus efeitos temíveis e, muitas vezes, fatais, a busca por uma solução do problema perpassou os séculos, as conjunturas históricas em que marcou presença e, acima de tudo, o imaginário dos homens.

Os indivíduos passam, então, a reorganizarem-se na tentativa de barrar ou pelo menos atenuar os graves efeitos da moléstia. Surge, a partir daí, o lampejo do desenvolvimento das técnicas de controle e combate à doença, sobre a égide da ciência e do progresso científico, especialmente e, de maneira mais perceptível, no decurso do século XIX, visto que:

A tentativa de se evitar o contágio e conseqüentemente, a disseminação variólica é uma prática milenar. Os métodos preventivos desenvolvidos no Oriente consistiam em produzir em pessoas saudáveis a enfermidade de forma atenuada, considerando-se que a mesma só atingia a pessoa uma vez. (MARTINS, 2012, p. 36 e 37)

Acresce a isso, as novas formas de constituição e organização dos núcleos urbanos, isto é, o aumento populacional, que ia diretamente de encontro às recém-chegadas teses higienistas e sanitaristas presentes não só na capital brasileira, isto é, o Rio de Janeiro, como também na capital cearense, Fortaleza.

São comuns nesses ambientes a propagação de inúmeras doenças que, tendo como uma das principais características a presença de um agente infeccioso altamente transmissível – como é o caso da varíola, o sarampo e a febre amarela – bem como uma falta de tratamento médico de caráter coletivo ou público eficiente; o crescimento populacional desenfreado nas cidades e, aliado a isso tudo, o desconhecimento parcial das causas e formas de atenuação e supressão do morbo, possibilitou o surgimento, sobretudo de epidemias de varíola, mas

---

<sup>6</sup> Trecho presente na obra originalmente publicada em 1909 chamada: “Climatologia, epidemias e endemias no Ceará” de autoria de Guilherme Studart, ou Barão de Studart, afamado médico cearense, acerca da varíola no Ceará. (STUDART, 1997, p. 43)



também de endemias, pelos núcleos citadinos do Ceará. A ciência, mais do que nunca, deveria vir à tona e trazer a luz sobre o problema

Inicialmente as estratégias de controle dos sujeitos são claramente percebidas na urbe. A partir de seu crescimento demográfico desordenado, gerado pela migração de retirantes que “fugiam” da seca de 1877. Com a chegada destes “novos sujeitos” a capital cearense, algumas atitudes administrativas foram tomadas, entre elas: a construção de abarracamentos para os retirantes, a criação de comissões de socorros, limpeza das ruas; e medidas preventivas no caso de possíveis epidemias (reabertura de lazaretos, reformas e construções de cemitérios). (MARTINS, 2012, p. 27 e 28)

Evidenciou-se, dessa maneira, a participação da ciência como o motor do progresso e da edificação de um projeto social que se constituiu naquele momento, não só em Fortaleza, como também em outras capitais do Brasil. Estes projetos consideravam as noções do cientificismo e das práticas médicas como um norte na construção de uma cidade mais “civilizada” e harmônica perante as convenções e modelos do higienismo<sup>7</sup> e do sanitarismo em ascensão, pois

A requisição de medidas enérgicas em relação à inspeção da limpeza pública, visando evitar maiores transtornos para a população quanto ao desenvolvimento da varíola no espaço urbano, parece ligada à ideia de que a doença desenvolve-se mais facilmente em um ambiente insalubre, sendo o asseio um meio eficaz de impedir a propagação de uma epidemia. Tal pensamento encontrava justificativa e repercussão dentro de um contexto marcado por um desenvolvimento urbano desordenado. (BARROS, 2011, p. 33)

A composição do pensamento científico acerca da doença toma forma com o advento de práticas – ainda que num primeiro momento rudimentares e limitadas, de combate à doença. Dentre elas, podemos ressaltar: o isolamento dos indivíduos doentes, com o objetivo básico de barrar a disseminação da doença, a criação de abarracamentos<sup>8</sup>, como forma de recolher e isolar os variolosos do ambiente da urbe e, notadamente, a variolização, como primeira medida de providência, ou antecipação da doença. Segundo Tania Maria Fernandes, a respeito das práticas de combate a varíola e a técnica intitulada variolização:

---

<sup>7</sup> Fenômeno caracterizado pela atenção perante as demandas sanitárias e sociais que se apresentavam nos núcleos urbanos em desenvolvimento naquele período (século XIX e XX). Tal movimento era associado a práticas médicas, sobretudo as que objetivavam uma intervenção diante das doenças e epidemias que se proliferavam naquele momento e um controle social marcadamente característico. (FERNANDES, 2010); (CHALHOUB, 2017).

<sup>8</sup> Locais destinados ao envio dos retirantes ou flagelados e os indivíduos enfermos, em sua maioria acometidos pelo mal da varíola, sobretudo no período que corresponde às secas de 1877 a 1879 em Fortaleza. (BARROS, 2011)

Várias foram as tentativas de controlar sua expansão, tomando como base a percepção de que existia uma forma branda da doença e de que algumas pessoas se mostravam resistentes a ela, mesmo diante de contato próximo com enfermos. A constatação da transmissibilidade e da imunidade, próprias da doença, impulsionou a disseminação de técnicas que buscavam evitar sua forma mais grave a partir da implantação, no homem sadio, do vírus variólico contido na secreção retirada das pústulas de pessoas doentes. (FERNANDES, 2010, p. 16)

Observamos a partir do conhecimento científico e da compreensão de técnicas de imunização, a possibilidade de se utilizar o vírus variólico como ferramenta no processo de defesa do organismo perante o agente infeccioso, isto é, a varíola em si. Este processo, também chamado de variolização, inaugura, de certa forma, o progresso científico contemporâneo que compreende a busca por uma solução e um desfecho no que se refere à varíola.

A posteriori, com o passar dos anos e o avanço de tais práticas, a variolização daria lugar para a vacina antivariólica – esta mais segura, mais estável e mais duradoura. Segundo explica Tania Maria Fernandes, em seu livro: “Vacina Antivariólica: ciência, técnica e o poder dos homens, 1808- 1920”:

A variolização, inoculação, transplantação e vacinação se constituíam na implantação de agentes virais semelhantes (vírus da varíola e do cow-pox), que produziam pústulas locais similares e que podiam induzir a fabricação de anticorpos capazes de imunizar o organismo contra as duas doenças. A diferença entre elas, além da identidade do vírus, se constituía no fato de as três primeiras pautarem-se na aplicação do vírus da doença humana in natura (sem atenuação de sua virulência), passível de provocar a doença em qualquer de suas formas (branda e letal) e de viabilizar tanto a imunidade individual quanto a disseminação da doença. A vacina antivariólica, ao contrário, tinha como base a aplicação do vírus do cow-pox, que produzia imunidade tanto para a doença do bovino quanto para a varíola. Sua criação é atribuída à Jenner e se constituía da aplicação subsequente, de pessoa a pessoa, do germe multiplicado a partir de tais aplicações. (FERNANDES, 2010, p. 16).

Compreendemos, dessa maneira, e como funcionamento do processo denominado de variolização, a presença do vírus variólico (ou material similar ao agente infeccioso) sendo administrado no organismo do indivíduo com o intuito de imunizar o mesmo, isto é, correspondia a um procedimento comparado ao da vacinação em si, ou a vacina antivariólica, como citado anteriormente. Tendo como base a variolização e a sua manifestação no Brasil, informa Sidney Chalhoub, em sua célebre obra “Cidade febril: cortiços e epidemias na corte imperial”:

No Brasil colonial, há duas escassas referências a missionários que tentaram o método na região amazônica em meados do século XVIII, mas não há

notícias de que a iniciativa tenha tido continuidade. A situação começou a mudar apenas no final da década de 1790, já tão às vésperas da descoberta e propagação do método jenneriano – a vacina propriamente dita – queas tardias tentativas das autoridades portuguesas em adotar a variolização no Brasil frequentemente se confundem com as controvérsias a respeito de quando e como a vacina foi introduzida no país pela primeira vez. (CHALHOUB, 2017, p. 105)

Porém, tal processo apresentava alguns riscos tanto a saúde do indivíduo – dado a incerteza da manifestação do morbo – se apresentaria uma forma mais fraca ou uma forma mais agressiva da varíola no organismo e, quanto, e num dos piores cenários, a promoção e o espargimento, ou a disseminação da doença a outros indivíduos. Conforme observado no trecho abaixo:

Na tentativa desesperada de livrar-se da doença, tentava-se a variolização, técnica milenar oriental que expunha pessoas sadias a material retirado de lesões variolosas. A variolização baseava-se na constatação de que os sobreviventes a essa forma de contágio não estavam sujeitos a novas infecções. Essa técnica, entretanto, acarretava altos índices de mortalidade, já que o inoculado podia desenvolver diferentes manifestações da doença, mesmo se o material das pústulas variolosas tivesse sido obtido de indivíduos com a forma branda da varíola. (GURGEL, 2010, p. 129)

Surgia, a partir de então, um método transformador no âmbito das práticas médicas e do desenvolvimento científico no mundo, método este que, fundamentalmente, interessa e acompanha nossa investigação: a vacinação. Porém, como balizador dessas práticas que, em síntese, norteiam a historiografia da saúde pública e a história das doenças, e em contato com a literatura acerca da questão, notamos técnicas anteriores à vacinação que tinha como objetivo, igualmente, a mediação e a prevenção à varíola, conforme nos fala o professor e historiador Sidney Chalhoub:

A história do combate à varíola é a história da inoculação e, posteriormente, da vacina, e suas origens perdem-se na noite dos tempos. A idéia da inoculação do pus variólico originou-se provavelmente da crença, presente em tradições de medicina popular em várias partes do mundo desde a mais remota antiguidade, de que certas doenças poderiam ser evitadas através da aplicação de material similar à moléstia que se queria prevenir – tal aplicação poderia ser natural, ritualística, ou uma combinação de ambas as coisas, como ocorreu com frequência no caso da inoculação pus variólico ou variolização. (CHALHOUB, 2017, p. 102)

Percebemos, com base no escrito de Chalhoub, a constatação de que a prática da variolização já era de conhecimento das civilizações mais antigas, associada, como vimos, a experiências ritualísticas que diferenciam-se de acordo com cada cultura, cada povo e a cada

período histórico. Podemos empreender, da mesma forma, a constituição ou introdução do processo ou artifício da vacinação como um balizador da modernidade experienciada, em especial, no século XIX, evidenciando, portanto, esse desenvolvimento da ciência e da técnica na lida com a varíola no Ceará, culminando, já no século XX, na extinção do mal das terras alencarinas. Sobre as primeiras técnicas observadas no combate a varíola durante os séculos, retoma Chalhoub:

Sabe-se qual a técnica de variolização adotada pelos hindus. Eles guardavam durante certo tempo as roupas contaminadas pelos variolosos para depois aplicar pedacinhos do seu pano sobre as escarificações feitas intencionalmente na pele dos indivíduos sãos. Tal procedimento sugere tanto o conhecimento empírico das vantagens profiláticas da inoculação do pus como a observação de que era desejável obter uma atenuação do agente da moléstia pelo uso tardio dos fragmentos das roupas. Por volta do ano 1000, práticos chineses coletavam as crostas das feridas dos variolosos, reduziam-nas a pó, e então sopravam alguns grãos, às vezes com o auxílio de um tubo de bambu, nas narinas de pessoas em busca de proteção. Hindus e chineses tinham observado a possibilidade de adquirir imunidade contra certas doenças, e haviam entendido que, se determinada moléstia grave normalmente atacava um indivíduo apenas uma vez, era altamente desejável provocar um ataque atenuado do mal para assegurar a proteção das vítimas em potencial. (CHALHOUB, 2017, p. 103)

Seja por meio do método da inoculação ou variolização, seja através da prática e da técnica da vacinação como um estágio mais avançado e difundido pelo mundo, a história da varíola é, essencialmente, a história da busca pela proteção do indivíduo e do coletivo que faz parte. É, notadamente, a diligência e a imposição de se localizar e garantir as medidas de prevenção e imunização dos indivíduos durante as epidemias e endemias de varíola no decurso dos anos.

Procura essa que, com o impulsionamento científico verificado no século XIX e início do XX, a difusão da linfa vacínica e a iniciativa de personagens ilustres, como é o caso do farmacêutico e sanitarista Rodolfo Teófilo e sua campanha de vacinação no Ceará, encontra um caminho mais propício e desprendido das amarras e dos temores da varíola, logrando êxito, não só no Ceará mas em boa parte do mundo, desde o início do século XX, na tarefa de suprimir a moléstia de uma vez por todas.

No que se refere aos últimos momentos do processo de variolização como uma das técnicas principais no combate e na lida com a varíola e, de maneira subsequente, o processo elaborado por Edward Jenner chamado de vacina, nos fala Fernandes:

As experiências de Jenner vieram, na realidade, alterar uma prática bastante remota: a ‘variolização’, que teve sua origem provavelmente na China, tendo-se difundido na Europa a partir do século XVI. Essa técnica baseava-se na constatação de que os indivíduos que sobreviviam à varíola não mais a contraíam e que sua implantação artificial no organismo humano poderia provocar defesa contra a doença. A par dessa constatação, já se sabia que a varíola podia assumir uma forma benigna, conhecida como variolóide. Isso fez com que se desenvolvessem modelos de transmissão da varíola a partir dessa forma, julgando-se possível reproduzir a doença em sua expressão similar, igualmente benigna. A ampla propagação da técnica de variolização, no entanto, acabou mostrando que esse processo permitia o desenvolvimento das diferentes manifestações da doença, independentemente da forma original, e sua aplicação atingia altos índices de mortalidade nos indivíduos inoculados. Cada inoculação poderia, na realidade, originar um doente, que, além de se expor aos riscos da varíola na sua forma confluyente e letal, tornava-se um agente de difusão da doença. (FERNANDES, 2010, p. 31)

Com relação ao processo de criação e produção da vacina e, conseqüentemente, do método de vacinação visto acima, evocamos a figura do médico Edward Jenner como importante personagem nas discussões propostas no presente trabalho e, igualmente, nas páginas da historiografia médica e da história das doenças. No tocante a figura do médico e no que diz respeito a produção da vacina e sua contribuição à ciência, verificamos a relevância de seu trabalho em escritos no Brasil já na primeira metade do século XIX, indicando a emergência e a presença de discussões e demandas científicas direcionadas ao combate à varíola e à técnica de vacinação, conforme observamos em uma dissertação<sup>9</sup> do ano de 1842, de autoria de José Joaquim Rodrigues, então médico em Salvador na Bahia, acerca da problemática da varíola bem como suas questões científicas e a produção da vacina:

Eduardo Jenner, que deve ser admirado, como um ente prestantíssimo á Sociedade, e um verdadeiro philanthropo, vivia, como Medico em Berkley; ahi exercia com successo, e grande voga, a nobre e alta sciencia de prolongar a vida, e fez pelos annos de 1775 no Condado de Glowcester (onde era elle encarregado de inocular a bexiga, e donde também era natural) esta constante observação [...] (RODRIGUES, 1842, p. 01)

Quanto ao trabalho de Jenner, salientamos a criação e a produção, a partir de observações e experimentações realizadas com base no contato de camponeses com a vacina – como era chamada a doença similar a varíola nas vacas, esta mais branda, do imunizante contra a varíola, também chamado de vacina (CHALHOUB, 2017). Isto é, percebeu-se que, com o

---

<sup>9</sup> RODRIGUES, José Joaquim. **Dissertação inaugural sobre a vaccina, ou variola vaccinal, considerada como preservativo da bexiga.** Bahia [Salvador, BA]: Typ. do C. Mercantil, de M.L. Velloso, 1842. [6], 48, [2] p., 22 cm. Disponível em: [http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo\\_digital/div\\_obrasgerais/drg1621718/drg1621718.pd](http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo_digital/div_obrasgerais/drg1621718/drg1621718.pd). Acesso em: 20 out. 2022.

contato com as pústulas das vacas doentes, ou o vírus bovino, os mesmos não contraíam mais a varíola, ou sua forma mais grave, processo esse que levou, após os estudos de Edward Jenner, a teorização e elaboração de uma linfa vacínica<sup>10</sup>, que viria a substituir o processo já descrito da variolização. À respeito do médico e cientista Edward Jenner e a criação da vacina, esclarece Sidney Chalhoub:

Por outro lado, em fins do século XVIII era comum entre camponeses ingleses a idéia de que indivíduos que trabalhavam no trato do gado, especialmente aqueles que se ocupavam em ordenhar vacas, não contraíam a varíola. O dr. Edward Jenner parece ter interessado por essa crença popular pela primeira vez na década de 1770, quando uma camponesa lhe disse que “não corria o risco de contrair varíola porque havia tido vacina” (“I cannot take smallpox for i have had cowpox”). A vacina é uma doença que ocorre ocasionalmente nas vacas, consistindo em ulcerações, altamente contagiosas, que se formam nos úberes desses animais. Jenner passou a pesquisar o assunto e notou que, com efeito, certos indivíduos que se ocupavam de ordenhar vacas não contraíam a varíola nas grandes inoculações de bexigas que se realizavam no reino a cada ano. Soube depois que tais pessoas, tendo esfoladuras nos dedos, contraíam botões semelhantes ao cowpox das vacas. Chegou assim a hipótese, que já lhe fora sugerida pela camponesa, de que o indivíduo que contraía o cowpox adquiria imunidade contra a varíola. Realizou então experimentos – aplicação de vacina e, depois de um certo período, inoculação de pus variólico na mesma pessoa para comprovar a imunização [...] (CHALHOUB, 2017, p. 106)

Ou seja, essa nova descoberta científica viria para revolucionar não só o campo médico como também a ciência e o conhecimento científico de modo geral a partir do final do século XVIII, com a publicação do seu trabalho na Academia de Ciências do Reino Unido: “[...] após anos de paciente observação, apresentou os resultados de seu trabalho num livreto publicado em 1798. A medicina popular camponesa estava correta, e dera a Jenner a pista para a descoberta da vacina antivariólica.” (CHALHOUB, 2017, p. 103).

Todavia, apesar de atualmente representar um avanço gigantesco das práticas médicas e do cientificismo do séculos XIX e XX, a vacina de Jenner trouxe com ela novos debates acerca da segurança e confiabilidade do até então inédito método de imunização<sup>11</sup>. A técnica,

<sup>10</sup> A vacina se difundiu por quase todos os países do mundo mais de um século antes da incorporação do método experimental à medicina, ao término do século XVIII, da elucidação do processo imunológico e da fabricação de vacinas em escala industrial, que só ocorreram no século XX. (FERNANDES, 2010, p. 16)

<sup>11</sup> É preciso destacar que o conceito de imunidade, que explicaria o fenômeno da vacina, não havia sido ainda construído e que o instrumental responsável pela comprovação da hipótese de Jenner resumia-se na reprodução de fatos, observados anteriormente em condições naturais, pela inoculação em indivíduos. (FERNANDES, 2010, p. 32)

dessa forma, seria recebida com desconfiança e estranhamento pela comunidade médica do período<sup>12</sup>, conforme esclarece Cristina Gurgel:

Das pústulas humanas era retirado novamente o produto que serviria para novas inoculações, surgindo assim uma cadeia de imunização. Jenner chamou esse produto de vaccine (“da vaca”), o qual foi inicialmente recebido com descrédito pela comunidade médica e leiga – a descrição de seu primeiro experimento chegou a ser recusada pela Sociedade Real da Inglaterra. Superados receios e dificuldades, a vacina acabou sendo difundida por toda a Europa, chegando ao Brasil no início do século XIX. (GURGEL, 2010, p. 130)

No Brasil, a difusão da linfa vacínica e um processo de vacinação em massa, só seria possível de se observar em meados do século XIX, e com bastante ressalvas<sup>13</sup>. Cabe evidenciar no cerne de nossas discussões, a contribuição dos ideais cientificistas em voga no Brasil naquele decurso de século XIX e as novidades provenientes de uma agenda higienista e sanitaria em evolução até aquele momento, sobretudo nos núcleos urbanos e nas capitais do país, como é o caso de Fortaleza. Entretanto, acerca da vacina antivariólica, nos fala Gurgel (2010):

A vacina, apesar de introduzida em 1804, começou a ser empregada com certa regularidade no Brasil somente em 1811. Um o encontro de dois mundos impulso na vacinação ocorreu por volta de 1840 com a chegada de amostras do vírus, mas inicialmente era utilizada apenas para a proteção de famílias nobres. Tornou-se obrigatória em todos os municípios do país por um decreto imperial de 1846, mas dificuldades materiais inviabilizaram o projeto. A obrigatoriedade retornou em São Paulo em 1891, treze anos antes do mesmo ocorrer na então capital federal, o Rio de Janeiro. (GURGEL, 2010, p. 131)

Logo, podemos concluir que o surgimento e a consequente difusão da vacina antivariólica não somente no Ceará como no restante do Brasil, acompanhou o desenvolvimento técnico-científico, verificado, dentre outras coisas, nos novos meios de produção da linfa vacínica, na aplicabilidade entre as pessoas, na concretude de sua eficácia no organismo vacinado e a posterior consolidação da campanha de supressão do mal da varíola, ou a campanha de vacinação, como é comumente lembrada nos compêndios historiográficos da doença, uma vez que:

No fim do século XIX e início do século XX, com a consolidação das experiências laboratoriais, tomam vulto, nas publicações e nos debates, outros

<sup>12</sup> Ainda assim, tal fato não representou um grande empecilho no completo desenvolvimento e, portanto, na propagação da vacina pelo mundo.

<sup>13</sup> Um projeto de imunização amplo, ou coletivo, só seria possível de se verificar em meados do século XX, assim como a produção industrial da vacina.

temas e métodos que se voltavam para a identificação do vírus responsável pela doença, para o desenvolvimento de novas técnicas de produção e aplicação da vacina e para a compreensão do processo que originava a imunidade. (FERNANDES, 2010, p. 19)

Ademais, apesar da notoriedade e da aplicabilidade elogiável da vacina de Jenner no período, a mesma apresentava algumas limitações e até mesmos problemas na sua constituição enquanto imunizante e medida capaz de sobrepujar a temida varíola. A moléstia mostrava, mais uma vez, a sua capacidade de levar o temor aos indivíduos, na medida em que, com o passar do tempo, desde a aplicação da vacina (chamada de jenneriana ou humanizada), a eficácia da linfa ia perdendo seus efeitos imunizantes:

Cerca de vinte anos depois de sua descoberta, percebeu-se que algum tempo após a inoculação, a vacina perdia seu efeito imunitário, proporcionando discussões e novas experiências, na tentativa de reativá-la. Em 1840, como resultado desse processo de investigação, recuperou-se o cow-pox original, tendo início uma nova etapa da imunização antivariólica, com a utilização da vacina retirada diretamente da pústula da vaca e inoculada no homem. Iniciava-se a era da ‘vacina animal’. Não obstante a comprovação de sua eficácia, a vacina animal demorou mais de vinte anos para difundir-se fora de seu país de origem. Restringiu-se à Itália até 1864, quando foi apresentada no Congresso Médico de Lyon, que serviu como fórum propagandista da vacina animal. Gabiati e Nigri discutiram os resultados de suas experiências com a vacinação em Nápoles, tendo sido aprovada e, a partir daí, difundida em outros países, chegando ao Brasil somente em 1887. (FERNANDES, 2010, p. 32 e 33)

Apresentava-se ao mundo, a partir novamente das movimentações e do exercício da ciência, a vacina animal como baluarte dessa vigente cruzada contra a varíola. Era a ciência brindando seu progresso entre os homens. A técnica de fabrico da linfa mudaria não somente os rumos da doença como também o destino dos milhares de indivíduos acometidos pelo mal, assim como o amadurecimento das práticas medicinais e o crescimento do projeto civilizatório da época, observado nas estruturas urbanas e citadinas de então, que encontravam nas grandes epidemias de varíola e outras mais doenças, o entrave e os embaraços capazes de barrar tal projeto modernizador, posto que:

A mudança na técnica de produção da vacina antivariólica, a partir de 1840, eliminando o homem como seu ‘instrumento’, é a diferença básica observada entre as duas vacinas – jenneriana e animal –, pois conceitualmente têm a mesma lógica: uma doença produzindo imunidade para outra semelhante. A vacina de origem animal consiste, na realidade, numa mudança técnica da vacina de Jenner, uma vez que é igualmente produzida a partir do cow-pox. (FERNANDES, 2010, p. 34)



Tendo como base a importância da vacina de Jenner na conjuntura contemplada naquele início de século XIX não somente no Brasil como no mundo todo, isto é, o processo gradual de desenvolvimento dos estudos e técnicas direcionadas ao combate a doença, como é o caso da vacina jenneriana ou até mesmo a vacina animal, aliado às medidas de higiene pública e ação social do período, a identificação do agente infeccioso causador, o levantamento estatístico acerca do número de casos da moléstia e sua contaminação, a influência do ambiente na evolução do morbo e, por conseguinte, as medidas mais eficientes para sanar o problema, dentre elas a própria vacina animal<sup>14</sup> – esta como uma evolução da vacina desenvolvida por Jenner e mundialmente difundida, a responsável por romper os dolorosos anos de epidemia de varíola e iniciar um prolongado processo de vacinação em massa no Ceará, sobretudo a partir de 1900. Assim:

A vacina continuou a ser produzida em grande escala preferencialmente em vitelos, apesar de várias pesquisas tentarem levar sua produção para meios de cultura, embrião de galinha ou mesmo outros animais, principalmente o coelho. O aprofundamento teórico e experimental presente nos últimos anos do século XIX proporcionou alterações no âmbito da técnica de produção da vacina, introduzindo alguns procedimentos na etapa posterior à retirada da secreção das pústulas do vitelo. Agentes físicos e químicos foram indicados para purificação, atenuação e conservação. Buscava-se, com isso, o domínio sobre o imunoterápico fora do organismo humano, que passou a não ser mais considerado o único meio de experimentação e, sim, de aplicação terapêutica depois de comprovada a eficiência em cobaias ou *in vitro*. (FERNANDES, 2010, p.38)

Ainda que a vacina animal carregasse consigo as marcas do progresso científico e experimental que acompanhou o desenrolar da doença, visto que era um método que havia se originado a partir da vacina humanizada, com atributos que evidenciam uma segurança maior ao vacinado e uma eficácia superior ao antigo método jenneriano – uma vez que a técnica elaborada por Edward Jenner “(...)possuía uma série de inconvenientes. Ela tinha seu efeito diminuído com o tempo e a reinoculação em humanos poderia causar a transmissão de outras doenças, como a sífilis e a tuberculose. (GURGEL, 2010, p. 131)<sup>15</sup>, além disso tudo, apresentava uma importante questão ainda não resolvida completamente:

---

<sup>14</sup> Não se conheciam, ainda, o agente etiológico da doença nem o princípio do processo imunizante. Assim, a eficácia da técnica de vacinação só podia ser comprovada por meio de verificações estatísticas, que indicavam que a vacina animal possuía maior atividade do que a humana. Além disso, era descrita como de aplicação menos agressiva, pois se eliminava a fase de extração da linfa no homem, narrada como extremamente dolorosa. (FERNANDES, 2010, p. 34)

<sup>15</sup> O método utilizado nos primórdios da criação e, consequente, da aplicação da vacina jenneriana, baseava-se na inoculação da linfa vacínica a partir do procedimento conhecido como “braço a braço” em meio a “cadeia de imunização” que constituía o processo integral de aplicação do profilático. Esse processo era acometido por algumas intempéries características à época, como por exemplo: a transmissão de outras enfermidades, como a

A utilização da vacina de origem bovina, no entanto, não resolveu o problema da limitação do tempo da ação vacinal, comprovando-se a perda do poder imunizante ao longo de determinado período. A defesa contra a doença é temporária, tanto na vacina humanizada como na de origem animal. A nova vacina solucionou, porém, a questão da desativação do vírus da vacina humanizada, que se dava pela passagem progressiva de ‘braço a braço’, conforme pôde ser comprovado posteriormente. Como solução para o problema das duas vacinas, passou-se a indicar a revacinação periódica a partir da primeira inoculação, o que provocou grandes polêmicas e questionamentos. Se já era difícil convencer a população a vacinar-se, mais complexo tornava-se o convencimento no caso da revacinação, entendida como uma indicação de falha técnica na aplicação da primeira dose. (FERNANDES, 2010, p. 35)

Desse modo, a partir do fragmento acima elencado, um problema recorrente nos estudos e na experiência histórica do processo de aprimoramento e incremento da vacina e da vacinação: a dissipação da capacidade imunológica, no organismo do indivíduo vacinado, a vacina, ou da vacinação em si, especialmente na vacina de Jenner. Como podemos constatar nas páginas do jornal *O Retirante*, na edição de número 3 do ano de 1877, na coluna intitulada *A varíola*:

Ao lazareto da Lagôa - Funda já se tem recolhido varios bexiguentos; e, á não tornarem-se mais energicas e promptas as medidas, em breve teremos um novo inimigo á combater. A par da fome a peste! Parece-nos insufficientes as providencias tomadas n'este sentido. O medico encarregado d'esse serviço não póde por si só dar conta da tarefa, e muito menos limitando-se á vaccinar nas quintas-feiras á quem expontaneamente procura o preservativo. Si a vaccina só preserva até certo tempo, e a revaccinação é, na opinião dos competentes, uma necessidade: é muito sabido que rarissimos e quasi sempre benignos são os casos de variola entre os vaccinados.

Em se tratando da trajetória da varíola e sua capacidade de levar infortúnios por onde quer que passe, estaria a moléstia, mais uma vez, afirmando seu domínio entre os homens? A ciência, gradativamente – e como reduto das esperanças materiais do fim da varíola –, tendo na vacina seu baluarte, experimentaria as habilidades e as competências imprescindíveis na lida e no enfrentamento à doença?

Embora a produção da linfa estivesse em vias de uma plena ascensão das técnicas de manejo e um progresso no âmbito científico, o que se podia observar na prática e em muitos casos – inclusive em Fortaleza – era uma contramão ao processo de estabelecimento e concretização do projeto vacínico no Brasil. Sobre a varíola e a vacina em Fortaleza, escreve o

---

sífilis (bastante comum na época), dada as devidas limitações médicas e sanitárias peculiaridades aquela conjuntura sobre o potencial de transmissibilidade e contágio das morbididades de indivíduo para indivíduo.

sanitarista Rodolfo Teófilo: “Não tínhamos um instituto vaccinogenico e a lympha vaccinica, que nos era enviada de tempos a tempos pela repartição de Hygiene Publica do Rio de Janeiro, raramente dava resultado.” (TEÓFILO, 1904, p. 8).

Percebemos a partir de então, uma não aceitação imediata e “calorosa” por parte da população de modo geral, como era de se esperar, dado o cenário conturbado de epidemias e endemias de varíola pelo país e o saldo de vítimas que a acompanhavam. Outro fator importantíssimo nessa questão, como observado anteriormente no escrito de Teófilo, seria a qualidade da vacina naquele período, ainda na segunda metade do século XIX, que em sua maioria advinha de institutos responsáveis pela manufatura do imunizante no Rio de Janeiro – conforme podemos constatar em relatórios de Presidente do Estado – como por exemplo, em mensagem dirigida à Assembleia Legislativa do Ceará no ano de 1893, pelo então Presidente do Estado Tenente Coronel Dr. José Freire Bezerril Fontenelle, em sessão própria intitulada: *Hygiene Publica* em que afirma: “É verdade que o nosso serviço de vacinação é deficiente e imperfeito visto como havemos lympha vaccinica da Capital Federal ou do Exterior, e esta que nos é remetida nem sempre é proveitosa, si bem que venha com o cunho de garantida e excellente.”

Isso se devia – de acordo com Rodolfo Teófilo em seu livro “*Variola e vacinação no Ceará*”, de 1904 – ao deslocamento, ou ao transporte dessa vacina para regiões mais longínquas, como era o caso do Ceará e Fortaleza, dado o clima quente e tropical dessas áreas, revelando a sua ineficácia em diversos momentos da história da varíola no Ceará, conforme estabelece e afirma o médico Guilherme Studart em estudo sobre a varíola:

A Inspectoria de Saude em seu Relatorio de Outubro de 1868, tratando do apparecimento de uma pequena epidemia de variola, attribuiu-a à falta de vaccinação e á má qualidade da vaccina remetida do Rio de Janeiro e ajuntou que em ninguem ella dera resultado; da ruim qualidade e inefficacia da lympha falam tambem muitos outros Relatorios anteriores e posteriores a aquelle; não foi, porem, esse o obice unico que tiveram de enfrentar os medicos em 1878, tenaz e invencivel obstaculo foi a repugnancia do povo em àcceptar o preservativo. Debalde pregavam os padres sobre suas vantagens, debalde apregoavam os medicos sua necessidade; ia-se até aos meios de coacção, ás medidas de rigor; tudo improficuo; não: queriam introduzir a peste no corpo e nisto ficavam. Para demonstrar o limitado numero dos que se submeteram à operação tão simples e tão salvadora basta citar entre muitos o seguinte facto: no mez de Novembro entraram para o Lazareto de S. Sebastião 875 variolosos e desses eram vaccinados apenas 32. E nenhum dos vaccinados succumbiu. (STUDART, 1997, p. 42)

Com as discussões acerca do processo de elaboração bem como de fabricação da linfa vacínica e as demandas perante a prescrição de uma segunda dose, ou a revacinação para uma

completa proteção dos indivíduos vacinados, surge então a necessidade de se desenvolver um projeto mais robusto e duradouro perante a temível mazela, que de acordo com Tania Maria Fernandes, teria seu nascedouro ainda no início do XIX.

A difusão institucionalizada da vacina, no Brasil, teve início em 1811, com a criação da Junta Vacínica da Corte, como uma das primeiras medidas assumidas por D. João VI ao chegar ao Brasil. A vacinação obrigatória, no entanto, só foi instituída em 1832, em grupos específicos, sendo ampliada em 1846 pelo decreto de criação do Instituto Vacínico do Império, que sofreu mudanças ao longo do século, até sua extinção em 1886, quando a vacinação foi incluída nas responsabilidades da Inspetoria Geral de Higiene. Na realidade, a difusão da vacina e de outros processos de imunização, ao longo do século XIX, contavam, de forma expressiva, com a iniciativa de particulares, profissionais médicos ou não. (FERNANDES, 2010, p.19)

Inferimos, a partir da passagem da autora, a constituição e o estabelecimento de organizações com o intuito de barrar a varíola no país. Significa dizer que o Brasil, assim como outros países do mundo, como Portugal e Inglaterra, passaram a introduzir e fomentar instituições destinadas ao combate à varíola, através da fabricação da linfa e sua posterior aplicação aos indivíduos, ou seja, a vacinação – ainda que de maneira bastante tímida e limitada – diferentemente da composição de institutos mais desenvolvidos e avançados observados no século XX, já com o preparo e a técnica de manipulação da vacina animal no processo de imunização da população, como é o caso do Instituto Oswaldo Cruz<sup>16</sup> na década de 1920 – organização importante da historiografia da saúde pública do Brasil e também na trajetória de supressão da varíola.

É também de conhecimento a participação de particulares, especialmente na segunda metade do século XIX em diante, de um efetivo e estruturado exercício de enfrentamento à doença – até então não concretizado pela força do Estado – percebido na criação de institutos, como no caso do Instituto Vacínico Municipal, de criação do médico Pedro Affonso<sup>17</sup> no ano

<sup>16</sup> Criado em 1900 como uma iniciativa pioneira no país, o Instituto Oswaldo Cruz (IOC/Fiocruz) diversificou suas ações e hoje constitui um complexo que gera conhecimento, produtos e serviços na área biomédica para atender as necessidades da saúde da população brasileira. Com um desenvolvimento científico nivelado aos mais altos padrões da época, associado à transmissão do conhecimento através do Curso de Aplicação e à produção de vários agentes profiláticos, terapêuticos e diagnósticos, já em 1909 o Instituto Oswaldo Cruz havia assumido, numa sequência inversa, as tarefas que hoje caracterizam a moderna Universidade: ensino, pesquisa e extensão. Disponível em: <http://www.fiocruz.br/ioc/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?sid=62>. Acesso em: 20 de outubro de 2022.

<sup>17</sup> “Pedro Affonso, nesse momento, significou para o Estado a solução de um importante problema, devido à dificuldade de organizar, na esfera governamental, uma instituição responsável por uma questão ainda geradora de intensa polêmica, como era o caso da vacina antivariólica. A dificuldade do Estado em enfrentar as questões que circundavam a vacina – vacinação, revacinação e obrigatoriedade da vacina – denotava, na realidade, uma falta de vontade política de intervir nos problemas da saúde pública. O governo imperial, apesar das tentativas de intervenção, com a criação dos órgãos antes aqui apontados, carecia de apoio político por parte do poder local e

de 1894 e o Instituto Vacinogênico do Ceará, de idealização do farmacêutico Rodolfo Teófilo, em 1901, uma vez que:

A trajetória do Instituto Vacínico Municipal (do Rio de Janeiro), criado em 1894, revela aspectos importantes da configuração da saúde pública no Brasil, pela singularidade de sua história e pelas polêmicas travadas em torno de sua manutenção como uma instituição privada, porém subvencionada pelo Estado. A criação desse instituto pelo médico barão de Pedro Affonso, ao final do Brasil Império, representou uma ‘solução’ governamental para o problema da institucionalização da vacina antivariólica no Brasil ao introduzir a vacina animal, estabelecendo uma importante mudança institucional e científica. (FERNANDES, 2010, p. 19 e 20)

Vale ressaltar, tendo em vista os primeiros institutos responsáveis pelo processo de produção e difusão da linfa no Brasil, a presença frequente de escravos entre a “clientela” que era destinada à vacinação, conforme estabelece Chalhoub: “Na verdade, há mesmo a possibilidade de que a principal função do serviço de vacinação do governo nos primeiros tempos fosse a imunização dos escravos, sendo provável que a parte mais abastada da população procurasse o alvitre junto a seus médicos particulares.” (CHALHOUB, 2017, p. 111). Desse modo:

A chegada da Corte portuguesa ao Brasil significou para a escassa população brasileira – e também para os integrantes da própria Corte – uma forte mudança nos âmbitos social, político e mesmo sanitário. As doenças infecciosas eram alguns dos problemas que tiveram de enfrentar. Entre estas, estava a varíola, cuja tentativa de controle foi uma das primeiras medidas sanitárias tomadas por D. João VI, por meio da criação da Junta Vacínica da Corte. Essa instituição, responsável pela vacinação jennneriana (humanizada), passou por diversas estruturações ao longo do governo imperial, associadas à formação do Estado imperial. Na esfera da saúde, o Estado começava a assumir responsabilidades antes consideradas de esfera privada (FERNANDES, 2010, p. 43).

Isso se expressa também, pelo menos em parte, nas dinâmicas antes mencionadas no que se refere aos ideais do sanitarismo e do higienismo – correntes em evolução naquele alvoroçado e promissor século XIX. Isto é, notamos a necessidade de se estabelecer limites e exigências para o espaço ou o corpo social, sobretudo dos principais núcleos urbanos do período<sup>18</sup>.

---

de assessoramento dos médicos, que expressavam divergências sobre essas questões.” (FERNANDES, 2010, p. 58)

<sup>18</sup> “Dessa forma, pela primeira vez, no Brasil, normatizava-se o uso da vacinação, tornando-a obrigatória e passível de multa.” (FERNANDES, 2010, p. 47)

O disciplinamento do ambiente social tornava-se o reduto das práticas médicas e de controle dos indivíduos, mas não qualquer um, especialmente as camadas mais pobres da sociedade, estas justamente as que mais amargavam as penosas consequências da varíola, sobretudo no seu formato epidêmico, associadas, diversas vezes, a episódios de calamidade pública como a seca e a fome no Ceará. Como podemos constatar a partir dos escritos de Guilherme Studart:

Como de sempre, os pobres [...] correram a refugiar-se em Fortaleza, Sobral e portos marítimos, para caírem sob os golpes da varíola. Essa epidemia foi terrível, mas o computo das suas vítimas é impossível dizer, não havendo a respeito informações oficiais. Diz o Senador Pompeu que a varíola, que se seguiu ou acompanhou a fome de 1826, acabou de aniquilar a população mendigante, que corria à Capital e que em algumas ribeiras houve pasto escapando pelo menos a décima parte do gado. (STUDART, 1997, p. 33)

À vista disso, evidenciamos um caráter também político e econômico no combate a varíola, manifestado na criação e operação de institutos e medidas profiláticas até então, visto que, essa parcela (a maioria) da população, não correspondia ao projeto almejado de progresso do ambiente citadino e da civilidade, balizada com a noção européia de cultura e sociedade.

Por fim, a gênese desse empreendimento perante a varíola, manifestado na concepção e na constituição de instituições públicas ou privadas – em alguns casos uma fusão entre ambos – propiciou um projeto científico mais eficiente e que renderia frutos até mesmo nos dias de hoje, quando tratamos de um legado distinto e estimável de produção científica e de realizações em prol da vacinação em massa no Brasil, como a Fundação Oswaldo Cruz – Fiocruz, dentre essas instituições que carregam essa trajetória de combate às moléstias. Tendo como base tais questões, podemos perceber que:

Somente a partir da década de 1960 foram organizadas, no Brasil, instituições responsáveis exclusivamente pela varíola – a Campanha Nacional Contra a Varíola (1962) e a Campanha de Erradicação da Varíola (1966). As duas instituições assumiam como base a vacinação e a vigilância epidemiológica para o controle e a erradicação da varíola, respondendo às orientações das organizações mundiais da saúde. A difusão da vacina, tanto a partir de estratégias epidemiológicas, como por intermédio das campanhas de vacinação em massa, promovidas pelos serviços locais (estaduais e municipais) e pelo Sesp, por meio das Unidades de Vigilância Epidemiológica (UVEs), configurou-se como o alicerce da erradicação da varíola. Neste sentido, contribuíram a produção da vacina liofilizada, a incorporação da técnica de multipuntura (com agulha bifurcada) e o uso do injetor ped-o-jet para a vacinação, as medidas de cunho educativo, além da aplicação da lei de obrigatoriedade. O aprimoramento diagnóstico colaborou, também, para o estabelecimento do quadro epidemiológico da doença. (FERNANDES, 2010, p. 22)

Portanto, objetivamos neste presente tópico, estabelecer alguns níveis de compreensão acerca não só da doença em si, como também das discussões em torno da criação e produção do imunizante, ou a vacina antivariólica, e os decorrentes progressos e embaraços encontrados no caminho. Intentamos possibilitar o conhecimento da trajetória conturbada a qual encontrava-se o país e o mundo naquele momento e, como resultado de toda essa problemática, a ciência como dimensão e parâmetro para as novidades que a luta contra a varíola experimentaria nos anos posteriores, questões estas que destinaremos nossa atenção no tópico seguinte.

### **2.3 “Atacados de variola ou sofrendo de suas consequencias!”: profilaxia e enfrentamento à varíola.**

A necessidade recorrente e também crescente de extinguir a varíola do cotidiano das pessoas, ou pelo menos minorar suas aparições periódicas e, muitas vezes, arrasadoras, manifestadas em suas formas endêmica e, principalmente, epidêmica (a pior de todas), apresentou-se cada vez mais urgente e objeto, ou motivo de análises, investigações e providências entre os grupos de intelectuais, de médicos, sanitaristas, a iniciativa privada e também de políticos, a partir do que vimos e veremos mais adiante.

A varíola em si, já apresentava-se como uma espécie de provação ou chancela no contexto dos núcleos urbanos espalhados pelo Brasil desde o princípio do século XIX. No Ceará, em alguns momentos aliava-se – como se não bastasse –, aos laboriosos períodos de estiagem a qual era acometida a população cearense de modo geral, ou seja, além da seca e da fome como retrato desse cenário caótico, a peste – como era chamada a varíola em jornais, periódicos e escritos da época – despontava como uma das principais inquietações e obrigações a serem solucionadas naquele período. Como podemos constatar no escrito de Guilherme Studart acerca desse cenário em Fortaleza:

Abrigava o acantonamento de Fortaleza 135.000 deslocados pela seca. Dessa população albergada, o número dos não vacinados era muito elevado e a varíola foi impiedosa em sua ceifa. Registra o barão que o obituário em 1878 atingiu a cifra de 57.780, e desse total, 24.884 foram vítimas de mortífera virose. Assinala o 8 de dezembro como dia lúgubre, em que faleceram de varíola 1.008 desses retirantes. (STUDART, 1997, p. 03)

O espaço de combate e enfrentamento à doença atingiu novos e fundamentais parâmetros já na segunda metade do século XIX, com a chegada da variolização ou inoculação, as novíssimas técnicas de produção artificial de um imunizante capaz – a princípio – de solucionar a questão da letalidade do morbo, sobretudo após a descoberta de Edward Jenner e, mais adiante, a partir do desenvolvimento da ciência e o conhecimento acerca da enfermidade, as técnicas e métodos de preparo e aplicação da linfa a partir da vacina animal. Esta por sua vez seria a escolhida, na maioria dos casos, como a responsável na linha de frente de um projeto de vacinação em massa, especialmente no início da década de 1900 no Ceará e também no Brasil.

Vale ressaltar, dentre essa pluralidade de demandas e questões a respeito da manifestação da doença, o projeto civilizatório em evidência naquela conjuntura contemplada no Brasil, não se distanciando disso, o Ceará, também fazia-se presente diante do processo gradativo de aproximação para com os ideais, os costumes e os princípios europeus, assim como a crescente expressão do pensamento cientificista e das técnicas inovadoras de combate às diferentes moléstias do período, dentre elas, a varíola principalmente.

Ademais, as práticas constituidoras de um caráter combativo frente à varíola ganham palco e uma significância maior, apoiando-se nas diretrizes específicas do higienismo e do sanitarismo, como já comentado outrora.

Fortaleza passa, a partir da segunda metade do século XIX, por uma série de reformas urbanas que visavam não apenas promover seu embelezamento, mas, sobretudo, torná-la uma cidade civilizada. Civilizar e urbanizar significava fazer a cidade entrar em uma ordem. Ordem essa que envolvia a questão da higiene pública. É possível percebermos como esse cuidado com a higiene ganha espaço, a partir da análise dos relatórios produzidos pelos presidentes do Ceará no decorrer do século XIX, os quais demonstram uma crescente preocupação das autoridades públicas com relação às doenças, na medida em que a cidade se expandia e tornava-se populosa. A partir de então, as questões referentes à salubridade começam a tomar corpo nos discursos, requisitando, promovendo e legitimando uma série de intervenções urbanas que tinham como justificativa o cuidado com a saúde pública. (BARROS, 2011, p. 13)

Diante desse projeto disciplinatório e modernizador do ambiente citadino, os embaraços promovidos pela doença iam, cada vez mais, distanciando-se dessa realidade urbana tão almejada por intelectuais, comerciantes e a elite da época. Além do que, nas épocas em que a varíola manifestava todo o seu arbítrio e sua severidade, alardeava-se novamente, entre os indivíduos, a nítida urgência no trato das epidemias e endemias que atormentavam a população e inquietava a ciência na busca por uma solução definitiva perante o infortúnio.



Com base nisso, buscava-se, constantemente, viabilizar ações que pudessem, de alguma forma, contrapor e “virar esse jogo” no que diz respeito às querelas pertinentes à moléstia. Ou seja, o combate à doença era pauta obrigatória nos discursos acerca da trajetória e dos possíveis horizontes ou possibilidades de tratamento e intervenção disponíveis naquela ocasião. O combate em questão iniciava-se, entretanto, no próprio diagnóstico da doença, como um ponto crucial e de polêmicas, posto que, como vimos no primeiro tópico do presente capítulo, a varíola era facilmente confundida com outras mazelas observadas no período, segundo nos fala Tania Maria:

O diagnóstico da varíola constituía-se também um ponto polêmico, pois em períodos não epidêmicos a doença era facilmente confundida com outras enfermidades eruptivas, como o alastrim. A institucionalização, assim como a preocupação com os profissionais que praticavam a vacinação era um tópico menos constante, mas presente nesses debates. (FERNANDES, 2010, p. 19)

Com o avanço das práticas médicas bem como do aprimoramento do conhecimento científico e das técnicas laboratoriais de identificação do agente infeccioso ou do agente transmissor, esse cenário foi, com o decorrer dos anos, sendo revertido.

Ao longo do século XIX, as experiências de Jenner foram aprofundadas e, a partir de meados do século, se incorporaram às investigações que marcaram a ciência biomédica do período. O conhecimento científico, nesse momento, em diversas áreas, adquiriu maior expressão por meio do aprimoramento do método experimental. Para a medicina, o desenvolvimento da fisiologia experimental tendo como expoente Claude Bernard, da microbiologia com Pasteur e da imunologia de Metchnikov, foi fundamental para o estabelecimento de uma nova base conceitual. Esses estudos, associados ao aprofundamento da biologia – que já vinha elaborando seu arcabouço teórico tendo como destaque as investigações em citologia realizadas por Virchow – , provocaram uma mudança significativa na medicina, que iria ter o laboratório como importante aliado de sua prática. (FERNANDES, 2010, p. 29)

As movimentações no âmbito da ciência, conforme observamos no fragmento de texto acima, são perceptíveis no trajeto estabelecido pelos homens perante o choque com a doença, resultando, dentre as principais medidas, na própria criação da linfa vacínica, no recurso da vacinação e no primordial processo de identificação dos agentes infecciosos a partir de um estudo e exame laboratorial mais aplicado, embora podemos determinar que tais providências delimitam um estágio mais avançado dessa luta contra a varíola, especialmente no final do século XIX no Ceará, como podemos constatar nos seguinte relatório do Presidente do Estado Coronel Dr. José Freire Bezerril Fontenelle, no ano de 1894, em que é possível de se

observar a demanda por uma instalação de um laboratório de análises clínicas que fosse capaz de auxiliar na identificação de morbidades e, dessa maneira, fomentar seu tratamento de maneira correta:

Como pôr em pratica o conjunto de medidas que constituem a policia sanitaria, sem um laboratorio de analyses, complementar ao serviço de hygiene publica de qualquer localidade? (...) O laboratorio é, portanto, indispensavel, é á sua frente deve estar um chimico capaz de fazer realmente uma pesquisa de chimica analytica, qualitativa e quantitativa; e como nos tempos hodiernos, os estudos de bacteriologia têm importancia transcendente para o conhecimento das causas de molestias, em geral, e, particularmente, da origem e prophylaxia das epidemias, este laboratorio poderá ser de caracter mixto, afim de que tambem por elle possam ser feitos os estudos a que nos referimos.

À vista disso, notamos algumas medidas peculiares na lida com a doença, variando sua aplicação, sua fórmula, seus artifícios e técnicas de acordo com cada região brasileira ou em conformidade com cada cultura local, muitas vezes associadas a práticas de medicina popular da época, além do que, em muitos casos, antecedem o preparo e a descoberta do que viria a se chamar vacina. Dentre essas providências tomadas em vista da moléstia, ressaltamos a apresentada por Barão de Studart no ano de 1909 em seu escrito sobre as várias endemias e epidemias que assolavam o Ceará:

O uso dos tiros de polvora e o dos cheiros aromaticos não podiam faltar nas instrucções; era idéa dominante, idéa da epocha. No Pará, mesmo em 1793, em fins de Junho, irrompendo uma epidemia de variola o governador Francisco de Sousa Coutinho recommendava que as pessoas ricas puzessem nas ruas os vapores de alcatrão, de vinagre, perfumes convenientes para corrigir o ar, e se disparassem tiros de canhão como um meio saneador. Curiosa medicina contra a variola a do fumo da polvora. Cinco annos mais tarde revelava Jenner ao mundo sua admiravei descoberta. Aliás o emprego dos tiros conformava com as theorias em voga; pois que o mal estava no ar, os tiros deslocariam os taes effluvios pestilenciaes e produziriam uma desinfecção por acção toda mechanica. (STUDART, 1997, p. 27 e 28)

Na medida em que a varíola vai tomando forma e uma dimensão que, como bem sabemos, seria de difícil combate, às ações profiláticas disponíveis no período (primeira metade do século XIX) eram em sua maioria escassas ou quase inexistentes no Brasil. Até o aparecimento da vacina e, por conseguinte, a viabilização de um sistema vacinal que contemplasse um número considerável de pessoas – um processo demorado e tardio que só seria possível de se constatar, de maneira mais clara, no final do século XIX e início do XX.

Tais ações destinadas à prevenção e defesa do agente infeccioso eram restritas no que diz respeito a um amparo e um entendimento científico mais avançado e não constituíam, dessa maneira, uma organização ou um projeto que viabilizasse seguramente um sistema de imunização capaz de perdurar durante os anos, visto que a varíola não se fazia esperar seu anúncio e, de maneira recorrente, ressurgia para a infelicidade dos indivíduos.

O procedimento descrito pelo médico Guilherme Studart em trecho de fonte acima, revela um dos métodos utilizados naquela época de purificação e desinfecção do ar, do ambiente e da atmosfera, conduzidos, em boa parte, pela teoria dos miasmas ou teoria miasmática<sup>19</sup>, que orientou com frequência os primeiros empreendimentos referentes a uma gênese do que seria um projeto de saúde coletiva no Brasil – verificada de maneira mais consistente na primeira metade do século XX.

A idéia de serem as epidemias causadas por um conjunto de condições climáticas e circunstâncias locais também já estava presente nos escritos hipocráticos. Hipócrates distinguiu as variações meteorológicas e o caráter das estações como os elementos determinantes da ascensão e do declínio das doenças epidêmicas, e das variações em sua incidência sazonal e anual. Este era o conceito de constituição epidêmica – um estado da atmosfera propício a certas doenças capazes de se espalharem enquanto persistisse a constituição particular – que se desenvolveu mais a partir dos séculos XVI e XVII. (BARROS, 2011, p. 32)

Acerca da teoria dos miasmas e as primeiras medidas adotadas na lida com a varíola, destacamos a seguinte passagem encontrada no jornal *O Estado do Ceará*, na edição de número 189, ano de 1891 na coluna intitulada “*A epidemia de varíola*”:

A alta temperatura, que diariamente supportamos na quadra, que vamos atravessando, sob a acção constante de um sol ardentissimo, deve por sem duvida influir mui desvantajosamente nas condições de salubridade d'esta cidade em cujo ambiente devem se accumular miasmas perigosissimos e compromettedores da saude publica. Não é só pela acção direta ou immediata que o calor contribue para piorar as condições hygienicas de uma localidade. O movimento atmosferico, effeito quasi exclusivo do calor, a producção de miasmas e de humidades, a actividade das funcções philiologicas nos seres organisados, a maior energia de affinidades chimicas na materia inerte, são

<sup>19</sup> Uma das correntes mais antigas da medicina associava as epidemias a certas impurezas existentes no ar, denominadas miasmas. Supunha-se que os miasmas se originavam a partir de exalações de pessoas e animais doentes, emanações dos pântanos, de dejetos e substâncias em decomposição. Sua presença era detectada através do mau cheiro. Acreditava-se que ao impedir a propagação dos maus odores, seria possível prevenir ou evitar as epidemias. Curiosamente, essa teoria “não-científica”, que se tornou especialmente popular no século XVIII e início do século XIX, foi responsável pelo surgimento do movimento higienista desse período, que salvou milhões de vidas. MARTINS, Lilian Al-Chueyr Pereira; MARTINS, Roberto de Andrade. **Infecção e higiene antes da teoria microbiana: a história dos miasmas.** Disponível em: <https://www.ghhc.usp.br/server/pdf/ram-Miasmas-Sci-Am>. Acesso em 24 de outubro de 2022.

outros tantos meios pelos quaes o calor influe indirectamente no desenvolvimento de muitas e variadas molestias. As observações meteorologicas em confrontação com a estatistica obtuaria nos demonstrão a influencia letal que tem o alto gráo thermico sobre a explosão das epidimias e seu ulterior desenvolvimento. Já por este facto inherente as nossas condições topographicas nos achamos sob a eminencia de muitas e perigosas entidades morbidas.

Verifica-se, a partir da fonte anterior, uma relação intrínseca entre a teoria descrita acima e os princípios refletidos na ideia de salubridade e disciplinarização dos quais contempla o movimento higienista e sanitarista do período. Percebido de maneira mais evidente durante os anos finais do século XIX e o começo do século XX em Fortaleza, com a remodelação urbana, os rígidos códigos de postura e costume, as renovadas práticas médicas e sanitárias e tudo aquilo que estivesse em conformidade com um arquétipo de cidade, ou um modelo civilizatório ideal e pretendido, constituindo, portanto, um ensaio ou uma primeira investida no que se refere aos primeiros mecanismos de combate à doença.

As práticas médicas de saúde predominantes no século XIX se preocupavam, em essência, com o controle das doenças contagiosas por meio do saneamento ambiental. De acordo com a teoria miasmática, a prevenção era a consequência da remoção dos refugos e águas dos esgotos; acreditava-se que ao minorar os transtornos sanitários, se impediria surtos de doenças contagiosas, como a varíola. Tais medidas apresentavam-se também como soluções para os problemas higiênicos de Fortaleza. (BARROS, 2011, p. 42)

Isto posto, dentre os tratamentos inicialmente aplicados no enfrentamento à doença no Ceará, destaca-se, dentre outros, o que se convencionou chamar de abarracamentos. A referida providência tinha, como um dos objetivos principais, concentrar a população retirante e os milhares de vítimas da varíola, bem como de outras mazelas imperantes naquela temporalidade histórica.

Sobre os abarracamentos e seus embaraços, evidenciamos os escritos presentes no jornal *O Retirante*, especificamente, na edição de número 28, do ano de 1878, na coluna denominada “Infelizes retirantes”:

Não querendo alguns retirantes se abarracarem n’esta cidade, visto já se acharem apinhados os abarracamentos, recorrem aos suburbios da capital, como aconteceu com algumas familias que se acham no sitio – Mondubim –, do districto de Arronches, e onde o caridoso dono do sitio não só lhes deu apozento, como facultou suas olarias para o fabrico de tyjollos de telhas. (Jornal O Retirante, 1878)

Notamos, a partir disso, uma incapacidade, ou mesmo um desajuste por parte do poder público na lida com a varíola e suas consequências. Da mesma maneira, pode-se perceber a inexpressividade de ações que seguramente pudessem trazer uma redenção ao povo sofrido e abatido pela moléstia, como é o caso dos abarracamentos, que desde sua implementação em Fortaleza, já recebia críticas severas a sua lógica e seu funcionamento. De acordo com Guilherme Studart em sua obra “*Climatologia, epidemias e endemias no Ceará*”, nos mostra que:

Poder-se-á julgar ao certo o que era o Ceará de 1878 sob o ponto de vista da hygiene, das molestias e da mortalidade? Impossivel. Onde a hygiene com a pavorosa agglomeração dos que a desgraça feria? Onde a hygiene, si 300000 emigrados se agrupavam nas cidades e villas do litoral, apinhados sob as arvores, em choças miserrimas ou em immundos abarracamentos? Que resistencia poderiam offerecer ás enfermidades organismos extenuados pela fome e sede, e por todas as dores Moraes? Febres de differentes typos, o beriberi, a anazarça ceifavam os pobres retirantes; os abarracamentos se convertiam aos poucos em hospitaes; Fortaleza, o derradeiro marco na via dolorosa, era como uma necropole e sobre ella, e sobre todos, miseraveis e mal remediados, porquanto já não havia ricos e sim irmãos e socios de infortunio, vinha afinal extender seu manto de horror a varíola, a inesquecivel epidemia de varíola. (STUDART, 1997, p. 41)

O cenário da Fortaleza naquele final de século XIX no campo da saúde coletiva, até então, era o mais terrível e problemático possível, como podemos constatar no número elevado de referências e publicações em jornais, revistas e livros de época, e nos demais escritos que tratam sobre os embarços causados pela varíola. A vacinação ainda não tinha sido implementada de maneira satisfatória e capaz de dar conta de uma parcela considerável de indivíduos contaminados, como foi o caso do surto (epidemia) de varíola observado desde 1877 até meados de 1880 no Ceará, especialmente na capital alencarina. Segundo nos fala Guilherme Studart:

Agosto foi o mez de sua recrudescencia, apparecendo ao mesmo tempo casos de sarampo e varíola, que se dissiparam com o isolamento dos affectados; em Setembro declinou sensivelmente, para recrudescer logo depois e prolongar-se até Abril de 1852. Raros estrangeiros na cidade deixaram de ser accommettidos com mais ou menos violencia, o mesmo se deu com os sertanejos, mas as tripolações dos navios, quer nacionaes quer estrangeiros, não registaram um só caso no decurso do mal. As theorias modernas explicam o facto: estabelecida por ellas completa sequestração ou quarentena com a terra, não houve occasião das stegomias fasciata exercitarem seu papel de agentes de elaboração e transmissão do perigoso morbus á gente do mar. (STUDART, 1997, p. 50)

As providências a serem tomadas – até aquele momento – ficaram restritas, sobretudo, ao emprego, ou a imposição aos variolosos dos abarracamentos, assim como o exercício e a prática do isolamento na capital, acarretando na criação dos lazaretos, visto que, com o avanço da moléstia de varíola e o número crescente de doentes na capital, em sua maioria retirantes e flagelados, vindos das mais distintas e longínquas regiões do estado, o projeto civilizatório pretendido por uma parcela da população fortalezense<sup>20</sup> esbarrava-se na confluência dos variolosos e nos demais “atacados” por outra mazela contagiosa que fosse – e não eram poucas no período. Além disso, é possível identificar, inclusive, as práticas profiláticas conhecidas como desinfecções:

No caso específico do combate à mortalidade ocasionada pela varíola, além das medidas de saneamento, eram também recomendadas intervenções baseadas na teoria do contágio direto ou indireto da doença, tais como o isolamento dos doentes e as desinfecções das casas e objetos pertencentes aos mesmos. As desinfecções eram o exemplo mais expressivo do momento de transição que vivia o conhecimento médico. Elas tanto agregavam as idéias novas, sobre a existência dos microorganismos, oriundas das descobertas promovidas pelo desenvolvimento da teoria microbiana, como também guardavam vestígios da teoria miasmática das doenças. Embora tal concepção se encontrasse, no final do século XIX, em declínio desde o avanço das pesquisas bacteriológicas, ela ainda permanecia como explicação para diversas doenças cujo mecanismo de transmissão se ignorava. (BARROS, 2011, p. 44)

Em vista disso, despontava os lazaretos como local de destino desses enfermos, em sua maioria – de acordo com as fontes consultadas do período, como jornais, periódicos e relatórios –, encontravam-se em péssimas condições estruturais e de funcionamento, e não constituíam, portanto, um serviço de assistência e socorro público de qualidade e que fosse apto para atender as sucessivas e laboriosas demandas que decorriam dos períodos epidêmicos de varíola no Ceará, embora representasse, para aquele contexto, uma importante ação de caráter preventivo e sanitaria perante o surto de varíola presenciado naquele intervalo de tempo entre os anos de 1877 a 1880.

---

<sup>20</sup> Período conhecido e descrito na historiografia contemporânea como “Belle Époque cearense”. Interessava-se, dentre outras coisas, um modelo de cidade semelhante aos espaços citadinos existentes na Europa naquele período (sobretudo a França), um código de conduta em sintonia com o pensamento racional e renovador que conduziu os indivíduos a uma lógica capitalista e disciplinatória em evolução naquele final de século XIX e início do XX. Embora represente, para a Fortaleza da época, um importante contexto social, político, econômico e cultural, credor de diversas referências nos dias atuais, o fenômeno descrito carregou consigo notáveis operações que adentraram profundamente o cotidiano das pessoas, especialmente os retirantes e flagelados pela seca, a fome e a varíola, com ações de cunho segregatório e de repressão, como é o caso dos abarracamentos.

Assim sendo, uma das primeiras medidas indicada para seu controle era o isolamento dos doentes em locais afastados do espaço urbano, como os lazaretos, tendo em vista impedir o contato ou comunicação deles com os demais habitantes da cidade. As providências quanto ao isolamento dos enfermos aparecem como satisfatórias para evitar surtos epidêmicos de varíola em Fortaleza, nos relatórios dos presidentes da Província correspondentes aos anos de 1861, 1862, 1873, 1874, 1883 e 1887, nos quais eles atribuem a extinção dos casos da doença na cidade à remoção dos afetados para os lazaretos, impedindo, assim, o contágio. (BARROS, 2010 p. 82)

Verifica-se, a partir disso, um momento de convergência no que diz respeito aos parâmetros e as práticas médicas e científicas consideradas – tendo como base nas novidades científicas em curso no século XIX e nos renovados processos e técnicas de produção e, conseqüentemente, a propagação da vacina jenneneriana e logo depois a vacina animal – ultrapassadas até aquele momento, tais como a variolização ou imunização, os próprios abarracamentos, o isolamento em lazaretos e as medidas adotadas com base na teoria miasmática em declínio, no tocante às diretrizes e os manuais médicos de instrução profilática e de combate ao morbo. Seria a ciência indicando e estabelecendo o compasso das ações sanitárias e de saúde pública da qual se beneficiaria o promissor século XX.

Para dar mais carregados tons de tristeza, a cidade, á noite accendiam-se em todas as ruas vasos com alcatrão para que o fumo do pixe desinfectasse a atmosphaera viciada pelos micobrios da peste. Este singular modo de desinfecção foi ordenado pela ingenua Camara Municipal, que pensava por este modo poder sanear a cidade. (TEÓFILO, 1904, p. 18 e 19)

Vale ressaltar que, por mais energética que fosse a atitude, ou a ação de se enfrentar e combater a varíola naquele momento, entendia-se como uma das únicas e principais medidas realmente capazes de dar um fim ao problema, a vacina e a vacinação, como podemos constatar em uma série de escritos presentes em jornais, periódicos, dissertações e livros da época. O que acabaria sendo confirmado já no início do século XX com as ações empreendidas, sobretudo, por Rodolfo Teófilo em Fortaleza e no Ceará, isto é, a produção da linfa vacínica, a posterior campanha de vacinação e as comissões destinadas a tal feito espalhadas pelo estado. Acerca disso, nos fala Teófilo em seu livro *“Varíola e vacinação no Ceará”*, de 1904: “Os poderes publicos só podiam ter suffocado a epidemia se dispozessem de um instituto vaccinogenico onde fosse preparada a vaccina animal. Assim em poucos dias seria vaccinada e revaccinada toda a população de Fortaleza.” (TEÓFILO, 1904, p. 18 e 19)

O livro citado acima: *“Varíola e vacinação no Ceará”*, de Rodolfo Teófilo, constitui um importante balizador perante as narrativas acerca da varíola naquele alvoroçado final de

século XIX no Ceará, especialmente quando direcionamos nossa investigação no entendimento e na assimilação da constituição da doença, como uma cicatriz profunda desse problemático período, a ciência, a partir do momento que as novas diretrizes teóricas e práticas integrantes de um novo pensamento técnico-cientificista entram em vigor no século XIX e, conseqüentemente, nesse embate contra a varíola e, como produto final justamente desse entroncamento entre ambas as coisas, a vacina antivariólica e o processo de vacinação.

A epidemia havia tomado proporções taes que a acção dos poderes publicos se limitava a assistir os doentes que estavam recolhidos ás enfermarias e a enterrar os mortos. Nada mais havia a fazer. Em forçada resignação esperava-se que o tempo resolvesse tão angustiosa crise. A solução estava prevista: a variola só se extinguiria quando atacasse o ultimo individuo não immune. Não estava longe esse desenlace. A media da mortalidade continuava a ser de quinhentos por dia. Assim em breves tempos a epidemia tinha fatalmente de se extinguir porque não haveria mais ninguem para atacar. A população de Fortaleza passou o mez de Dezembro entre gemidos e soluços. Foi uma hecatombe de trinta e um dias, que a se findar, em seu ultimo momento, sacrificou uma vida illustre, a mulher do presidente da provincia. Este facto, em si todo natural, avultou como um acontecimento terrificante. O caso da peste entrar em palacio e matar uma pessoa tamanha distincção cada vez mais abateu os animos. Ninguem se julgava seguro, se a peste fazia victimas entre gentes que viviam completamente isoladas, entrava onde se praticavam os preceitos da sã hygiene! (TEÓFILO, 1904, p. 34 e 35)

Boa parte do entendimento e da noção do cenário ao qual se abateu a população cearense, é devido a relatos e documentos como esse, lançados em jornais e periódicos da época, bem como em uma quantidade considerável de livros de memória e outras fontes mais. Possibilitando, portanto, uma perspectiva orientada ao cotidiano da doença, seus efeitos, os anseios que orbitam ao redor do medo constante da mazela – como assinalado por Teófilo no trecho da fonte acima –, e tudo o que constitui o panorama da questão trabalhada, ou seja, os infortúnios e também os desfechos positivos e de triunfo frente a varíola.

Ainda sobre a referida obra do farmacêutico, trata-se, dentre uma série de coisas, sobre o processo que decorreu do surto de varíola manifestado no Ceará durante a década de 80 e 90 do século XIX. Aliado a isso, Teófilo vai descrever as ações, intervenções e diligências tomadas pelo poder público, o estado e as organizações higiênicas do período, no que diz respeito aos embaraços provocados pela varíola. Como podemos observar na seguinte passagem referente às formas de manifestação da moléstia e seus efeitos:

A variola reinava sob todas as formas. Bem poucos eram os doentes de variola discreta e estes mesmos, quasi sempre morriam, não de bexiga, porem de doenças intercorrentes. A forma predominante era a confluyente. Ella se



apresentava de diversos modos, qual mais terrível, mais horroroso. Os retirantes classificavam-na e sua linguagem pittoresca, pelo aspecto sob que se apresentava. Chamavam-na, tabardia, pelle de lixa, olho de polvo, canudo, fogo, etc. etc. De todas a mais dolorosa, a mais terrível era a canudo. Na pelle de lixa e tabardia a confluencia das pustulas era tal que a pelle se entumecia, inchava, sem as vesiculas se individualisarem, e depois se fendia, se gretava e o puz corria daquellas fendas fazendo do enfermo um monstro informe e repellente. Na bexiga de canudo a erupção tomava outra feição. A pelle se cobria de vergões, depois de tres a cinco dias de febre alta. Era este o inicio da erupção. (...)Uma outra forma grave de variola foi a hemorrhagica; e de uma virulencia tamanha, de matar em vinte e quatro horas. (TEÓFILO, 1904, p. 16 e 17)

Como podemos observar na passagem anterior, o escrito de Teófilo buscava delinear, basicamente, a trajetória calamitosa e nefasta a qual tinha na varíola o seu sustentáculo. Ou seja, é possível verificar desde as medidas e as ações sanitárias realizadas (ou não) pelo governo do Ceará, aos tipos de varíola e suas mazelas – como constatado anteriormente –, as opiniões do autor acerca dos cuidados e enfrentamentos a peste, a constituição do seu projeto de produção da vacina animal, a trajetória de seu instituto vacinogênico, as querelas de sua tentativa de vacinar o maior número de pessoas contra o mal e o saldo de vacinados e não vacinados no decurso dos anos que promoveu tal iniciativa no Ceará, sobretudo em Fortaleza.

Regressando á Fortaleza fiz logo no dia seguinte annunciar vaccinaçao em minha casa. Na segunda quinzena de Julho vaccinei 128 pessoas; mas continuava a mais completa abstenção da gente do povo, o que seriamente me preocupava por quanto sabia que se não conseguisse preservar da variola a classe menos favorecida da fortuna em Fortaleza, não extinguiria a variola na capital do Ceará. Assim me decidi a estabelecer um serviço de vaccinação domiciliaria. (TEÓFILO, 1904, p. 105)

Entendia Teófilo, bem como outros intelectuais e até mesmo médicos da época, como é o caso do médico Guilherme Studart, desde o final do século XIX, que a vacina seria a solução definidora dos rumos a serem seguidos pela população cearense frente a varíola. Solução esta que deveria encontrar respaldo e assistência por parte do poder público, na figura do governo do estado, na medida em que os casos de varíola iam aumentando e os seus efeitos agravados perante os períodos de seca e fome, como o que aconteceu em 1877 e em 1900 em Fortaleza.

Deveria-se, como afirma Teófilo em seu referido livro, assumir o governo do estado o compromisso para com a vacina antivariólica e a vacinação em massa. Esta por sua vez, não mais o imunizante que chegava do Rio de Janeiro – uma vez que não produzia os efeitos desejados e tornava o trabalho de erradicar o mal cada vez mais dificultoso – mas sim uma vacina de origem animal (esta mais segura e eficiente), produzida em solo cearense, que tivesse a ação imunizante tão pretendida e que atendesse toda a demanda populacional, sem distinções.

Ademais, é possível de se localizar este discurso encontrado nos escritos de Rodolfo Teófilo e Guilherme Studart, igualmente em determinados relatórios de Presidente do Estado, especificamente nas sessões que debatiam e promoviam as ações de higiene e saúde pública, dentre eles, evidenciamos o relato apresentado pelo então inspetor de higiene do estado, Dr. João Marinho de Andrade, em relatório de Presidente do Estado no ano de 1894:

Não podia deixar de incluir entre as instituições a crear um instituto vaccinogenico, tanto mais necessario quanto é hoje de simples intuição a grande vantagem da cultura da vaccina no proprio lugar em que se deseja empregal-a e sobre tudo na capital de um Estado o ponto para onde convergem todas as vistas e todas as reclamações por occasião do apparecimento da variola, e sendo a vaccina o meio preventivo por excellencia d' esta molestia, tão repellente e tão mortífera, é mil vezes preferivel, com algum sacrificio, cultivar-a e desenvolvê-la aqui do que importar-a do exterior ou fazel-a vir da Capital Federal como se tem feito até hoje, muitas vezes sem rezultado.

Assim, compreendemos uma narrativa à época bastante atenta à questão da varíola, como é caso do livro do farmacêutico e outras produções escritas do período; revelando para nós, dentre uma série de outras coisas, um detalhe fundamental e decisivo, sem o qual não estaríamos debruçados sobre a conjuntura e os embaraços da trajetória da doença no Ceará e no Brasil, isto é, justamente as narrativas, as informações, as referências e às investidas letradas que, de maneira recorrente, orientou e estabeleceu um caminho propício não só para uma escrita-denúncia diante da varíola, como também permitiu às sociedades o valiosíssimo exercício de olhar para si, quer dizer, seus problemas e carestias, e assim sinalizar o caminho de possíveis soluções através, é claro, dos avanços da técnica e do conhecimento científico.

Significa dizer que, no tocante às ações de combate a varíola apresentadas e examinadas no presente tópico, temos o discurso e a narrativa da doença da época como um fundamental aliado nesse que foi, sem dúvidas, um dos maiores desafios enfrentados naquele final de século XIX e começo do século XX no Ceará e também no Brasil.

Finalmente, o século XX viria a ser o palco principal dessas ações e acontecimentos que tinham como destino a ruptura da trajetória da doença diante da vida e da memória das pessoas, que durante tantos anos sofreu suas terríveis complicações e presenciou um número assustador de vidas serem suprimidas no intervalo de tempo que a varíola fez-se companheira fiel no desenrolar dos fatos considerados. O que só foi possível de ser concretizado, a nível mundial, em meados da década de 1980. Nesse demorado embate, a vacina, assim como a ciência, assumiria o lugar de vencedora – não após muita luta e empenho. De acordo com Tania Maria:

Após a erradicação da doença, da suspensão da vacinação e do conseqüente, esgotamento da defesa imunológica humana, o laboratório passou a ser o único espaço autorizado cientificamente para o vírus, mudando o foco de discussão sobre a varíola. O conhecimento técnico-científico gerado permitiu, também, o controle absoluto do vírus e sua preservação fora do organismo humano com sua estrutura genética armazenada virtualmente. O processo de erradicação da varíola viabilizou estudos nos campos da microbiologia e da imunologia, nas técnicas de produção, assim como, também, criou importantes parâmetros para a vigilância epidemiológica de outras doenças transmissíveis. (FERNANDES, 2010, p. 23)

### **3 A CIDADE, O MEDO E A MOLÉSTIA: ENTRE ASSOMBROS E PROGRESSOS.**

Localizar o Ceará no mapa das realizações históricas e no âmago das experiências e conjunturas intimamente ligadas ao cotidiano cultural e social é, antes de tudo, evocar um contexto histórico plural e uma enormidade significativa de sentidos, tratando-se de acontecimentos tão profundos e marcantes na “bagagem” histórica do referido estado. Entre tais acontecimentos, podemos evidenciar, a questão da seca e das epidemias no Nordeste brasileiro ou, mais especificamente, no Ceará, que assolou, enfraqueceu e, sobretudo, estabeleceu profundas memórias e cicatrizes na narrativa histórica e cronológica deste estado.

Podemos assinalar ainda, como conteúdo do primeiro tópico do presente capítulo, e como efeito dos episódios que fazem parte das muitas problemáticas percebidas no Ceará como a questão da fome, da pobreza e das muitas moléstias – sejam elas endêmicas ou até mesmo epidêmicas – que se fizeram presentes no cotidiano citadino e também na vivência do povo do sertão cearense. Constituindo, desse modo, fortes vestígios e alguns vislumbres daquele período que contempla nossa investigação bem como a trajetória da varíola no Ceará e seus desdobramentos. A depender da perspectiva determinada, podemos constatar duas vertentes do mesmo fato, seja ela negativa ou mesmo positiva.

Logo, nosso objetivo no segundo tópico, é analisar as querelas e os obstáculos existentes no percurso da doença no ambiente da cidade, desse modo, é pertinente considerar e examinar as grandezas presentes na história da moléstia, dentre elas: os esforços no âmbito científico para a descoberta da linfa vacínica, que impulsionou as providências a serem tomadas no combate à doença e sua posterior aplicação na população de modo geral; as transformações no espaço citadino, como efeito de projetos arquitetônicos e culturais e, em contrapartida, a

urgência dos períodos endêmicos e epidêmicos de manifestação da varíola e a relação estabelecida entre a doença e o povo. Vale notar que o Ceará foi um importante palco, não somente no Brasil como no mundo, desses desdobramentos e dessa narrativa pertencente a cronologia e a memória da doença.

### **3.1 “A varíola grassa na Fortaleza”: narrativa e composição histórica da varíola no Ceará.**

É justamente no Ceará, mais especificamente, na Fortaleza daquele alvoroçado e ao mesmo tempo otimista final de século XIX e início de século XX, o cenário de expectativas que compreendem desde a invasão da varíola no ambiente da urbe fortalezense bem como a incapacidade do aparato público e governamental de enfrentar e sobrepujar a terrível moléstia. Nas palavras do escritor e sanitarista Rodolfo Teófilo já nas primeiras páginas de seu livro “*A secca de 1915*” preconizava: “O Ceará é uma terra condenada mais pela tyrannia dos governos do que pela inclemencia da natureza.” (1922, p. 01)

A varíola – como examinado e discutido no capítulo anterior – correspondia, desde os primórdios do século XVIII, a uma problemática frequente e que, via de regra, desafiava severamente o sossego, a resistência e o imaginário do sofrido povo sertanejo. Avançando, assim, sobre os inúmeros enfermos ano após ano, estabelecendo, dessa forma, a severidade que a acompanhou até a primeira metade do século XX, quando foi possível a consolidação do sistema vacinal e a posterior supressão da “doença maligna” nas palavras de Cristina Gurgel (2010, p. 120).

É possível perceber, a partir da análise das fontes, dos materiais bibliográficos e da literatura da época, a presença da doença em Fortaleza em vários momentos no decurso dos anos, como podemos verificar no seguinte fragmento do jornal *O Estado do Ceará*, em sua edição de número 185, do ano de 1891:

(...)Em que ese ao Dr. Inspector de Hygiene havemos de chamar pelas palavras que encimão estas linhas os casos de variola que ultimamente se tem desenvolvido entre nós no curto espaço de alguns dias. Até onde pode chegar a previsão medica suppomos e com algum fundamento que vamos ter uma epidemia de variola extensa e intensa, attenta a deficiencia de medidas hygienicas efficazes e a falta de um serviço regular de vaccinação e revaccinação. (p. 02)

Importante notarmos, a princípio, o caráter de necessidade e até mesmo de urgência presente no trecho da fonte anterior, em razão, sobretudo, da apresentação e da publicação do discurso a respeito da doença ser comunicado através de uma coluna própria e fixa do referido jornal, no ano de 1891, intitulada: *A epidemia de varíola*, manifestando, dessa forma, a importância e a inquietude perante o assunto, ou seja, a varíola e sua tendência deletéria.

Por conseguinte, o que nos chama a atenção num segundo momento, é justamente o conteúdo do discurso em si, isto é, externada por um veículo de comunicação – no caso, o jornal – da manifestação da varíola no espaço urbano num período de tempo curto, e ainda a crítica e a desaprovação diante dos serviços (ou a falta deles) e do amparo assistencial do sistema público, considerando a escalada da moléstia.

Vale ressaltar que, neste momento ou nesse período, já era de conhecimento coletivo os métodos e as técnicas necessárias para, no mínimo, “frear” a disseminação do morbo entre os indivíduos. São elas: a vacinação, como primeira medida protetiva do organismo, e de caráter de urgência, e, num momento posterior, o recurso e a prática da revacinação, como forma de controlar a doença e sua propagação, bem como também como balizador do processo de imunização completa. Vale salientar, a partir de todo o estudo e experiência do gênero, a necessidade e a importância considerando o processo imunitário e o cumprimento de uma carteira ou agenda de vacinação em si.

Sobre o processo elencado anteriormente, comunica Tania Maria Fernandes, em seu artigo *“Imunização antivariólica no século XIX no Brasil: inoculação, variolização, vacina e revacinação”* a respeito do recurso da revacinação:

No que diz respeito à revacinação, a partir da primeira década do século XIX, esta gerou amplo debate, com divergências marcantes quanto a sua indicação, associado a questionamentos quanto à validade da vacinação. Começou a ser indicada como reforço para a dose inicial da vacina, diante de se ter constatado a desativação da imunidade adquirida na primeira inoculação. Para Papillaud, no entanto, o reforço seria aplicado em casos de epidemia, e deveria ser formulado com o vírus variólico, denotando um pleno descrédito do médico francês na vacinação jenneriana ou animal, já que no momento de surto indicava a aplicação do vírus que ele julgava mais ativo, no caso, o variólico (da própria varíola) (Pereira, 1873). A postura de Papillaud quanto à revacinação e à utilização do vírus variólico foi criticada por Monteiro (nov. 1877) na mesma Gazeta Médica da Bahia. (FERNANDES, 2013, p. 465)

Com base na citação acima e no fragmento do periódico referido, o entendimento dessa composição histórica da varíola no Ceará é conduzido a um lugar de destaque do presente tópico, notamos, de antemão, o progresso científico e médico decorrente das descobertas e do

estudo não somente da varíola como de outras enfermidades que marcaram a história da saúde pública do Ceará, como já citado anteriormente.

O processo de vacinação e, conseqüentemente, a revacinação, já estava presente nas diretrizes e nas orientações de uma agenda de saúde pública – pelo menos era o que se esperava e ambicionava – frente às instituições públicas e a preocupação sanitária característica do período em questão em Fortaleza, mesmo que de uma maneira incipiente.

O que potencialmente empreendemos a partir de então é, precisamente, a manifestação da doença em seu estado mais crítico, isto é, o apoderamento dos espaços sociais da cidade, o medo e a angústia constantes e, não menos importante, mais uma calamidade e infortúnio dentre vários outras no prontuário da história da saúde pública do estado e nas coletâneas de história contemporânea.

Nas palavras do médico fortalezense Guilherme Studart, em sua obra acerca das epidemias e endemias que assolaram o Ceará, dentre elas, a varíola, destacamos:

Em que tristes circunstancias se acha o Ceará! Tendo sido perseguido de guerra civil, é hoje de fome e peste! Nós sem meios alguns! O mal tornando-se geral e mais grave! O governo sem energia e sem conceito! A intriga lavrando! Meu Deus, que triste futuro vae apresentar este infeliz Ceará se o vosso poderoso e onnipotente braço não vier em nosso auxilio! (STUDART, 1997, p. 34)

O prenúncio de uma adversidade maior era anunciado em jornais e livros da época, como é o caso dos jornais *O Estado do Ceará*, *O Retirante* e dentre outros. Sem falar das produções literárias do período, que continham em suas páginas e em seus registros, alguns dos mais variados casos e memórias daqueles períodos em que a varíola fez-se uma importante e difícil adversária para o povo cearense.

No livro “*A secca de 1915*”, do farmacêutico e escritor Rodolfo Teófilo, encontramos, dentre outras coisas, o registro da passagem da doença somente em Fortaleza. A cifra assustadora de mais de 14 mil óbitos pela varíola, quando a população total da cidade era estimada em 160 mil habitantes, de acordo com o que expressa o autor: “Nesse mez de Dezembro de 1878 foi este o obituario: de variola quatorze mil quatrocentas e noventa e uma pessoas; de diversas molestias , oitocentas e sessenta e uma” (1922, p. 103).

Atestamos, mais uma vez, a capacidade da varíola em “dominar” o ambiente da cidade e assim manifestar todo o seu potencial de letalidade. Visto que, à medida que a cidade e, conseqüentemente, a população iam crescendo em quantidade e tamanho, os problemas decorrentes de tais crescimentos também ampliaram-se de maneira considerável e alarmante, como podemos verificar na seguinte mensagem dirigida à Assembleia Legislativa do Ceará,

em relatório oficial do então presidente do Estado, Dr. Pedro Augusto Borges, em 1º de julho de 1901:

A crise que assoberba o Estado affecta profundamente o commercio, suas industrias, todas suas fontes de vida. A população sobressaltada deserta do lar, abandona o domicilio, refugiando-se n'esta capital e em outros pontos do littoral, produzindo, pelas grandes agglomerações e inobservância de condições de hygienicas, grande alteração na salubridade publica. (p. 34)

Como ficou visível no decurso dos anos e na ausência ou distanciamento de medidas profiláticas eficientes e enérgicas que atingissem um número maior de indivíduos e que perdurasse com o passar dos anos – fato este que só será possível de ser observado nas primeiras décadas do século XX, especialmente a partir de um compromisso maior e mais duradouro com uma agenda de saúde pública destinada a vacinação e a revacinação em massa.

Embora notemos a manifestação da varíola em quase todos os anos desde que se revelou – para a infelicidade do povo cearense – em meados do ano de 1640 no Ceará, evidenciou-se a partir disso o seu caráter, ou sua propriedade de expressão em dois formatos distintos, são eles: endêmico e epidêmico.

A ocasião em que mais se notou a coragem e resignação dêsse pôvo excepcional, foi na terribilissima sêca de 1877, 1878 e 1879. Descrever as lúgabras scenas dessa quadra de dôres e agonias de uma população inteira, seria serviço superiôr a nossa capacidade. Perderam se pâra mais de trezentas mil vidas naquêlle período angustiôso, mas dentro de poucos annos, já se não lembrava a antiga provincia dos seus ainda recentes padecimentos. No tempo em que grassou a varíola, houve dias de morrêrem mais de mil pessoas. Foi dolorôso o quadro da fome e da peste, e, no entanto, o pôvo mantêve-se revestido de imensa coragem pâra arcar com tôdas as calamidades. Habitou-se à desgrça. (BEZERRA, 2001, p. 31)

Verificamos que, com o decorrer dos anos e a ocorrência frequente da moléstia, há uma diferença expressiva no número de casos de varíola e, conseqüentemente, na quantidade de óbitos registrados. Ou seja, notamos que, com os períodos de seca ou a alteração do clima sobretudo, somado a diversos fatores de ordem social e de salubridade e higiene pública – como já mencionado anteriormente – o quadro de manifestação da varíola é agravado, e, como resultado disso, a cifra de variolosos e óbitos atinge uma parcela altíssima da população.

Significa dizer que a varíola nesses intervalos de ocorrência atinge a sua alarmante e aterradora dimensão epidêmica. Quando não se manifesta dessa forma, caracterizamos como endêmica suas aparições, isto é, ela ainda está patente no corpo social, mas em um menor grau, sobretudo no que diz respeito ao número de enfermos e falecimentos. O Ceará, em especial, a

capital Fortaleza, experimentou a um preço altíssimo, a incidência desses dois aspectos categóricos da doença.

Situação constatada na fonte elencada anteriormente, de autoria do cronista e abolicionista Bezerra de Menezes, em sua obra *O Ceará e os cearenses*, o autor comunicou acerca dos períodos de estiagem cearense, sem deixar de lado a tão presente memória e o registro da varíola, sobretudo nos anos em que se abateu sobre o Ceará a seca e a fome que perdurou durante longos três anos (1877 a 1879), estando Fortaleza no centro desses embarrasos.

Sobre essas citadas manifestações da doença em Fortaleza, mais especificamente a forma endêmica, temos também como exemplo, o registro contido no Relatório dos Presidentes dos Estados Brasileiros em 6 de maio de 1891 enviado ao Congresso Constituinte do Ceará:

Na capital registram-se, desde o mez de Março, frequentes casos de varíola, que entretanto não atingem ao caracter de epidemia intensa; accometendo, de preferencia, aos moradores da periphéria da zona populosa e deixando immunes os do centro d'ella. A despeito dos recursos postos em acção para debellar esta enfermidade, ainda não foi possivel conseguil-o, posto que já apresente sensível declínio que augura prompta extincção. Entretanto, continua a maior solicitude na remoção, para o Lazareto, dos accommettidos que não podem tratar-se nas precisas condições de isolamento. (p. 06)

A varíola como vimos até o presente momento, não se deixou vencer tão facilmente, nem tão pouco de maneira rápida e sem prejuízos. Isto quer dizer que, manifestada a mazela sobretudo no ambiente das cidades, comprometeria, as estruturas sanitárias, coletivas, políticas e também históricas de toda uma sociedade, no caso da presente pesquisa, da capital fortalezense. Constituindo, em suma, as amarras que compõem a história da saúde pública do estado e, principalmente, de Fortaleza.

Nos anos que se seguiram os numerosos surtos e as grandes secas ou mesmo quando delas já não se valia, e ainda assim, sem falhar na sua campanha impiedosa, abateu-se sobre os sujeitos a terrível moléstia. Pelo menos até a materialização e o desenvolvimento de uma campanha de vacinação, observada em Fortaleza e no restante do Ceará de maneira mais tangível e eficiente, a partir de 1900, junto dela mais um surto epidêmico da doença. Como nos fala Rodolfo Teófilo em seu livro *Variola e vacinação no Ceará*, de 1904:

Era este precisamente o estado de Fortaleza em Agosto de 1900 quando a variola começou a grassar epidemicamente. Os primeiros atacados foram os retirantes. O Lazareto de Lagôa-Funda foi aberto, mas em breve ficou repleto. O governo do Estado que já havia feito muito, em regime republicano, prestando assistencia a enfermos desvalidos atacados de molestia contagiosa,



não cuidou de mais lazaretos e deixou que a variola tomasse conta da cidade. (TEÓFILO, 1904, p. 53)

Evidencia-se, dessa forma, a capacidade e a característica da doença em sobrepujar o decurso dos anos, por isso mesmo escolhemos um recorte temporal dinâmico que nos revele as diversas manifestações da moléstia durante as últimas décadas do século XIX e as primeiras décadas do século XX. Cabe inferir, no tocante a essa temporalidade presente na narrativa da varíola, justamente, a sua frequência nos registros e documentos de domínio público e privado, isto é, relatórios de Presidente de Província e também de Estado, nos jornais e periódicos da época, nos compêndios e guias científicos e médicos e, por fim, nas obras e escritos literários.

Não foi preciso muito tempo para esta peste fazer da bella e risonha Fortaleza uma cidade impossivel de se visitar, e mais de nella se viver. Desde que não havia mais para onde levar os bexigosos começaram a ficar elles em seus proprios ranchos, que como já disse, eram nos suburbios e onde havia arvores no proprio centro da capital. (TEÓFILO, 1904, p. 53)

Com base nas citações acima elencadas, da autoria do sanitarista Rodolfo Teófilo, de materializar ou mesmo conceber uma conjuntura no mínimo alarmante, na maior parte do tempo, quando direcionamos nossa leitura para o cenário da Fortaleza da época. O que embora pareça, num determinado momento, e por vezes nos convida a refletir a respeito de um momento particular e passageiro na cronologia da doença, representa, essencialmente, o quadro geral de expressão da doença, isto é, praticamente em todos as épocas em que esteve vigente. Como podemos observar no registro contido no Relatório de Presidente do Estado, no ano de 1899, em sessão destinada a problemática da varíola no Ceará:

Figura 1

| ANNOS | MEZES     | ENTRADAS | FALLECI-<br>MEN TOS | ALTAS |
|-------|-----------|----------|---------------------|-------|
| 1898  | Maio      | 26       | 1                   | 25    |
|       | Junho     | 12       | 2                   | 10    |
|       | Julho     | 19       | 2                   | 17    |
|       | Agosto    | 8        | 1                   | 7     |
|       | Setembro  | 12       | 1                   | 11    |
|       | Outubro   | 14       | 1                   | 13    |
|       | Novembro  | 28       | 3                   | 25    |
| 1899  | Dezembro  | 33       | 4                   | 29    |
|       | Janeiro   | 28       | 3                   | 25    |
|       | Fevereiro | 35       | 4                   | 31    |
|       | Março     | 10       | 4                   | 6     |
|       | Abril     | 9        | 2                   | 7     |
|       |           | 234      | 28                  | 206   |

\* Tabela presente no Relatório do Presidente do Estado, apresentando o número de enfermos de varíola que passaram pelo Lazareto de Fortaleza entre maio de 1898 e abril de 1899.

**Fonte:** RELATÓRIOS dos Presidentes dos Estados Brasileiros: Primeira Republica. Ceará: [s.n.], 1891-1930. Disponível em: <http://bndigital.bn.br/acervo-digital/relatorios-presidentes-estados-brasileiros/720372>. Acesso em: 17 fev. 2023. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DOCREADER/docreader.aspx?BIB=720372>. Acesso em: 17 fev. 2023. Mensagem Dirigida ao Congresso Constituinte do Ceará em 1891, pelo Presidente do Estado, Exm. Dr. Antonio Pinto Nogueira Accioly. Fortaleza, 1899. Biblioteca Nacional.

Nas devidas circunstância e nas condições propícias para os chamados “surtos” da doença, isto é, a fase epidêmica, a mesma regressava, e junto dela a combinação nefasta de assombros e imbróglis que consiste a citada descrição de Teófilo, a busca por uma “solução final” para o problema registrado em jornais e periódicos e assim como uma infinidade de outros escritos que tem por objetivo, justamente, o registro e, conseqüentemente, um potencial enfrentamento à doença.

Se o clima quente, as longas estiagens e a condição do semiárido – muitas vezes implacável – não fosse o suficiente para impelir e encorajar a manifestação da varíola, a partir do que já foi discutido acerca da teoria dos miasmas e as condições climáticas favoráveis a um

estado de insalubridade, o número espantoso de retirantes adentrando o espaço da cidade muito contribuía.

Em relatório do Presidente do Estado, o Coronel Dr. José Freire Bezerril Fontenelle, expedido no ano de 1894, na seção que trata do estado sanitário e higiene pública do estado, temos como relato a seguinte passagem:

De então para cá, sobretudo desde a grande secca de 1877, a população tem crescido extraordinariamente, a área urbana decuplicou-se e a sua proverbial salubridade vai desaparecendo diante das múltiplas causas que têm corrido a alterar a hygiene publica; e a continuar d'este modo, sem o concurso efficaz de um serviço de hygiene bem organizado, tempo virá em que tornar-se-ha inhabitavel por insalubre e anti hygienica. Urge que em beneficio de todos tome se desde já as providencias que reclamam as condições hygienicas da cidade, afim de que esta não se transforme em um centro productor de epidemias e de molestias infecciosas, trazendo o seu descredito ou o seu despovoamento. (p. 71 e 72)

Como atesta o documento anterior, pertencente ao recorte temporal em questão, o grande número de retirantes adentrando o ambiente urbano num curto espaço de tempo, colaborou para a escalada da varíola nos períodos considerados de maior emergência e austeridade. Como é o caso do ano de 1877 e o período decorrente, que abrange os anos de 1877 a 1879, também chamado de a “Seca dos três 7”, em que é possível observar na cidade de Fortaleza um crescimento populacional frenético e desequilibrado.

Evidencia-se, dessa maneira, não somente os limites físicos, sociais e administrativos da urbe fortalezense como também as fraquezas de um sistema público e sanitário ainda incipiente e sem as devidas condições materiais, públicas e até mesmo científicas capazes, portanto, de corresponder aos anseios emergentes e a problemática em curso, e, principalmente, como último desfecho, o emprego de um ponto final na doença.

Os chamados “surto” de varíola acompanhados desse referido crescimento demográfico, constituiriam as bases das recidivas dos surtos de varíola em Fortaleza. Sejam nos anos em que se observou os longos períodos de seca e, com isso, ou não, o aumento no número de retirantes no espaço urbano, seja na falta de estruturas capazes de sustentar e promover um bem-estar social almejado, assim como o cumprimento de uma agenda de saúde pública permanente que

A varíola, juntamente a diversos outros infortúnios, tanto de ordem sanitária ou de saúde quanto questões sociais, econômicas e políticas, como a questão da fome, a corrupção na administração dos recursos e dos socorros públicos, avançava na sua finalidade de arrebat

e, dessa maneira, preencher os espaços onde a “mão” do Estado e da administração pública não conseguiam embrenhar-se.

resultando, assim, em uma série de episódios difíceis de se rememorar mas que compõem a conjuntura da enfermidade e estabelecem, portanto, os paradigmas dos quais buscamos elencar no presente capítulo. Ou seja, a maneira como a varíola “invadiu” a cidade de Fortaleza naquele espaço de tempo que corresponde ao final dos anos 1870 e a primeira década do século XX.

O farmacêutico e escritor Rodolfo Teófilo, profundo interessado e conhecedor da moléstia e da realidade dos variolosos – como ele próprio afirma em vários de seus escritos, da conta de que:

Agora não eram mais figuras esqueléticas o que se viam deitadas nas redes das praças publicas; mas figuras hediondas, individuos que a variola havia apodrecido e a familia, para tocar a piedade dos transeuntes, nem sequer velava as carnes podres, de onde gottejava fetido pús. Indifferentes eram os poderes publicos, indifferentes eram os particulares a sorte destes miseraveis. Que manifesto contraste havia em o proceder do governo em 1878 e o do governo de 1900! Se aquelle peccou foi pela prodigalidade com que distribuia o socorro ás vitimas do flagello; emquanto este quedou-se em sua inercia e deixou sómente entregues a caridade publica os famintos e os bexigosos que se mirravam de fome e apodreciam por todos os cantos da cidade. (TEÓFILO, 1904, p. 53 e 54)

A varíola tinha, dessa forma, reduzido os indivíduos a um outro tipo de categoria perante a sociedade e a sua presença no ambiente da cidade, como assim pormenoriza o autor. Percebe-se o cumprimento de um descomedido estigma social frente à doença e, portanto, aquela população enferma – também chamados de bexigosos<sup>21</sup>.

A situação dos infelizes variolosos, já bastante atribulada devido aos flagelos da doença, era avolumada pela situação pela qual a população de modo geral tratava e percebia aqueles “(...)infelizes doentes” (TEÓFILO, 1904, p. 56); também nas palavras do autor: “Nem a morte queria os desgraçados variolosos.” (p. 56).

Abandonados completamente, se viram os variolosos dentro de uma cidade com foros de civilisada. Todos fugiram delles até as associações de caridade!... Estas mesmas aggremações de devotos, nada fizeram em prol

---

<sup>21</sup> Verifica-se, de maneira constante, em vários textos e escritos a respeito da varíola naquele período que compreende o final do século XIX e início do XX, a utilização do termo “bexigosos” para representar aquele indivíduo ou aquele grupo de pessoas acometidas pelo vírus variólico. Como é o caso do emprego do termo no livro *Variola e vacinação no Ceará*, de 1904, do escritor Rodolfo Teófilo. O uso do termo pode ser entendido também, dentre outras coisas, como uma expressão pejorativa e de certa forma discriminatória. Em muitos casos percebe-se o sentido utilizado para indicar um certo tipo de “inferioridade” daqueles indivíduos enfermos e, de certa forma, “marcados” pelos efeitos ou os estigmas físicos provocados e decorrentes da varíola.

desses mal-aventurados doentes. Tive a prova da tibieza destes senhores da caridade. (TEÓFILO, 1904, p. 54 e 55)

Dessa forma, eleitos pelo estigma social da doença e suas severas marcas no corpo, os "bexigosos" – assim recordados – iam ocupando cotidianamente os espaços da cidade e, notadamente, os núcleos da cada vez mais moderna e “civilizada” Fortaleza, com aspectos arquitetônicos ao molde francês, e que marchava – ou pelo menos pretendia, por uma elite burguesa emergente – para um completo e distinto progresso moral, cultural, político, econômico e, por fim, social.

Reinava em Fortaleza uma tristeza tamanha que a tudo se comunicava. Todos se sentiam mal. Não havia em toda a cidade um lar sem luto por um parente ou por um amigo. Nas ruas que quadros commovedores! O numero de cegos pela variola era incontavel. Dos lazaretos haviam sahido a mendigar pelas portas, cegos de todas as edades, centenas de infelizes aos quaes as pustulas variolicas haviam inutilisado a cornea. Eram sem conta tambem os chaguentos, que para tocarem a piedade dos transeuntes expunham as suas nojentas ulceras, distillando fetida salmoura, impressionando mui desagradavelmente a vista e o olfacto. Entre a turba de esmoleres causava grande pena as creanças, os pequeninos, orphãos de pae e mãe, que em companhia de mulheres vadias, de quem era o ganha-pão, esmolavam cantando. (TEÓFILO, 1904, p. 38 e 39)

Era de estranhar, no mínimo, a existência de um cenário tão funesto quanto o referenciado por Teófilo e, por outro ângulo, um discurso, ou o exercício notadamente afinado às ideias e as práticas modernas de civilidade e progresso constituintes de um modelo idealizado e ambicionado por parte de uma camada urbana de Fortaleza, sobretudo as elites políticas e a burguesia em ascensão. Buscando uma aproximação perante aquele cenário e aquela conjuntura de manifestação da varíola em Fortaleza, continua Teófilo em seu livro *Variola e vacinação no Ceará*:

Foi a 22 de dezembro de 1900. Depois de dias quentes e abafados cahiu em Fortaleza uma chuva copiosa de 57 milímetros. Enquanto chovia meu espirito inquieto estava preso de apprehensões pela sorte dos infelizes enfermos, que expostos recebiam no corpo nú aquelle longo banho. Affligia-me e revoltava-me ao mesmo tempo com o nosso proceder de barbaros. A chuva havia sido a noite e pela manhã sahi de rancho em rancho a ver o que era feito daquella pobre gente. Estavam todos vivos e resignados. Não se ouvia delles uma queixa, menos uma blasphemia. Estava admirado de sua fortaleza. Suppuz encontrar mortos a mor parte dos variolosos e o resto agonisando, e os via, engelhados de frio, é verdade, porem animados, e até alguns com melhor aspecto. Como explicar? Havia doentes em todos os periodos da molestia, desde o da febre de invasão até o da sécca da pustulas! Sabe-se o valor da agua fria applicada em banhos, compressas ou loções nas molestias infecciosas, porém applicações feitas com arte, scientificamente e

não como o que soffreram os pobres variolosos na noite de 22. O facto é que a chuva que apanharam não lhes perigou a vida e nem moveu a piedade do governo e nem tão pouco a caridade publica os procurou para abrigal-os. As associações de caridade de Fortaleza, as lojas maçonicas, que tantos soccorros já haviam prestado aos retirantes, não appareceram nos ranchos dos bexigosos. Ficaram de todo ao desamparo, esperando mais cêdo ou mais tarde uma nova pancada dagua, pois o tempo estava promissor de inverno proximo. (TEÓFILO, 1904, p. 55 e 56)

Embora a perspectiva vislumbrada por parte da sociedade fortalezense, em especial, as camadas mais abastadas da cidade, seja aquela a qual referenciamos anteriormente, isto é, de uma prática social em sintonia com a Europa, assim como a constituição de um núcleo citadino com traços de franceses e ideias civilizatórias, como as que podemos verificar nos princípios que norteiam as políticas de higienistas e sanitaristas do período.

Todavia, a partir das narrativas e dos registros – e são muitos – de autores como Rodolfo Teófilo, Raimundo Girão, Barão de Studart e dentre outros, notamos a presença inevitável dessas pessoas vitimadas pela fome, a seca, a calamidade pública e, também, como objeto de nossas discussões, pela moléstia da varíola. Estabelecendo uma outra perspectiva, ou limites, no que interessa ao estudo e o completo entendimento da conjuntura daquela eufórica e castigada cidade.

Limites estes que compreendem não somente a história da chamada “Belle Époque” cearense, como também a história da varíola e os seus embaraços; chamemos a atenção para a existência sincrônica e, sobretudo, concorrente de ambas os acontecimentos ou diretrizes, ao passo que, a existência de um dos fatos (eventos) ameaça a longevidade ou a própria ocorrência do outro, visto que, a aspiração de um projeto modernizador e civilizatório esbarra e limita-se nos obstáculos impostos a lida com a moléstia de varíola.

Ainda de acordo com o registro narrativo de Teófilo, os variolosos representavam uma parcela significativa da população fortalezense em períodos de maior calamidade pública, ou seja, nos momentos de epidemia – também chamados de “surto de varíola”. Apesar disso, percebe-se uma expressiva desassistência e um certo desdém por parte das entidades governamentais de socorro público e algumas outras entidades privadas que em certo momento anterior prestaram algum tipo de assistência aos enfermos.

“A epidemia havia tomado proporções taes que a acção dos poderes publicos se limitava a assistir os doentes que estavam recolhidos ás enfermarias e a enterrar os mortos. Nada mais havia a fazer. Em forçada resignação esperava-se que o tempo resolvesse tão angustiosa crise.” (TEÓFILO, 1904, p. 34)

A varíola continuava, portanto, sua dolorosa e inolvidável incursão sobre aquele povo. Como bem vimos, em momentos de intensa manifestação e letalidade, quase sempre acompanhada dos períodos de maior calamidade pública, como a seca e a fome e, em outras circunstâncias, ressurgia de maneira menos expressiva, mas que ainda assim, levava consigo um certo número de vítimas e os vestígios de sua barbárie entre a sociedade.

Raimundo Girão em sua obra “*Evolução histórica cearense*” nos apresenta uma parcela do que seria a realidade da doença, além de outros infortúnios que acompanham o contexto da moléstia na cidade de Fortaleza:

A população faminta, seminua, desvairada, precipitava-se do centro para o litoral, como uma torrente, alastrando de cadáveres as estradas, porque chegava a todos os pontos a notícia de que, por falta de transporte, somente se distribuiriam socorros nas cidades próximas do mar. A aglomeração desenvolvera a peste, e a mortalidade era enorme. Conforme o arrolamento, que achei incompleto e mandei concluir, havia então, só na capital, 80.000 retirantes, e todos os dias entravam muitas centenas no estado mais lastimoso. O palácio da Presidência era sitiado desde 5 horas da manhã por milhares deles, que se revezavam no decurso do dia, à medida que os primeiros chegados se distribuíam pelas comissões de socorros. Trazia a pele colada aos ossos a maior parte dos que não vinham deformados pela anasarca ou por edemas; homens, mulheres e crianças quase em completa nudez, macilentos e inanidos; muitas das pobres mães com os filhos pendentes do colo e já moribundos. (GIRÃO, 1985, p. 201 e 202)

A lembrança dos períodos de maior incidência da moléstia eram constantemente evocados em jornais, relatórios públicos e produções da época. A fim de que àquelas terríveis cenas não voltassem a estampar o “boletim diário” e o imaginário da população, alguns autores frequentemente escreviam e registravam a cruzada da varíola e seus reveses, sobretudo nos períodos em que esteve presente no cerne dos acontecimentos e das discussões no Ceará da época.

Em determinados jornais e periódicos do período (final do século XIX e início do XX) é possível verificar essa “invasão da varíola” no ambiente da cidade de maneira bastante patente; promovendo, dessa forma, o fortalecimento e a assimilação da problemática de maneira mais precisa e tangível, como é caso do periódico *O Retirante*, que circulou no Ceará entre os anos de 1877 e 1878:

Só o Ceará, a provincia do norte onde a raça é mais energica e dada ao trabalho, ainda não vê no horisonte indicio algum, que prometta futuro melhor do que o presente. Os effeitos da secca se fazem hoje sentir em toda a área da provincia; a emigração continúa, as molestias se vão desenvolvendo em escala ascendente, e as scenas tristes e repugnantes vão se multiplicando cada

vez mais. Ao redor da capital, se agglomeram os miseros retirantes, e lá estão alojados em barracas, sem nenhuma das condições hygienicas, servindo de pasto a febre amarela e a variola, com carencia de toda a especie de socorros. As cidades mais florescentes da provincia offerecem hoje espectaculo hediondo e repugnante; em todas as ruas se encontram velhos, mullheres e crianças famintos, esfarrapados, e com o germen de alguma d'essas fataes enfermidades, que attacam de preferencia a quem soffre certas privações e não póde observar os mais comesinhos principios de hygiene. (p. 02)

Em sua edição de número 22, publicado em 21 de novembro de 1877, o referido jornal apresenta ao leitor uma visão notadamente interessada em não somente revelar os infortúnios daquela população enferma e desvalida, como também expressar – muitas vezes em forma de denúncia – o descontentamento e a apreensão relativos a manifestação da doença, especialmente em seus períodos epidêmicos, como é caso da descrição extraída do jornal, e, da mesma forma, pleitear certos esforços e diligências por parte da administração pública.

Isto posto, acreditamos ser possível – como resultado da análise das fontes e as discussões trabalhadas até o presente momento – o entendimento, ou até mesmo a assimilação por parte do estimado leitor, da intrínseca relação existente entre os períodos em que ocorre uma incidência maior do número de casos de varíola (consequentemente um maior número de óbitos) juntamente aos períodos conhecidos e estudados de grande seca e fome, isto é, identificando, assim, um cenário de flagelos e atribulações.

Como vimos, o requerimento de uma maior diligência por parte do governo era constantemente relatado em diversas instituições de caráter jornalístico, como observado anteriormente. A cobrança por medidas mais eficientes e, por conseguinte, um projeto que tivesse como baliza a solução definitiva e perene da moléstia era um dos principais tópicos apontados entre os veículos de mídia da época e também outros meios, pertencentes a um circuito letrado da época, como é o caso da literatura romancista e regional de então.

São muitos os registros da passagem da varíola em Fortaleza, sobretudo após o “surto” da doença no ano de 1877, como discutido outrora. Notamos, a partir desses discursos, a emergência e uma certa sinalização referente aos rumos subsequentes que a doença assumiria, ao passo que era recomendado, em diversos momentos e épocas, o artifício da vacina seguido pelo emprego de um projeto que tenha como norte, justamente, um processo seguro, eficiente e duradoura, ou seja, uma campanha de vacinação.

No conjunto de escritos e relatos que versam sobre esse cenário de ocorrência da doença e seus efeitos em Fortaleza, notabilizamos o relato ou o registro contido no jornal *A Evolução*, que perdurou entre os anos de 1888 a 1889. Em sua edição de número 17, do ano de 1888, temos como referência, o seguinte excerto:



A miséria alliada á peste desenrolava a nossos olhos o cortejo funebre de dores profundissimas, de angustias esmagadoras, de afflições que não se descrevem. De todos os lados resoavam vozes afflictivas, e a morte fazia diariamente centenaes de victimas do modo mais terrivel e aterador. Seria preciso uma penna inspiradissima para pintar os horrores d'aquelle flagello desh humano. As mais sollicitas providencias tornavam-se inuteis, os esforços da administração eram baldados, a caridade dos corações generosos não podidia ser efficáz, e o povo morria de inanição e torturado pela variola que grassava terrivelmente. Evocando esses factos tristes, cuja recordação ainda causa um panico enorme ao espirito menos impressionavel, só temos em vista demonstrar que quaesquer medidas que tendam a garantir o estado sanitario desta terra e o allivio dos pobres flagellados devem ser de prompto tomadas, não se perdendo o tempo que em taes circunstancias tem um valor inestimavel. Para que havemos de esperar o progresso do mal, quando podemos debellal-o em principio? (p. 02)

As providências e os esforços da administração pública citados pelo trecho da fonte anterior, que via de regra, não foram o suficiente para a superação da moléstia. Como veremos no tópico seguinte, tais ações (eventualmente percebidas) não personificavam o que podemos chamar de: combate ou projeto contra a varíola, isto é, correspondiam a movimentos esporádicos, acanhados em sua essência – grande parte devido às limitações pertencentes ao âmbito científico daquele respectivo período – e que não constituíam, desse modo, um planejamento capaz de contrapor a disseminação da doença e, principalmente, reduzir o número de enfermos e óbitos. A respeito dessas e de outras discussões, destinamos o próximo tópico do presente capítulo.

### **3.2 “Fortaleza, o derradeiro marco na via dolorosa”: o povo e a moléstia.**

Na tentativa de compreensão e assimilação dessa trajetória da varíola pelo Ceará, sobretudo na capital Fortalezaense, esbarramos, inevitavelmente, em certos questionamentos referentes à atuação (ou a falta dela) do poder público na lida e no combate a peste.

Compartilharemos, no presente momento, certas discussões e demandas que orbitam, não somente a narrativa da doença, como também a própria constituição da mesma, especialmente no que tange a presença do poder público e de determinados segmentos particulares da sociedade precisamente no combate à moléstia e seus incontáveis embaraços.

A praça [Senador Castro Carreira] servia ainda de deposito de materiaes para construção e da lenha, de que se abastecia a cidade. O lado occidental do largo, marginando a linha, era o logar que escolhiam para fazer as medas de

lenha. Aquelle local assim coberto de pequenos oiteros de madeira, tendo de permeio frondosas mungubeiras, era muito cobiçado pelos retirantes, e tanto que estava repleto de familias. A variola se alastrando pela cidade não tardou visital-o. Em breve aquelle pequeno arraial contava dezenas de variolosos, que ficaram como os demais, entregues sómente a divina Providencia. Um dos doentes de variola confluyente, foi retirado, já agonizando, e abandonado sobre uma das dunas a sotavento da cidade para lá se acabar bem longe dos desalmados visinhos que o conduziram. Avisada a policia e as auctoridades sanitarias, pouca importancia deram ao caso. Se não fossem os particulares da rua proxima, por medo a fedentina do cadaver mais do que por obra de miseria, mandaram sepultar o morto, os urubús o comeriam, se mostrando assim activos agentes da Hygiene Publica do Ceará. Por este facto pode-se bem avaliar o grao de nossa civilisação e o valor que tinha entre nós a saúde publica. (TEÓFILO, 1904, p. 57 e 58)

Para além da descrição – diga-se de passagem, alheia a qualquer tipo de eufemismo – o autor já nos revela e antecipa, sem embargos, a situação na qual encontrava-se a cidade de Fortaleza, os variolosos e quaisquer que fossem os compromissos de uma agenda pública destinada a lida com a varíola. Apresenta-se, a partir da fonte anterior, um vislumbre importantíssimo na composição e no estabelecimento de nossas discussões acerca não apenas da manifestação ou a invasão da varíola no espaço da cidade, como examinado no tópico anterior, como também a ausência de políticas públicas de saúde.

Rodolfo Teófilo, em seu escrito, manifesta, dentre outras coisas, um elemento determinante quando reservamos nossa atenção à trajetória da doença e a maneira peculiar – mas não inédita e tão pouco exclusiva – com que se dá a narrativa da doença, isto é, os esforços (ou a falta deles) e os empreendimentos do governo ou do domínio público no enfrentamento ao terrível mal, nas palavras do autor: “A solução estava prevista: a variola só se extinguiria quando atacasse o ultimo individuo não immune.” (TEÓFILO, 1904, p. 34)

Como atentado no trecho do livro *Variola e vacinação no Ceará*, de Teófilo, o trato, ou o compromisso no cuidado de um dos variolosos ficou a cargo de populares (vizinhos) que, numa atitude pouco cordial, conduziu o combalido a sotavento<sup>22</sup> da localidade para, enfim, o sepultar. Nota-se, ainda, uma breve e indispensável referência aos “activos agentes da Hygiene Publica do Ceará”, como assim colocou o autor - uma alusão a espécie de ave que se alimenta de organismos em decomposição, muito comum de ser encontrada em representações de cenários desérticos e de clima árido, como é o caso do sertão cearense, acentuando, portanto,

---

<sup>22</sup> Acreditava-se, no período em questão, que a direção do vento (por esse motivo sotavento) influiria sobre a máxima ou a mínima disseminação e incidência da moléstia de varíola no ambiente da cidade. Desse princípio partiria uma série de medidas do poder público na tentativa de barrar o avanço da doença, entre elas, a criação de abarracamentos e lazaretos a sotavento da cidade.

não só o teor de seu texto e a gravidade de seus relatos<sup>23</sup> como também a ausência e a omissão da “mão do estado” na lida com os enfermos e a doença em si.

Eis-nos em face da mais pungente fatalidade; já não deve pairar, ainda mesmo nos espiritos os mais scepticos, duvida alguma acerca da existencia da epidemia de variola. Parece-nos, que quando traçavamos os nossos primeiros artigos, eramos impulsionados pela força irresistivel de uma previsão. A cidade, que se achava em estado de verdadeiro sitio, começa a ser invadida pelo implacavel inimigo. E de facto. A terrivel molestia já farta de accommeter a grande numero de habitantes dos arredores irrompe com surpresa no centro das ruas mais populosas e habitadas. E assim deveria de acontecer; pois é um facto dominante e conhecido na historia geral da difusão das epidemias, que o commercio, as communicações constantes e o ar atmospherico arrastão os germes das molestias, as quaes , transpondo as distancias e não respeitando edades, sexos ou condições sociaes, installão-se nos organismos, que gosão de maior receptividade. (O Estado do Ceará, 1891, nº 187, p. 02)

O escrito, observado na edição de número 187 do jornal *O Estado do Ceará*, no ano de 1891, nos proporciona, entre outras coisas, uma notável perspectiva da doença pelas lentes de um estrato singular da sociedade de modo geral, isto é, uma condição ou um estado de medo e inquietude que está presente em uma série de escritos e narrativas nesse e em outros períodos posteriores, a respeito da manifestação da moléstia e o seu progresso entre o meio urbano e social.

Ademais, de modo a compreender os fatos e as questões propostas a partir desse momento, notabilizamos o ambiente da cidade justamente como o lugar de destaque das movimentações, dos feitos e também dos desacertos que estabeleceram as diretrizes narrativas da história da doença e, por conseguinte, os instrumentos e artifícios de combate a peste.

A teoria contagionista compreendia que, as manifestações das doenças se davam através do contagio, ou seja, ocorria pelo contato das pessoas com corpos infectados com vírus, assim o vírus ao se instalar no corpo humano se multiplicava e era transmitido para outro organismo através do ar, do contato entre as pessoas ou com objetos contaminados. O que propiciou a construção de locais e práticas de reclusão (respectivamente): lazaretos, hospitais, asilos de alienados e mendicidade, vilas ou colônias para leprosos, tratamentos de quarentenas, entre outros. (MARTINS, 2012, p. 56 e 57)

---

<sup>23</sup> Diga-se de passagem, tais elementos constituem uma característica e um atributo recorrente nos textos e nas produções escritas de Rodolfo Teófilo, pertencentes, entre outras coisas, a um circuito letrado em voga em Fortaleza naquele final de século XIX e início do século XX. Cf. VASCONCELOS, José Arthur Holanda Nepomuceno. “A minha vida foi uma luta sem tréguas pela verdade [...] a monumentalização na vida e obra de Rodolfo Teófilo (1883 - 1922).

A varíola – como problema social – já era de conhecimento das autoridades públicas no Ceará desde meados do século XVII, como apresentado no capítulo anterior. Ou seja, temos um longo período de tempo em que deveria ser possível contemplar uma série de medidas e atitudes que, no mínimo, equiparassem à escalada da doença no decorrer dos séculos.

A questão da proximidade com as localidades afetadas, o fato de no primeiro momento o governo provinciano só de preocupar com a seca que atingia o Ceará, aliada a ausência de noções de salubridade por parte da população paupérrima, foram elementos que proporcionaram a propagação da enfermidade. (MARTINS, 2012, p. 75)

Acontecimentos estes que não foram possíveis de se concretizar – pelo menos em parte e de maneira significativa e duradoura. Observamos sim certas atitudes e ações na esfera da saúde pública, porém, de modo eventual, não sistemático e pouco eficientes, como é o caso dos lazaretos, abarracamentos ou mesmo o frequente isolamento dos variolosos para longe do núcleo urbano da cidade de Fortaleza.

Antecipamos, todavia, o lampejo e a observância dessa sistematização e, conseqüentemente, o êxito do enfrentamento à varíola já nos primeiros anos do século XX, a partir de uma campanha de vacinação concebida e incrementada em Fortaleza, principalmente pelo farmacêutico e escritor Rodolfo Teófilo, como veremos a posteriori.

Entretanto, o caminho para tal conjuntura ainda percorreria uma série de embaraços e atribulações, na maior parte dos casos, pela incapacidade do poder pública e das esferas sanitárias e de saúde pública, ou mesmo pelo crescimento populacional desordenado e o descumprimento de medidas sanitárias relacionadas a higiene pública, como a concentração de centenas e milhares de pessoas no mesmo local e o não cumprimento de uma agenda vacinal (ainda que de maneira embrionária), sobretudo a partir de 1890.

A Europa do século XVIII, devido seus grandes desdobramentos políticos, sociais e culturais, atraiu para si os olhares que buscaram compreender as cidades, numa tentativa de conduzi-las ao desenvolvimento político-econômico. Com a expansão urbana; diversos problemas surgiram – violência, desemprego, doenças, revoltas sociais, mendicância. Diversas áreas das ciências, inclusive a medicina, viram a necessidade de ordenar esse novo meio físico, que gerava impacto social. (MARTINS, 2012, p. 55)

A “sintonia” buscada em Fortaleza em conformidade com a Europa não ficaria reservada apenas para os “bons costumes”, a arquitetura dos prédios e praças pertencentes ao núcleo citadino ou mesmo o refinamento francês presente na indumentária de mulheres, homens e crianças, esse arquétipo estaria presente, também, na profusão de acontecimentos

políticos, econômicos e sociais, na explosão populacional a partir da segunda metade do século XIX – em grande parte devido aos longos e laboriosos períodos de seca no sertão cearense, no aumento da violência e do desemprego, consequentemente, da mendicância, no espaço da cidade, e, notadamente, no surto de inúmeras doenças, manifestada na maioria dos casos, na forma de endemias e epidemias, como é caso da varíola.

Segundo nos informam, tem se dado no bairro do Outeiro muitos casos de variola. alguns dos quaes se tem resolvido por morte dos atacados. Convem que a policia investigue aisto para levar as autoridades competentes que devem tomar medidas no sentido de evitar o desenvolvimento dessa terrivel epidemia. A intendencia desta capital pode ahi encontrar campo de acção, bastante estenso, para desenvolver toda sua actividade, que por ora se tem concntrado em futilidades, como mudanças de nomes de ruas, disticosde estabelecimentos commerciaes etc. etc. Medidas de salubridade n’esta quadra de tanto calor, seria um serviço que os illustres edis do governo poderiam prestar com applauso da população (ESTADO DO CEARÁ, 1891, p. 02)

Na passagem acima, do jornal *O Estado do Ceará*, de 7 de março de 1891, temos um exemplo nítido dessa inércia do governo perante o flagelo da varíola. É seguro dizer, do mesmo modo, que verificamos uma Fortaleza apartada, isto é, dividida entre as intervenções e os projetos relacionadas a “Belle Époque”, como citado anteriormente, e, do outro lado, os obstáculos e perturbações resultantes, no caso da presente pesquisa, das epidemias de varíola e toda a questão pertinente ao estado sanitário em que se encontrava a capital.

No século XIX, o conhecimento científico sobre as condições de saúde das coletividades humanas encontrava expressão no estudo da higiene, disciplina que, segundo Jacobo Finkelman, se formava sob a influência do intenso processo de transformações pelo qual passavam as sociedades européias com o advento da industrialização e da urbanização. A associação entre o acelerado crescimento das cidades e o surgimento de doenças era uma constante, ao mesmo tempo em que o receio diante da desordem e a necessidade de respostas em termos de políticas públicas podiam ser verificados nos diferentes Estados europeus, referência para países como o Brasil. Naquele contexto, entendia-se por higiene “o estudo do homem e dos animais em sua relação com o meio, visando ao aperfeiçoamento do indivíduo e da espécie”. (BARROS, 2011, p.97)

Nesse contexto de transformações no ambiente da cidade, motivadas quase sempre pelos ideais de civilização, ordenamento social e os pressupostos cientificistas advindos da Europa, identificamos um momento singular e determinante no que diz respeito ao campo da história da saúde pública no Ceará. Estamos nos referindo à convergência entre determinados fenômenos do âmbito biológico – isto é, a manifestação da doença em seu caráter biológico

específico – com certos processos sociais, ou que se relacionam ao conceito de coletividade, como esse corpo social imbuído de problemas e crises, como constatado em Fortaleza.

O enlace necessário entre a doença e a sociedade, que conduziria, dessa forma, as motivações, indagações e preocupações expressas outrora em jornais, periódicos e literaturas de época. Assim como as ações no campo da política pública e as diligências de figuras fundamentais na historiografia da saúde e das doenças no Ceará e no Brasil.

Ainda no final do período imperial, o serviço de saúde no Ceará não se encontrava estruturado de forma adequada para atender às demandas então existentes. No entanto, foi a partir daquele momento que o governo passou a assumir algumas responsabilidades com a saúde da população, tais como a contratação dos chamados médicos da pobreza e, posteriormente, a criação dos cargos de inspetores de higiene; a construção dos lazaretos e hospitais; a implementação da vacinação antivariólica; e, ainda, a fiscalização da salubridade pública através dos códigos de posturas produzidos pelas Câmaras Municipais. (BARROS, 2011, p. 119)

Ainda que, de modo geral, a participação do domínio público nas crises geradas pela ocorrência da varíola no cenário urbano revele-se limitada e numa posição deficitária, percebemos – a partir do contato com as fontes e demais escritos acerca do assunto – algumas providências pontuais e irrisórias que nos direcionam para esse compromisso da esfera pública no tocante a questão da varíola e suas consequências.

As graves questões de isolamento e de desinfecção têm sido tratadas com incrível desprezo. O isolamento colectivo, tal como é feito no lazareto da Lagoa Funda não produz os beneficios que erão de esperar. Os dous distinctos collegas que se incubem do serviço medico deste hospital já têm reclamado contra os abusos que por lá se dão, e não nos consta que tenham sido attendidos. Além da falta de serviço de enfermaria, e da pharmacia que lhe devia sera annexa, e de muitas outras cousas que por lá correm á revelia. accresce que o pessoal interno constantemente põe-se em contacto com a população, sem mesmo haver a cautela de mudar de roupa! Comprehende-se assim que não só o lazareto não preenche seu fim, como que o isolamento, a que elle se destina, é apenas ficticio, pois a propagação da infecção pode-se dar por contacto indirecto! (O Estado do Ceará, 1891, nº 227, p. 02)

No conjunto dessas operações, destacamos o emprego de lazaretos<sup>24</sup>, como o da Lagoa Funda em Fortaleza no final do oitocentos, entre as principais medidas adotadas pelo poder

---

<sup>24</sup> Locais destinados à reclusão e o tratamento de enfermos em Fortaleza, acometidos das variadas moléstias, principalmente a varíola. Também chamados de casas de recolhimento, representavam, à época, um esboço do que conhecemos hoje de um “hospital moderno” (MARTINS, 2012). Embora simbolizassem um certo refúgio (muitas vezes o único) para os “atacados de variola”, na prática – e com o crescimento populacional desenfreado –, não demonstrou ser uma medida exitosa e duradoura, apresentando-se mais como um local de isolamento dos enfermos.

público na época. Entretanto, como forma de elucidar e corroborar as discussões elencadas anteriormente, a permanência de tal instituição – ainda que precária e limitada – não durou muito, já nos primeiros anos do século XX, a referida “casa de saúde” ou hospital fecha suas portas. Em relatório do inspetor de higiene pública, Sr. Dr. José Pinto Nogueira, parte da premissa de que:

Tendo sido em Janeiro do anno passado fechado o Lazareto da Lagôa Funda, destinado ao isolamento de variolosos, foi dispensado em Maio o respectivo zelador. Tal medida, - acertada em momento - trouxe consigo um phenomeno assustador: a facil irradiação epidemica e a sua localisação em certos pontos determinados. Esta capital frequentemente visitada pela variola, não pode prescindir de um variolocomio installado em ponto afastado e em posição que os ventos não possam auxiliar a contaminação da area que lhe ficar oposta. (TEÓFILO, 1904, p. 60)

A partir de tal relato, constatado no livro *Varíola e vacinação do Ceará*, de Rodolfo Teófilo, temos, novamente, um importante vestígio dessa inércia e da omissão do estado e das entidades públicas na lida com a varíola. Acompanhado disso, dispomos, também, de narrativas referentes a episódios lamentosos nesse contexto de epidemias e endemias de varíola e os males resultantes desse processo trágico:

Ha dias, vimos arrancar dos braços convulsos de uma pobre mãe, residente á rua d'Assembléa, os filhinhos para serem transportadas ao lazareto, á instancias dos moradores visinhos receiosos do contagio da terrivel molestia por si e suas familias por não se acharem convenientemente premunidos. Esta scena de que fomos testemunha ocular, por se ter dado em uma das ruas mais habitadas desta cidade, não deveria ter sido a unica, por quanto crescido é já o numero de variolosos recolhidos ao lazareto e com certeza muitos d'elles terão entes caros que a esta hora soffram as angustias de cruel separação. Quantas lagrimas e afflicções não teriamos evitado se em tempo houvessemos ouvido os sabios e prudentes conselhos da experiencia e da historia em cujas paginas se hão registrado factos identicos e que nos deverião ter sido de severissima lição de uteis e grandes ensinamentos? (O Estado do Ceará, 1891, nº 187, p. 02)

O cenário da cidade de Fortaleza indicava ser, neste caso, o mais propício para o crescimento da mazela e sua permanência. Não somente no imaginário popular, como também nas páginas de jornais, periódicos e relatórios de higiene pública do estado. Tanto os jornais, entre eles: *O Estado do Ceará*, *O Retirante*, *A Evolução* e *A República*, quanto a literatura da época, dava conta (de maneira recorrente) das mazelas experienciadas e provenientes da relação entre os assombros da varíola e os fenômenos sociais recém anunciados e materializados na conjuntura estudada, como podemos constatar a seguir: “Sobre aquelle povo

já tão desgraçado cahio o flagello da peste e a variola levou immensidade delles ao tumulo. Foi um horror, uma quadra de soffrimentos sem nome!” (A Evolução, 1888, nº19, p. 3)

O projeto material, ideológico e progressista pretendido e anunciado por determinados segmentos da população fortalezense, tais como políticos, intelectuais e uma burguesia comercial emergente – integrantes de uma elite urbana e política local –, aparentava não contemplar em suas orientações e diretrizes, uma proposta concreta de enfrentamento à doença. Pelo menos não de maneira significativa, e que representasse, a médio e longo prazo, um compromisso no que diz respeito ao emprego de políticas públicas continuadas e direcionadas, justamente, a esse combate à moléstia; a fim de que consigam solucionar, definitivamente, a disseminação da varíola e sua capacidade funesta.

Certamente. Ha mais de um anno que a variola devasta os estados visinhos do sul e que todos os vapores que vinham d’aquella procedencia nos trasião aos dous e quatro variolosos, limitando-nos como unica medida preventiva á hospitalizar os no lazareto da Lagôa Funda. Quanto os reclamos da sciencia e interesse sociaes nos impellião para a necessidade imperiosa e urgentissima de estatuirmos desde logo um plano bem estudado de medidas prophylaticas attinentes á evitar a diiffusão da molestia, diminuir o numero dos doentes, alliviar os soffrimentos, e cortar o numero de victimas. Hoje, porem, nos limitamos á lastimar a nossa incuria e deleixo, para amanhã não mais nos lembramos dos transe dolorosos porque vamos passando; sendo talvez preciso ainda que em epochas calamitosas eguaes nos venhão bradar aos nossos ouvidos. Eia! surget et ambula. (O Estado do Ceará, 1891, nº 187, p. 02)

Avançando sobre os infortúnios gerados entre a relação povo-varíola – diga-se de passagem, uma combinação desigual, como bem notamos desde então –, as evocações e súplicas iam, cada vez mais, tomando conta das crônicas jornalísticas e da literatura memorialística da época. Não somente apontando e evidenciando os desacertos e faltas do poder público na lida com a doença, como também sinalizando, em seus conteúdos, o prenúncio para o que viria a ser, de fato, a referência de combate à mazela daquele momento em diante: “A vaccina como medida preventiva e capaz de restringir os perniciosos effeitos da variola, é de alcance intuitivo e deve ser propagada custe o que custar.” (O Estado do Ceará, 1891, nº 185, p. 02)

Logo, é possível identificar, a partir da citação acima, de autoria do médico cearense e inspetor de higiene pública Dr. Rocha Moreira, observada no jornal *O Estado do Ceará*, no ano de 1891, um vestígio importante dessa condição inerte e atarantada que se encontrava a administração pública e, de maneira fundamental, o povo cearense.



O estado sanitário da província, e principalmente da capital, tornou-se alarmante, por ocasião das alterações climáticas, aglomeração populacional, alimentação deficiente de nutrientes e desrespeitos ou falta de/às noções higiênicas. É a partir de preocupações como estas que durante esse período a atuação da medicina científica ganha respaldo para iniciar um exercício de intervenção no cotidiano das pessoas. O saber médico que influenciou a medicina local tem sua origem na Europa do século XVIII, quando a urbe e seus referenciais – saúde, educação, política, expansão urbana, etc; tornaram-se focos de análises e pesquisas. (MARTINS, 2012, p. 53)

Com o advento das novas práticas de sociabilidade e as novidades resultantes da vigente organização do ambiente da cidade, devido, justamente, a esses acontecimentos citados outrora, tais como a migração de boa parte da população sertaneja do Ceará para Fortaleza num curto espaço de tempo (sobretudo a partir da seca de 1877), da ocorrência de fenômenos e intempéries naturais (estiagem, aridez) associados, também, a carestia de serviços públicos ou de uma assistência governamental, ocasionando, entre outras coisas, a fome e a proliferação de doenças.

Apoiados nisso, percebemos um importante movimento – nessa trajetória de formação e arranjo de um sistema introdutório de saúde pública – orientado pelas bases científicas daquela respectiva conjuntura, nesse caso, a segunda metade do oitocentos e a primeira década do século XX. Identifica-se, então, uma mobilização, atraída pelos emergentes problemas provenientes do crescimento populacional desordenado, um estado sanitário precário e instável, e, associado a tudo isso, os surtos de várias doenças e mazelas observados naquele período, notabilizando-se na forma de grandes epidemias e endemias. De acordo com Leticia Lustosa:

No Brasil um novo campo de conhecimento, ganhava adeptos, o surgimento de uma área da medicina voltada para análise, estudos e prevenção das doenças e dos surtos epidêmicos. Esta nova área, chamada de medicina sanitária ou de higiene pública, tinha uma divisão voltada para o estudo de enfermidades que atingiam o coletivo, surgindo assim a epidemiologia. (MARTINS, 2012, p.48)

Ademais, vale salientar que, com as alterações empreendidas no espaço urbano das cidades, como é o caso de Fortaleza, e as questões relacionadas à contaminação e propagação de inúmeras enfermidades, surge então, a necessidade de regular, intervir e, dessa maneira, “disciplinar” essa coletividade emergente<sup>25</sup>. Além do que, a partir do diálogo com as fontes,

---

<sup>25</sup> Revela-se, a partir de então, um importante elemento presente nas discussões e no cenário de manifestação das várias enfermidades, entre elas a varíola, naquele final do oitocentos e início do século XX, isto é, a busca por um projeto de ordenamento e disciplinarização dos corpos: "Embelezar e disciplinar, “excluindo” aquilo que pudesse manchar o estado de desenvolvimento almejado pela província, e em especial por Fortaleza, tornam-se palavras

percebemos que essa disciplinarização era, notadamente, direcionada às camadas mais pobres da população.

É possível inferir, novamente, que a conjuntura geral que se encontrava a província e, posteriormente, o estado do Ceará, desponta numa condição dinâmica e ao mesmo tempo antagônica em seu sentido mais restrito. Ou seja, enquanto um lado, ou um grupo delineava um arquétipo de vida, de sociedade e também de metrópole “ideal”, em contrapartida, temos uma multidão de indivíduos, na sua grande maioria, combalidos pelos mais diversos problemas e contratempos, estigmatizados pelas dores, sintomas e vestígios físicos da terrível moléstia da varíola – a propósito, uma entre várias.

Dois horizontes antagônicos que, estranhamente, se complementam, em determinados pontos, e, em outros, chocam-se na natureza de suas realidades e predileções, gerando, junto a uma série de outras coisas, uma conjuntura complexa, ramificada e problemática, mas profundamente atraente aos olhares mais atentos de memorialistas, pesquisadores e, sem dúvida, de historiadores.

Esta por sua vez, correspondia, precisamente, a porção, ou o grupo mais acometido pelos infortúnios gerados, não somente pelos longos períodos de seca, fome e as demais intempéries (diga-se de passagem, bem comuns aqueles sofrido povo sertanejo), como também pela moléstia da varíola. Logo, fica evidente, em inúmeros relatos e escritos, que a população que mais sofreu com os “golpes da varíola” foi sim a parcela mais pobre e miserável que compunha, com exatidão, o eixo, ou a maioria populacional da cidade.

Diante de uma alimentação precária, era inevitável que estes sujeitos não fossem acometidos das doenças reinantes: cólera, varíola, febres tifóides. A baixa imunidade e a falta de assepsia os tornavam alvos das doenças e dos olhares repressores dos médicos, dos sanitaristas, dos políticos e dos intelectuais. Sobre os relatos de casos de antropofagia, a repercussão não só causava assombros, mas também questionamentos à situação de barbárie a que se tinha chegado os sertanejos. Claro que, os médicos e demais autoridades do governo, tentaram explicar estes casos como doenças ou desvios mentais que deveriam ser tratados, mas não os tratou como problemas de ordem sociais que tinham uma causa sócio-material ou socioeconômica. Portanto, em situações como esta, o processo de disciplinarização é questionável, visto que não há como se ter um controle expressivo tantos dos sujeitos quantos de suas ações, mesmo que a situação vivenciada o exija. (MARTINS, 2012, p. 50 e 51)

---

rotineiras na interpretação feita sobre os documentos referentes a este período. A partir de então a doença, os sujeitos, os doentes, a cidade - de modo geral, passam a ser alvos do que deve ser regido, disciplinado, vigiado.” (MARTINS, 2012, p.55)

Em vista disso, na medida que, o acesso a tratamentos profiláticos, ou mesmo a serviços e recursos básicos pertinentes a uma segurança sanitária e um bem-estar mínimo – como acesso a água potável, medicamentos e um serviço médico direcionado ainda que fosse incipiente naquele momento –, eram limitados para essa parcela da população, a varíola prosseguia sua “via-crúcis” sobre a cidade de Fortaleza, encontrando um terreno fértil onde tais medidas e recursos não se faziam presentes. O médico e escritor Guilherme Studart, em sua pesquisa, revela que: “Dahí em diante a variola tornou-se endêmica, fazendo victimas de vez em quando nas classes inferiores. Em Agosto de 1900 grassou epidemicamente.” (STUDART, 1997, p. 47)

Além disso, de modo a sinalizar e reforçar essa inércia do aparato governamental na lida com a varíola e os incontáveis enfermos, notamos, mais uma vez, uma certa indiferença e omissão até mesmo em uma das únicas medidas profiláticas e sanitárias da época, isto é, a criação a manutenção do lazareto da Lagoa Funda. De acordo com o escrito contido na publicação de número 227, do jornal *O Estado do Ceará*, no ano de 1891, temos que: “Entretanto, o lazareto, a unica medida de prophylaxia proporcionada pelo governo, podia prestar serviços inestimaveis, se fossem attendidas as regras que presidem a estabelecimentos taes, de isolamento.” (p. 02)

Isto foi possível, em grande parte, por efeito das diretrizes e ordenamentos dessa “medicina sanitária” ou das atitudes e ações de uma higiene pública – ainda embrionária – naquelas respectivas circunstâncias, porquanto: “O discurso médico sobre a urbe influenciou práticas interventoras do poder público no espaço citadino, além da criação de locais onde seriam mais fácil se ter um olhar de sentinela sobre os corpos e suas ações, na tentativa conduzindo-os as práticas das regras impostas.” (MARTINS, 2012, p.53)

Tendo em vista o que foi discutido e observado até o momento, o estado sanitário que se encontrava a província e, a posteriori, o estado do Ceará, em especial a capital Fortaleza, requereu medidas ou atitudes que tirassem da inércia as organizações públicas e governamentais, como a administração local e o Governo Federal, assim como buscou-se um aprofundamento das discussões que integram o pensamento cientificista e as intervenções e diligências necessárias para extinguir, por fim, o mal da varíola. Manifestando-se, desse modo, na forma de manipulação do vírus variólico, no método ou artifício de uma linfa vacínica, e, como veremos mais adiante, o desenvolvimento e a realização de uma campanha de vacinação no estado do Ceará, sobretudo em Fortaleza. Cabe ressaltar que, conforme nos comunica Karla Torquato:



**Fonte: STUDART, Guilherme (barão de). Climatologia, epidemias e endemias no Ceará: memória apresentada ao 4º Congresso Médico Latino-Americano do Rio de Janeiro. [1909]. Ed. fac-sim. Fortaleza: Fundação Waldemar Alcântara, 1997.**

A partir da análise da fonte acima, o esquema do Dr. Guilherme Studart, além de nos comunicar a respeito da incidência da moléstia sobre algumas localidades espalhadas pelo Ceará, especialmente no decorrer do agitado século XIX – uma informação em si muito relevante e fundamental – também corrobora para o estabelecimento de respostas pertinentes a construção da ideia de que, tanto o Governo Geral, como representação máxima do poder no Brasil, quanto às instituições públicas e administrativas da província e, posteriormente, do estado do Ceará, além de protelar a tomada de atitudes mais severas e apropriadas, não se aparelharam de uma maneira satisfatória quando a forma manifestada da doença ainda era endêmica, ou em menor grau, e a quantidade de indivíduos habitando as determinadas localidades – chamemos a atenção para o núcleo urbano do estado, isto é, Fortaleza – ainda se apresentava em um estágio de desenvolvimento urbano moderado e, em alguns casos, até comedido.

Diferentemente do que experimentaria Fortaleza, já na segunda metade do século XIX, sobretudo a partir de 1877, com a “seca dos três 7” e o crescimento urbano e populacional frenético, sem contar o aumento assustador do número de casos de varíola, de acordo com o que discutimos outrora. O tempo ia passando e com ele permanecia a inércia e o despreço do poder público na lida com a doença e os milhares de enfermos espalhados pelo Ceará e, sobretudo, pelo centro de Fortaleza.

Com isso, ficava a cargo dos órgãos de notícias, como jornais e periódicos, além da própria produção escrita (literatura romancista, crônicas e demais publicações) de um número expressivo de autores da época, que, além de noticiar e informar a respeito do avanço da moléstia, também denunciavam essa omissão e os desajustes do governo no tratamento dado aos variolosos, aos retirantes e o restante da população mais pobre e miserável da capital. Além de manifestar, uma dezena de vezes – como observamos até o momento – suas insatisfações e anseios perante a problemática da varíola e as medidas possíveis e capazes de refrear a ação do morbo e seu potencial danoso, como podemos verificar a seguir, no fragmento de texto do jornal *O Estado do Ceará*, no ano de 1891, de autoria do Dr. Luna Freire. na coluna intitulada *A variola entre nós*:

Agora, porém, que duvida alguma póde haver sobre a existencia da variola entre nós e de modo e idemico, indisculpavel silencio tem-se feito sobre o

assumpto e de maneira tão insolita, que nos somos obrigado a vir á imprensa despertar o publico e ao mesmo tempo chamar a attenção dos competentes poderes para o problema importantissimo da hygiene prophylactica da variola. Os paizes cultos assignalão-se pelo modo porque são tratadas as questões attinentes á saude publica, e estamos certo de que no Ceará, que se tem distinguido por marchar adiante de suas irmãos na solução dos graves problemas sociaes, não deixará em estado de incuria tão censuravel essas graves questões e saberá opôr os meios hygieni os moodernos á marcha da epidemia que ameaça flagellar-nos de modo assombroso. (O Estado do Ceará, 1891, nº 227, p. 02)

Logo, tomando como parâmetro a citação da tabela do Dr. Guilherme Studart, observada anteriormente, e, neste momento, a referência encontrada no jornal *O Estado do Ceará* (podemos incluir nisso os demais periódicos examinados anteriormente), a partir do momento em que confrontamos ambas as fontes, num trabalho metodológico de cotejamento das informações e dos documentos históricos, identificamos, de uma maneira precisa e evidente, o que poderíamos chamar de “incúria dos poderes públicos”.

Ou seja, aludimos a enérgica escalada da varíola durante os séculos, principalmente da segunda metade do século XIX em diante, e, em contrapartida, as ausências do poder público sentidas não somente pela população da época (especialmente os milhares de enfermos) como também pela historiografia cearense, por vezes, revisitada. Apontando, entre uma série de outros elementos, os equívocos, as falhas e as lacunas existentes na tomada de atitude no âmbito das políticas públicas e, portanto, na trajetória de expressão da varíola.

Isto é, pelo menos até os primeiros anos do século XX, com o advento da linfa vacínica – esta agora produzida em solo cearense – e a implantação de uma campanha de vacinação, além de outras medidas que tinham como compromisso a extinção da varíola e que datam já das primeiras décadas do século XX, o quadro nosológico de higiene pública e sanitária do estado começou a se modificar e aparelhar-se positivamente e de maneira gradual. A partir de então, temos um compromisso cada vez maior e mais coerente, bem como duradouro, com uma agenda sanitária e as demais ações de profilaxia, higiene urbana e de combate às moléstias a partir da produção de um número maior de vacinas; estabelecendo, portanto, os arranjos e as estruturas do que chamamos, efetivamente, de uma política pública de saúde.

Ademais, o que podemos concluir de maneira assertiva até então, é que nesse emaranhado de acontecimentos e nas devidas leituras e interpretações permitidas pelo uso e o trato dado às fontes, surge diante de nós, a possibilidade de um esboço fundamental e consistente daquela devida conjuntura, que tem na manifestação da varíola suas raízes e seus embaraços. Por conseguinte, somos potencialmente capazes de compreender algumas particularidades características que, combinadas ao potencial de letalidade que mostrou o vírus

variólico, sobretudo em seus períodos epidêmicos, e as falhas e lacunas deixadas pelo serviço assistencial da administração e da máquina do Estado, estabelecem as narrativas, os testemunhos, os contrastes e as cicatrizes deixadas por essa perigosa combinação, como também:

(...) na indiferença generalizada das pessoas e do governo com relação à sua permanência; no descaso com as medidas de higiene apregoadas como capazes de obstar seu desenvolvimento no espaço urbano e na inoperância dos serviços de saúde a cargo da administração pública da cidade no combate a manifestação da doença. (BARROS, 2011, p.97)

Dessa forma, como vimos até o presente momento, a doença encontraria, em Fortaleza, “(...) o derradeiro marco na via dolorosa” (1997, p. 41), nas palavras do médico Guilherme Studart. O estado nosológico e sanitário que se encontrava a cidade, sobretudo os núcleos populacionais, como é o caso do centro da urbe, dão conta da situação já bastante atribulada e calamitosa que favorecia o aparecimento do flagelo de tempos em tempos.

Engana-se quem acredita ou pressupõe que, após os lamentáveis episódios que sucedem das terríveis secas de 1877 a 1879, isto é, do período agudo de disseminação da moléstia e da cifra altíssima de óbitos, em alguns casos, superando a marca de mil mortos em um único dia, de acordo com Rodolfo Teófilo em sua obra *Variola e vacinação no Ceará*, de 1904, as medidas e as diligências da administração pública tomassem um outro rumo, em direção ao aparelhamento do Estado no combate ao flagelo e um projeto enérgico e soberano de saúde e higiene pública – almejado de modo recorrente, como vimos outrora, em jornais e livros da época.

Essa ausência de instrumentos e mecanismos estatais na lida com a doença, são percebidos, inclusive, no início do século XX, mais especificamente no ano de 1901, em relatórios de Presidentes do Estado do Ceará apresentados à Assembleia Legislativa, revelando, dessa maneira, a lentidão e a inércia do governo na ocupação dessas lacunas existentes na sociedade, resultantes, justamente, desse cenário caótico e lúgubre que integram, de um lado, a varíola, e, do outro, a “presença” das instituições públicas do estado e do país. Entre alguns desses relatórios citados anteriormente, podemos destacar o então relatório do Presidente do Estado, Dr. Pedro Augusto Borges, enviado à Assembleia do Estado em 1º de julho de 1901, em que nos informa o seguinte:

A variola recrudescer; febres de mau caracter grassam por toda parte, fazendo victimas e exigindo providencias inadiaveis. As communicações vão sendo difficeis para as localidades do interior, distantes das zonas servidas pelas

vias-ferreas. Flagello caracterizado no seu periodo agudo impõe-me o dever de, ante absoluta falta de recursos por parte do Estado para enfrentar tão enorme calamidade e soccorer sua extensa população, solicitar do poder publico da União a providencia consagrada no art. 5º da Constituição Federal, reiterando neste telegramma, em forma publica e official, as considerações que já tive a honra de dirigir a V. Exc.<sup>a</sup>, em carta de 26 de Julho, na qual fundamentei igual pedido, apoiado n'aquella disposição constitucional, perfeitamente applicavel ao caso da calamidade occorrente no Estado. (p. 34 e 35)

Em suma, as consequências do flagelo eram sentidas em praticamente todas as esferas da administração pública e, como vimos, na sociedade fortalezense de modo geral. Notamos esses desarranjos e falhas por parte da administração do governo até mesmo em Relatórios Oficiais de Presidentes do Estado, como referenciado anteriormente. Isto nos fornece, entre outras coisas, uma importante perspectiva da situação a qual se encontrava a cidade de Fortaleza e o restante do Estado. Conjunturas estas que, já há bastante tempo, ocupam um lugar de destaque nesse “quebra-cabeça” não somente da História da Saúde Pública, como também da própria História do Ceará.

Por fim, após considerarmos a manifestação da varíola no ambiente da cidade e os infortúnios resultantes de tal fenômeno, sobressalta para nós, na trajetória de nossa investigação, certos conflitos e barreiras, como é caso do marasmo e das falhas nos serviços públicos de assistência aos variolosos e o combate à moléstia em si, posto que, juntamente ao potencial danoso e epidêmico do vírus variólico em si, compuseram a narrativa histórica e social da varíola em Fortaleza.



#### **4 A BUSCA PELA VACINAÇÃO: PRENÚNCIO DA REMISSÃO OU INSTRUMENTO DISCIPLINATÓRIO?**

Após a “intromissão” e, posteriormente, o estabelecimento da varíola no espaço da cidade, os esforços na busca por uma solução definitiva tornava-se prioridade – pelo menos para o farmacêutico Rodolfo Teófilo. Juntamente ao despontar de mais um século (século XX), antigos problemas e embaraços observados outrora, quase sempre relacionados a varíola e seus imbróglis.

Com o intuito de elucidar e discutir, da melhor maneira, as problemáticas aqui elencadas, dividimos o presente capítulo em três tópicos, cada qual tratando das questões que compreendem a campanha de vacinação, os seus problemas e suas repercussões. Além da busca pela vacina e a vacinação, sobretudo nos subúrbios da cidade de Fortaleza, compete ao capítulo, as discussões que orbitam a lógica da prática vacinal e os fenômenos relacionados à rejeição ao imunizante, também chamado de “vacinophobia”.

No primeiro tópico desse último capítulo, destinamos nossos esforços para a compreensão e o entendimento das questões relacionadas a inauguração e o cumprimento do serviço, ou da campanha de vacinação, elaborada e posta em prática pelo sanitarista Rodolfo Teófilo em meados do ano de 1901 na capital Fortaleza. Por conseguinte, no segundo tópico, amplificamos nossa investigação com a minúcia da campanha de vacinação, suas dificuldades, os seus efeitos e a sua conclusão. Interessa, também, certos atributos e peculiaridades desse processo que compõem e confere a ação, os vínculos necessários para que a experiência seja admitida como fenômeno distinto e inédito não somente na historiografia cearense, como também na História da Saúde e das Doenças. Por último, no terceiro tópico, reservamos um espaço fundamental para a observação e o exame para aquilo que talvez seja um dos elementos mais ilustres, complexos e fundamentais do entendimento integral da trajetória e da experiência da varíola, o seu enfrentamento e a busca pela salvação: a antipatia, ou a rejeição a vacina e ao processo de vacinação.

#### 4.1 “Um allivio a seus males, a vaccina anti-variolica”: a Campanha de Vacinação no Ceará.

Como era de se esperar, a varíola, assim como outras enfermidades – recorrentes naquele decurso de tempo que vai da segunda metade do século XIX à primeira década do século XX, prolongava-se na sua estadia entre o cenário urbano da capital cearense, sobretudo no “(...) seu quartel general nos subúrbios de Fortaleza, na area sub-urbana, conhecida como areias, por não serem calçadas as ruas...” (TEÓFILO, 1904, p. 65)

Apesar de possuir, entre suas principais características, a capacidade de reaparecer entre os indivíduos após meses, anos e até décadas, manifestando-se na sua forma endêmica, ou seja, conforme se estabelece numa determinada região e por lá permanece, fatalmente levando a óbito um número atenuado de pessoas<sup>26</sup>, ainda que essa cifra, em muitos casos, seja expressiva e notável para o entendimento da doença.

Em contrapartida, temos também sua forma mais inflamada e belicosa, isto é, seu quadro epidêmico, podendo ser encontrado na literatura médica do período, nos relatórios administrativos da província e do estado e também nos jornais da época, na alcunha de “surto de varíola”. Logo, corresponde ao apogeu dos infortúnios e da desordem, assim como, o momento mais crítico de manifestação do morbo, os extremos quando nos referimos ao número de enfermos e também de óbitos.

Como vimos nos capítulos anteriores, certas providências e práticas foram utilizadas no Ceará, sobretudo em Fortaleza, na difícil tarefa de combater “o terrível mal”. Entre essas diligências, vale recordar: a criação do *Lazareto da Lagôa-Funda*, como uma primeira medida assistencial aos variolosos e outros enfermos e a aplicação da linfa vacínica, esta por sua vez, enviada de tempos em tempos pela repartição de Higiene Pública da então capital federal, o Rio de Janeiro, o que não representava – a partir do que foi discutido no primeiro capítulo da presente obra – um avanço notável dos artifícios e do instrumental referente aos esforços da administração pública do estado, no enfrentamento da moléstia, visto que, a linfa vacínica enviada pela capital, não era sinônimo de solução da problemática, muito menos um prognóstico que apontasse para um desfecho, ou o “triunfo” contra a varíola.

Chamava atenção não pela eficácia, mas sim, por suas falhas e letargia quando o assunto era opor-se à rudeza do vírus variólico e o seu potencial de retornar, após alguns anos, ao

---

<sup>26</sup>Cf. Disponível em: <https://butantan.gov.br/covid/butantan-tira-duvida/tira-duvida-noticias/entenda-o-que-e-uma-pandemia-e-as-diferencas-entre-surto-epidemia-e-endemia>. Acesso em: 27 de abril de 2023.

contágio no mesmo indivíduo. Algumas explicações podem ser mencionadas a respeito da linfa mencionada. Podemos atribuir a sua inoperância, ou mesmo sua extenuação, as condições de transporte e de temperatura do Rio de Janeiro para Fortaleza, de acordo com o que foi discutido no primeiro capítulo da dissertação.

Assim, necessitava-se de uma linfa vacínica eficiente em sua composição, de simples preparo e fabricação e que estivesse de acordo com as condições climáticas de Fortaleza e do restante do Ceará, e sem que sofresse com as imposições e os problemas decorrentes do transporte ou da logística de distribuição do preparo. Estava então lançado o desafio, não somente a administração e o poder público como também a iniciativa de particulares, como é caso de Rodolfo Teófilo – farmacêutico e “inventor” de uma série de outros preparados, tais como a *Cajuína* e o soro antiofídico para o veneno da cobra cascavel<sup>27</sup>. O “desafio” se tornava mais urgente e necessário com o despontar de mais um surto, ou epidemia de varíola no Ceará naquele início de século XX.

O prenúncio de mais um período de calamidades já imperava na capital. A seca, no seu cortejo de infortúnios, angariava não somente a fome, o desemprego e a mobilização de migrações pelo Ceará, como também a moléstia de varíola – chama-se a atenção para a reincidência do vírus variólico entre a população cearense, mesmo após mais de vinte anos desde o surto de 1877 e 1878. De acordo com o que fala o farmacêutico Rodolfo Teófilo:

No segundo semestre de 1900 estava há passeio na capital da Bahia. Havia deixado o Ceará no mais lastimoso estado de miséria. O anno tinha sido o mais secco de que havia memoria, muito mais do que 1877, e os Poderes Publicos haviam completamente abandonado a população necessitada de socorro. Por todos os vapores recebia eu as mais desoladoras noticias: a fome e a variola estavam acabando o Ceará. (TEÓFILO, 1904, p. 69)

Diante do avanço da doença e seus infortúnios, necessitava-se de um projeto de caráter emergencial, que fosse capaz de contrapor os reveses oriundos da moléstia. Como observamos no capítulo anterior, a inércia e as falhas do poder público na lida com a enfermidade pouco favoreceu a extinção do morbo, ou mesmo seu controle – como assim o foi a partir do processo de vacinação em massa nos primeiros anos da década de 1900.

Com isso, o espaço de assistencialismo público e socorro sanitário, encontraria em particulares o “fio-condutor” do mérito e da capacidade de pôr em prática uma Campanha de Vacinação distinta e também decisiva perante os rumos que a História da Saúde Pública e da varíola percorreria naquela primeira metade do século XX, especialmente quando nos

---

<sup>27</sup> Ver: SOMBRA, Waldy. **Rodolfo Teófilo**: o varão benemérito da pátria. Fortaleza: 1997.

referimos a uma agenda de saúde pública, ainda que principiante, no estado do Ceará e também em outros estados da federação, como é caso de Goiás e Rio de Janeiro.<sup>28</sup>

A primeira década do século XX romperia não somente a cronologia ou a transição dos séculos como também estruturas até então obsoletas, à medida que o desenvolvimento científico e as ações sanitárias e de saúde pública, como a vacinação em massa, entram em pauta naquele importante quartel, o crivo e a “peneira” da história referente às ações sanitárias de combate a peste acabava por revelar intervenções e práticas fundamentais no vagaroso combate à varíola no Ceará – pelo menos até aquele momento.

É nesse contexto que o farmacêutico e sanitarista Rodolfo Teófilo vai elaborar e empreender sua “cruzada contra a varíola”, estabelecendo uma importante baliza na lida e no trato com a doença no Ceará, principalmente em Fortaleza na forma de uma “Campanha de Vacinação” ou como o próprio farmacêutico chamava “*Serviço de vacinação*”. A peste de varíola estaria com seus dias contados, ao menos até o fim da sua jornada em busca da imunização, ou até o nosso recorte temporal.

Convencido de que nada podia o meu esforço no sentido de chamar o governo da União ao cumprimento de seus deveres, e não querendo ser um inactivo deante dos soffrimentos de meus infelizes patricios. tive a idéa, de regressando ao Ceará, levar-lhes um allivio a seus males, a vaccina anti-variolica. (TEÓFILO, 1904, p. 70)

Ademais, vale ressaltar que com o objetivo de registrar (de forma técnica e sistemática) os acontecimentos provenientes dessa “empreitada vacínica” contra a moléstia, o sanitarista produziu, um livro, intitulado “Varíola e vacinação no Ceará”, cujas crônicas, experiências, realizações e avanços dessa trajetória culminaria, em 1904, na eliminação da varíola da capital cearense. Sobre esse fato, nos fala Charles Pinheiro:

Nesse pequeno texto, percebemos uma síntese do trabalho realizado por Rodolfo Teófilo durante a campanha de vacinação contra a varíola no Estado do Ceará. A produção da vacina começou no início de 1901 e, até a data da circular, ele já tinha extinguido a doença na cidade de Fortaleza. Os trabalhos da vacinação abrangeram as cidades do interior, onde médicos, farmacêuticos, voluntários recebiam as vacinas e imunizavam os moradores de cada vilarejo ou cidade. Denomina de “Liga cearense contra a varíola” os agentes organizados por ele para o combate da peste. O trabalho é bastante organizado e incessante, além da solicitação do número de pessoas vacinadas para servir de base estatística, a ser enviada ao Governo, demonstrando assim a eficácia da vacinação. (...) Após o anúncio sobre o livro, Teófilo afirma que a obra pretende ser uma “notícia exata” sobre os serviços de vacinação. A

<sup>28</sup> Cf. OLIVEIRA, Eliézer Cardoso de. A epidemia de varíola e o medo da vacina em Goiás. História, Ciências, Saúde – Manguinhos, Rio de Janeiro, v.20, n.3, jul.-set. 2003, p.939-962.

expressão nos revela o desejo de verdade que o autor tinha, devido a sua visão de mundo cientificista e racionalista. (PINHEIRO, 2017, p. 1 e 2)

Para além da composição e das consequências de tal empreendimento, isto é, a Campanha de Vacinação em si, destacamos, a produção escrita de Teófilo, fundamental publicação acima citada. Na forma de um livro, podemos compreender, em grande medida, o que foi aquele decurso de tempo que vai desde a idealização da linfa vacínica a de fato, um projeto com endereço certo: a extinção da moléstia do Ceará.

Compreender os episódios que transcorrem durante a Campanha de Vacinação é, antes de mais nada, notabilizar a conjuntura de ocorrência da varíola, assim como os esforços na tentativa de superar o terrível mal, sobretudo, na capital fortalezense. É entender e conduzir as indagações e o enredo da atual narrativa sobre a doença no sentido de arremate, ou desfecho das ações e diligências próprias da história da doença, tarefa esta que corresponde ao principal interesse do presente tópico.

De início é necessário distinguir, a vacina enviada do Instituto Vaccinogênico do Rio de Janeiro da necessidade de produção de um imunizante local, mais adequado às condições climáticas e que, de fato, fosse abastecida com uma solução eficiente e poderosa no combate ao vírus variólico, como assim o foi a partir do preparo – diga-se de passagem caseiro – da linfa vacínica produzida por Teófilo, também chamada de vacina animal:

A vaccina enviada mensalmente do Instituto Vaccinogenico do Rio de Janeiro, não dava resultado, ou por antiga ou por conter grande quantidade de glicerina. No conhecimento de tudo isto ocorreu-me a idéa de assistir a algumas sessões de vaccinação no Instituto Vaccinogenico da capital da Bahia. (TEÓFILO, 1904, p. 70)

A empreitada vacínica começaria então a partir do desafio de preparar, em solo cearense, uma linfa vacínica superior àquela enviada pela capital. Para tal fato, Rodolfo Teófilo, de acordo com o que narrou em seu livro já citado, participou de algumas sessões no Instituto Vaccinogênico da Bahia, destinadas ao preparo da vacina e o processo de vacinação em si – vale salientar o aspecto científico, técnico e experimental que compreende e acompanha o processo de produção da linfa e suas aplicações no organismo, assim como toda a trajetória da doença e as inúmeras tentativas de “frear” sua disseminação e contágio entre os indivíduos.

Foi necessário então, nesse contexto de falhas e desacertos na lida com a varíola, a modernização e o aperfeiçoamento de certos artifícios que até então – por mais que estivessem em utilização há longos anos, como é caso da vacina Jenneriana, ou humanizada – não apresentavam um quadro imunológico suficientemente resistente contra as investidas

esporádicas do flagelo, e que representassem, ou que tivessem a capacidade de imunizar, de maneira sistemática, um número maior de pessoas. A vacina Jenneriana além disso tudo, ainda podia apresentar, em alguns casos, reações indesejadas nos pacientes, como o aparecimento de úlceras, ou pústulas pelo corpo do indivíduo, contribuindo, também, para a desconfiança e a revelia por parte da população ao imunizante. Ainda de acordo como o farmacêutico, o mesmo chega a afirmar que:

Já conhecia o processo de vaccina animal, tanto que em duas sessões fiquei sabendo praticamente o methodo de cultura daquela vaccina. Estava, portanto, habilitado a levar para o Ceará esse beneficio, uma vez que o governo disso não cogitava. Muni-se dos instrumentos indispensaveis aquelle serviço, fiz aquisição de vitellos torinos, porque no Ceará não os encontraria, e o nosso gado não se presta bem a vaccinação, e embarquei para Fortaleza onde cheguei a 6 de Dezembro. (TEÓFILO, 1904, p. 71)

Encontramos nesse e em muitos outros escritos de Teófilo, certas críticas à participação do poder público ou talvez esperasse uma colaboração nas diretrizes que constituíam o andamento da Campanha de Vacinação. Era de se esperar que, dada a conjuntura problemática vigente naquele ano de 1901, qualquer contribuição e subsídio fosse de grande valia na difícil e lastimosa “batalha” contra a varíola, não se concretizaria.

Na prática, a contribuição por parte da administração pública limitou-se a exaltação dos feitos do sanitarista em relatórios oficiais e tópicos de jornais, sem de fato, engendrar um projeto unificador que fosse capaz de sobrepujar, de maneira mais eficiente, a propagação da varíola no Ceará e, principalmente, em Fortaleza.

Ao presidente do Estado, Dr. Pedro Augusto Borges, communiquei os meus projectos. Applaudiu a minha idéa, porem duvidou de conseguir eu vaccina, em virtude do clima, dizia elle. Assegurei-lhe a confiança no bom resultado desde tentame, dizendo-lhe nessa occasião que confiava em Deus extinguir em breve a variola em Fortaleza, onde grassava desde 1888; que esperava não me fallecesse o animo para dentro de poucos annos ter profusamente espalhado a vaccina por todo o Ceará, tornando assim immune a sua população a semelhante peste, como é presentemente a Allemanha. O presidente do Estado louvou a minha empreza e, se me não prometteu auxilio material, garantiu-me, para me tocar a vaidade, proclamar-me um benemerito, se conseguisse pela vaccinação extinguir a variola em Fortaleza. Em meu animo nada influíam os applausos e pouco valor tinham os titulos de benemerancia passados pelos governos. (TEÓFILO, 1904, p. 72 e 73)

Após o encorajamento do farmacêutico na promissora empreitada contra o flagelo, o governo do estado sinalizava, dessa forma, uma não necessidade de auxílio ou mesmo urgência na solução do quadro sanitário e epidemiológico do estado e, sobretudo, da capital fortalezense

– diga-se de passagem, bastante crítico e alarmante. Este fato vai diretamente de encontro às demandas urgentes que eram comunicadas em relatórios oficiais da administração pública, como é o caso da seguinte mensagem oficial dirigida à Assembleia Legislativa do Ceará, em relatório do então presidente do Estado, Dr. Pedro Augusto Borges, no mesmo ano de 1901:

A crise que asoberba o Estado affecta profundamente o commercio, suas industrias, todas suas fontes de vida. A população sobressaltada deserta do lar, abandona o domicilio, refugiando-se n'esta capital e em outros pontos do littoral, produzindo, pelas grandes agglomerações e inobservancia de condições de hygienicas, grande alteração na salubridade publica. A variola recrudescce; febres de mau character grassam por toda parte, fazendo victimas e exigindo providencias inadiaveis. As communicacões vão sendo difficeis para as localidades do interior, distantes das zonas servidas pelas vias-ferreas. Flagello caracterisado no seu periodo agudo impõe-me o dever de, ante absoluta falta de recursos por parte do Estado para enfrentar tão enorme calamidade e soccorrer sua extensa população, solicitar do poder publico da União a providencia consagrada no art. 5º da Constituição Federal, reiterando neste telegramma, em forma publica e official, as considerações que já tive a honra de dirigir a V. Exc.ª, em carta de 26 de Julho, na qual fundamentei igual pedido, apoiado n'aquella disposição constitucional, perfeitamente applicavel ao caso da calamidade occorrente no Estado. (p.34 e 35)

Podemos atribuir a esse fato algumas interpretações, entre as quais alguns entendimentos, em que podemos destacar, a princípio: a escassez de suprimentos e recursos materiais para prover qualquer tipo de amparo à empreitada de Rodolfo Teófilo, como assim está expresso no relatório oficial; a não coalizão entre a figura de Teófilo e a representação do então Presidente do Estado Dr. Pedro Augusto Borges, partidário da oligarquia de Nogueira Accioly, seu então vice-presidente do estado, ferrenho opositor do farmacêutico, posto que em muitos escritos de Teófilo, sua indignação perante o governo de Nogueira Accioly irá atingir patamares consideráveis, acalorando as discussões e críticas do governo do estado.

Por conseguinte, até mesmo a não crença, ou convicção naquele otimista mas laborioso projeto que afamava o sanitarista, seguido de um insólito comprometimento, que ficaria muito mais no campo das ideias e das honrarias, manifestado em relatórios oficiais e jornais da época. Fato este curioso, diga-se de passagem, sobretudo quando verificamos, no mesmo relatório referido anteriormente, um discurso notadamente inflamado e repleto de abonações em relação ao trabalho e a campanha do farmacêutico, como podemos constatar no seguinte fragmento:

Registo com satisfação e louvor o inestimável serviço prestado pelo distincto pharmaceutico Rodolpho Marcos Theophilo que, por amor do bem publico, se prestou a vaccinar gratuitamente a centenaes de pessoas, no período agudo

da epidemia. (Mensagem dirigida à Assembléia Legislativa do Ceará, 1º de julho de 1901, p. 60)

Apesar das honrarias, o esperado “auxílio” governamental passou despercebido, sobretudo nas páginas da “crônica documental” de Rodolfo Teófilo, isto é, seu livro *“Varíola e Vacinação no Ceará”*. Se por um lado a própria administração pública manifesta sinais de esgotamento e vulnerabilidade no controle e condução desses momentos em que a doença se faz mais presente, por outro, abre-se um importante espaço para que a iniciativa de particulares se sobressaia num possível e distinto projeto de saúde pública – por sinal, sem a parte do poder público – que seria empreendido naquele cenário calamitoso de manifestação da varíola no Ceará a partir do ano de 1901.

Por conseguinte, é importante ressaltar que, com o intuito de não somente registrar os principais acontecimentos relacionados à realização da Campanha de Vacinação no Ceará, mas também, as dificuldades e êxitos desse percurso, Rodolfo Teófilo destina uma parte de seu livro para o esclarecimento a respeito da vacina animal, em contraposição a vacina jenneriana ou humana.

O autor também ressalta as adversidades enfrentadas pelo médico e cientista inglês Edward Jenner quando o mesmo, ainda no século XVIII, observando certos ordenhadores que tinham contato com a varíola bovina e apresentavam uma forma branda da doença, tornaram-se dessa forma, imunes ao vírus variólico, decide criar a vacina contra a varíola, todavia, a vacina é recebida por parte do público em geral com descrédito e mesmo desconfiança na sua eficácia.

De então para cá o poderoso prophylactico espalhou-se entre os povos cultos de todo o globo. A sua vulgarização entretanto, não tem sido tão profusa, como devia, attendendo-se ao real valor de tão poderoso preservativo. A´s grandes idéas nunca faltarão inimigos. Levantou-se a campanha de ignorancia contra a maravilhosa descoberta de Jenner, que teve de supportar o ridiculo atirado por fidalgos ignorantes e mesmo por scientistas pouco criteriosos. (TEÓFILO, 1904, p. 76)

Percebe-se, no discurso inflamado do farmacêutico, entre outras coisas, uma tentativa de validar sua empreitada e sua trajetória em busca da linfa vacínica no Ceará. Ao elucidar certos fatos relacionados a figura do médico inglês Edward Jenner e os problemas por ele enfrentados a partir da criação do profilático, o autor acaba por exaltar seus próprios feitos no enfrentamento não somente a doença em si como também o embate envolvendo a



administração pública e, principalmente, boa parte de indivíduos que iriam rechaçar e até mesmo recusar a sua vacina e sua iniciativa, como veremos mais adiante.

Por conseguinte, afirma o autor ser a vacina animal superior a vacina humana e a mais adequada ao enfrentamento da varíola. Seria este o retrato da modernização dos estudos médicos e laboratoriais referentes ao processo de concepção da vacina antivariólica, isto é, o progresso científico necessário para um enfrentamento mais acirrado e enérgico frente o terrível mal:

A sua idéa, entretanto, venceu; e se hoje ainda a variola faz victimas é porque, povos ha, embora civilizados, de uma inveterada caturrice. Os anti-vaccinistas, em sua campanha, usavam de todas as armas. Uma das rasões que davam contra a vacinação e que muito calava no espirito do povo era a possibilidade da transmissão de molestias pela vaccina humana. Esta rasão, justa até certo ponto, não tem o valor que lhes quizeram dar, e desapareceu com a pratica da vacinação animal. A vaccina humana tinha, alem de outros inconvenientes, o de não se ter ella sempre a mão e em abundancia. Essa falta veio sanar a descoberta da vaccina animal. (TEÓFILO, 1904, p. 76 e 77)

Vale ressaltar que o progresso material e o desenvolvimento das técnicas científicas e laboratoriais deveriam resultar na materialização da solução definitiva na forma de um imunizante, só visualizado de modo mais tangível no início do século XX, não represente um projeto definidor dos rumos aspirados, ou mesmo ensaiados naquela segunda metade do século XIX. Embora a Campanha de Vacinação se materialize na primeira década do século XX, muito possivelmente o esboço para a resolução do problema já seria possível de se observar ainda no século XIX, apesar de tais medidas assistenciais (quando existiam) ensaiadas nesse período e que não representasse um projeto de fato radical ou até mesmo decisivo no desfecho da moléstia, não podemos negar que representaram importantes movimentos no âmbito do assistencialismo médico e sanitário, embora seja na Campanha de Vacinação empreendida por Teófilo que essa transformação adquire novos patamares perante os rumos da doença.

A Campanha de Vacinação do farmacêutico começaria, rompendo a inércia e inaugurando um novo capítulo na História da Saúde e das Doenças no Ceará. Ainda de maneira tímida, longe dos holofotes da sociedade cearense da época, embora no seu âmago já significasse uma novidade diante da medicina sanitária e no assistencialismo até então afirmava: “Logo que refiz a saude, que se havia alterado um pouco na capital bahiana, comecei

o serviço de vacinação animal, em minha propria casa, no Bolevard do Visconde do Cauhye n. 4.” (TEÓFILO, 194, p. 91)

No tocante a produção e o preparo da linfa vacínica, assim como suas peculiaridades e métodos de manipulação, registra e esclarece Teófilo na segunda metade de seu livro *“Variola e Vacinação no Ceará”*:

O systema da vacinação animal é o mesmo, com poucas variantes. Segui o francez usado no Instituto Chambon, que assim manda praticar: O vitelo, que será completamente são terá de quatro a seis mezes de idade, colloca-se deitado sobre uma mesa forte e se o immobilisa, por meio de correias, que se atam aos membros e a cabeça. Deve ser preferido um animal de pêllo claro, na rigião vaccinal, porque a pelle não sendo escura com facilidade será observada a evulção da vaccina e esta não será corada pelos pigmentos. Satisfeitas estas condições procede-se a raspadura a navalha no logar para a inoculação do virus vaccinico. Este logar é a parte inferior da parede thoraxica-abdominal, tem a fórmula de um rectangulo, cujas linhas, a superior se estende horisontalmente da parte média da cavidade da axilla ao ponto homologo da cavidade inguino-crural e a inferior passando na visinhança do umbigo e seguindo paralella aquella. (TEÓFILO, 1904, p. 91 e 92)

O preparo da vacina animal decorre de um longo processo de estudo, análise e condicionantes que, somadas, aumentariam as chances de tal processo, de fato, funcionar e se tornar praticável. Igualmente, é possível notar, inclusive, a natureza da técnica (chamada de inoculação) e do conhecimento científico no fabrico da solução vacinal anti-variola, resultado e consequência de longos anos e séculos de manifestação do mal, de surtos epidêmicos e tentativas – das mais absurdas às mais obstinadas – de se extinguir o terrível mal do solo cearense. Prossegue o farmacêutico em seus registros sobre a preparação e a fabricação da vacina:

Decorrido aquelle periodo procede-se a colheita da vaccina. Leva-se o vitello a mesa e se o immobilisa como na sessão da inoculação. As pustulas acham-se desenvolvidas, apresentando uma intumescencia alongada no sentido da incisão, ligeiramente achatada tendo no centro uma leve depressão longitudinal. (...)Para a colheita da vaccina humana basta romper a cuticula epidermica. A lymphá, que se acha em pequenas lojas formadas a custa do corpo mucoso de Malpighi, sahe em gottinhas. A animal já não é assim. Com a lanceta retira-se a eschara, que cobre a pustula, e vê-se que a superficie desta fica secca, não exsuda liquido algum. É necessario portanto comprimir a vaccina, o que se faz com uma pinça propria, a pinça Chamben por exemplo. (...)Misturada a polpa à lymphá, trata-se de sua conservação, o que se obtém incorporando áquellas materias 25% de uma mistura em partes eguaes de glycerina pura e agua destillada, perviamente fervida. Trata-se agora pela trituração de fazer uma massa completamente homogenea, isso é, que a polpa vaccinica fique perfeitamente incorporada a glycerina. Isso feito, procede-se ao enchimento dos tubos, operação que consiste em tirar destes o ar pela

sucção e occupal-os, 2/3 de sua capacidade, pela polpa glicerizada. Esta operação pode tambem ser feita com uma pipete. Cheios os tubos, procede-se immediatamente a sua occlusão, a qual se pratica na chamma de uma lampada a alcool ou melhor ainda n'um bico de Bumsen. Fechados assim as extremidades do tubo, a polpa vaccinica glycerinada conserva-se activa durante alguus mezes; mas é necessario em clima quente, como o nosso, tel-a ao abrigo do calor ambiente, o que facilmente se consegue conservando-a dentro d'agua, em um vaso de barro poroso.(TEÓFILO, 1904, p. 94-96)

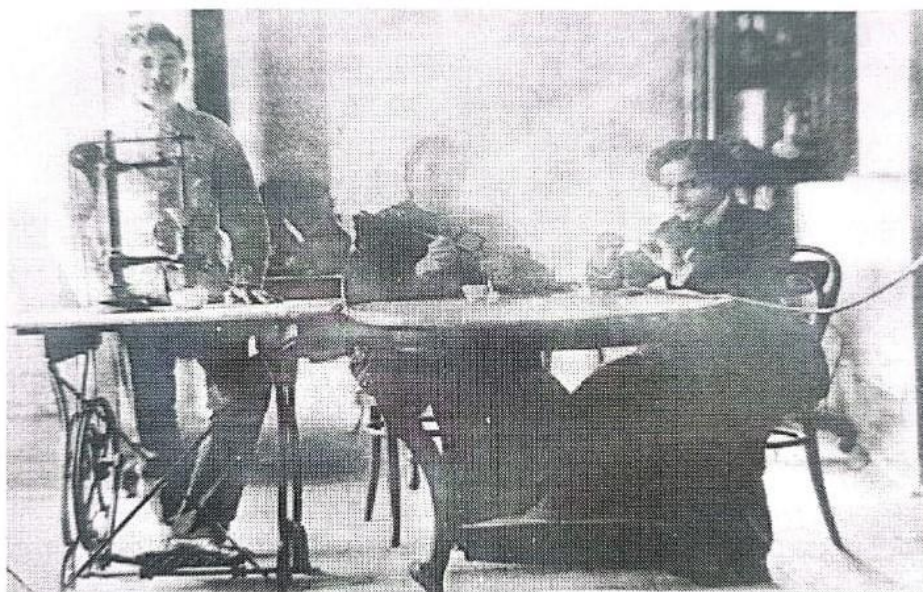
Estava, dessa maneira, materializando-se a vacina antivariólica em solo cearense, mais especificamente em Fortaleza<sup>29</sup>. Com o decorrer dos anos e das múltiplas e quase inesgotáveis experiências com o vírus variólico, notamos a existência de certos elementos que nos fazem refletir acerca do progresso material e humano na lida com certos tipos de doenças,

---

<sup>29</sup> Embora a vacina animal estivesse mais próxima do que nunca de se finalizada e posta a prova naquele início de século XX, a partir dos preparos e das técnicas descritas no texto, seu sucesso só vai ser possível após algumas investidas e fiascos, como assim coloca o farmacêutico: “Iniciei os meus trabalhos ainda em Dezembro de 1900, vaccinando uma das vitellas, que havia trazido da Bahia. O insucesso foi completo. Os contrarios a minha idéa se julgaram vencedores attribuindo o malogro ao clima. Estava eu pelo contrario, convencido de que o resultado obtido era somente devido a semente, que por má ou antiga não havia germinado. (TEÓFILO, 1904, p. 97)

sobretudo aquelas mais antigas, como é caso da varíola, e que insistiam (ou ainda insistem) em permanecer entre os indivíduos causando inúmeros flagelos e infortúnios.

**Figura 3**



**VACINOGENIO**

*Na foto, 1901, cena de preparação da vacina, enchimento e vedação dos tubos com a linfa antivariólica. Vê-se a máquina Chalhybaus, adquirida na Bahia, pelo sanitarista; ao centro, D. Raimundinha, a esposa de Rodolfo Theófilo; ao lado, a farmacêutica Clarice Justa, sobrinha do casal e irmã do Dr. Antônio Justa.*

Registro do preparo e produção da vacina contra a varíola. Fonte: (SOMBRA, 1997. p. 109)

Inevitavelmente, foi necessário, além da bagagem histórica de vários séculos, o progresso e a experiência – sejam elas falhas ou exitosas, tanto médicas quanto sanitárias – no enfrentamento da doença e das habilidades e competências de acolhimento, diligência e também de permanência dos serviços postos em prática no início do século. Ou seja, um estabelecimento de uma agenda de saúde pública comprometida com a produção e aplicação da vacina. Fato este que, esquivando-se da temporalidade examinada, se arrastaria até meados da década de 20 e 30 do século passado.

Tres dias depois da inoculação vi que as pustulas começavam a se individualisar. No quarto dia já se achavambem patentes; e no quinto aptas a ser colhidas. Procedi a colheita da vaccina que estava excellente. Esta sessão foi assistida por diversos medicos e nesta ocasião foram vaccinadas directamente da vitella algumas pessoas. Os resultados foram magnificos.

Todos que receberam o poderoso prophylatico tiveram excellentes vaccinas. Não houve inoculação que abortasse. (TEÓFILO, 1904, p. 98 e 99)

Após algumas tentativas falhas e outras exitosas, a vacina animal estava pronta para ser posta em prática, era o prelúdio de um projeto de saúde pública realizado no Ceará, que trazia na linfa, isto é, na vacina, um instrumento fundamental na derrocada da doença, como podemos notabilizar a partir do registro do farmacêutico.

**Figura 4**



O vitelo sobre a mesa indica o preparo da linfa pelo farmacêutico Rodolfo Teófilo (a esquerda da imagem). A partir do método da inoculação, foi possível a produção da vacina animal. Fonte: SOMBRA, 1997, p. 109.

Com o advento da vacina surgiram também alguns entraves que caracterizaram, sobretudo, os primeiros anos do serviço de vacinação. Identificamos que, embora tenha atingido um certo nível de êxito em sua empreitada, o serviço de vacinação seria, com efeito, mais próspero e imediato se tivesse contado com a assistência e o subsídio da administração pública do estado e da federação, fato este que não se concretizou, ficando a cargo do próprio farmacêutico praticamente todas as etapas do processo: da preparação, ou produção (como vimos anteriormente) a posterior aplicação da linfa em sua casa e também pelos arrabaldes da cidade de Fortaleza, ou como eram chamados: areais.

Estava iniciado no Ceará o serviço de vacinação animal. O mais difícil estava realizado. Era necessário captar a confiança do público, ou antes mover os indiferentes a aceitarem o salutar preservativo, convencer os anti-vaccionistas de sua obstinação no erro. Era difícil e espinhosa a propaganda.

Eu não temia o povo, porem os ignorantes com rotulos de ilustrados.  
(TEÓFILO, 1904, p. 99)

O sanitarista seria recebido com descrédito e até mesmo desconfiança entre a população fortalezense da época. Seja nas agremiações de intelectuais e políticos partidários da oligarquia aciolina que, como vimos, compunha a “lista” de desafetos e opositores do farmacêutico, seja inclusive entre as camadas mais pobres e carentes da cidade de Fortaleza, o público mais afetado pelas crises epidêmicas de varíola e pelas limitações e falhas do serviço público de saúde e higiene da administração do estado. Fato este um tanto quanto curioso e inusitado quando nos deparamos com a totalidade dos eventos decorrentes da manifestação da doença e seus flagelos, embora para a época, tal fato encontre algumas possíveis narrativas e interpretações – para essa discussão, destinaremos os tópicos seguintes do presente capítulo.

Além disso, cabe ressaltar que, para além das informações referentes a configuração e organização da campanha de vacinação em si, interessa para a presente pesquisa a própria narrativa da campanha e sua posição no decurso da moléstia, isto é, o objetivo a ser alcançado, o último estágio dessa trajetória de expressão da doença, sobretudo quando direcionamos nossa investigação e nossas leituras a plenitude e a somatória dos acontecimentos que compõem a história da doença e, por fim, a sua derrocada, refletida no próprio profilático, ou seja, a vacina.

Em dias de Janeiro de 1904, annunciei pelo unico jornal que tinhamos A Republica que vaccinava gratuitamente em minha casa todos os dias de uma as quatro horas da tarde. Comecei tambem a publicar uma serie de noticias sobre a peste da variola, episodios aterradores com o fim de incutir no espirito publico o terror da bexiga e movel-o a procurar a vaccina. A variola grassava então em Fortaleza e eu disso fazia uma arma de combate em favor de minha propaganda. Publicava noticias apontando os estragos e intensidade da epidemia, casos sem conta de variola hemorrhagica. O certo é que nos dias subsequentes a taes publicações alarmantes, tinha eu a casa cheia de pessoas a vaccinar. Vaccinei em Janeiro apenas 45 pessoas. Em Fevereiro o numero de vaccinados augmentou; mormente depois da sessão de 16 a que se dignou comparecer o presidente do Estado acompanhado do deputado federal Dr. Thomaz Pompeu Pinto Accioly, e sua Exma. esposa que vinha revaccinar-se. Estes cavalheiros ficaram admirados da affluencia de vaccinandos.  
(TEÓFILO, 1904, p. 99 e 100)

Alguns elementos da narrativa do farmacêutico nos chamam a atenção e ampliam nossa análise, sobretudo quando apontadas para um primeiro arranjo da campanha de vacinação – um tanto quanto limitada e modesta –, como referenciado por Teófilo quando registra que aplicava

o profilático em sua própria residência, sendo preciso “atiçar” o espírito público em jornais para, desta forma, granjear simpatizantes ao seu invento.

Entre tais informações, uma delas salta aos olhos mais atentos e intrigados, precisamente a referência à participação do então deputado federal Dr. Thomaz Pompeu Pinto Accioly, filho de uma das suas principais desavenças políticas: o Dr. Antônio Pinto Nogueira Accioly (conhecido como Nogueira Accioly, ou o babaquara pela literatura da época), presidente do Ceará entre os anos de 1896 a 1900 e de 1904 a 1912.

Assim, tal evento nos convida, com certo apelo à curiosidade e a “intromissão” característica do trabalho historiográfico, para uma interpretação do fato narrado, visto que, no conjunto da narrativa, notamos os vazios deixados pelo poder público na lida com a doença e, a partir do que observamos, a não assistência a fabricação da linfa e sua posterior aplicação, mesmo que, de acordo com Teófilo, o então presidente do estado e outras figuras de poder ligadas diretamente a estrutura política e administrativa do estado fossem ao encontro do profilático na casa do farmacêutico.

O fato é que, com a criticidade do trabalho historiográfico, somos capazes de “hastear” uma coletânea de explicações e sentidos para o ocorrido, que vão desde a credibilidade posta em prática a partir do momento que tais figuras (o presidente do estado, por exemplo) vão, de fato, aderir ao profilático; a movimentações de um jogo político característico daquela conjuntura, que não permitia uma colaboração mais avultada entre dissidências políticas, como é caso de Rodolfo Teófilo e Nogueira Accioly, a não ser que permanecesse apenas no campo das honrarias e benemerências ao trabalho do farmacêutico, como estampado em jornais e relatórios oficiais de estado.

Podemos também atribuir ao fato, dentre outras possibilidades, a condição financeira limitada e negativa do estado do Ceará e da cidade de Fortaleza. Embora, o que notamos seja o oposto disso, a partir do que foi discutido no capítulo anterior. As elites da cidade ambicionavam um aspecto civilizador europeu e moderno. As próprias estruturas físicas e arquitetônicas da cidade iam, a passos largos, se modernizando e firmando um projeto de melhoramento urbano desde do final do século XIX, ainda que boa parte da população que residia ou compunha a cidade (sobretudo em períodos de seca e fome) não fosse verdadeiramente contemplada nesse esboço, ou nessa iniciativa de “progresso”, também chamada de *Belle Époque*.

Neste sentido, possivelmente – ou com toda certeza – a carestia de recursos financeiros da administração do estado para a assistência à campanha de vacinação não fosse um dos motivos mais decisivos para a não colaboração e custeamento da iniciativa. Todavia, pelos

direcionamentos determinados pela presente pesquisa, esperamos que tais indagações possam, num futuro próximo, serem examinadas e estudadas com a devida atenção e o tempo necessário.

Por conseguinte, pouco a pouco a campanha de imunização contra a moléstia prosperava em meio ao ambiente progressista da capital Fortaleza. Como afirma Teófilo em sua coluna *Variola e Vacinação no Ceará*:

A população de Fortaleza, a que não era analphabeta, ia compreendendo o valor da vaccina anti-variolica, tanto que nos 28 dias do mez de fevereiro vaccinei 518 pessoas. Este resultado animou-me bastante, e esperançoso prosegui no meu trabalho.(...)A população de Fortaleza acceitou de muito bom grado a vaccinação directa do vitello, talvez por espirito de novidade. O certo é que todas as vezes que eu a praticava não me faltavam clientes. O numero de vaccinados em abril elevou-se a 473. Já era uma lança na Africa conseguir vaccinar em quatro mezes 1.209 pessoas em uma população infensa a vaccina. (Jornal do Ceará, 1904, p.03)

Notamos a partir da fonte acima, uma certa aceitação por parte da “população de Fortaleza” nas palavras do autor. Isto é, os moradores das áreas mais centrais da capital alencarina, em geral – e pelo discurso de Teófilo – grupos sociais mais abastados e letrados que compunham um certo tipo de segmento da sociedade. Uma pequena parcela da população que não compreendia, de acordo com o farmacêutico, a grande maioria dos acometidos pelo vírus variólico, ou seja, o predomínio, sobretudo, do número de óbitos pela doença.

Eu notava, com certo desprazer, que as pessoas do povo não appareciam para se vaccinarem. E, no entanto era entre elles que a variola fazia mais victimas. Em Fortaleza a urbana podia se considerar limpa ao passo que na area sub urbana, nas areias, como é conhecido a parte da capital habitada e sem calçamento, a bexiga era endemica. (TEÓFILO, 1904, p. 103)

Seguramente a campanha de vacinação de Teófilo correspondia, em grande parte, aos anseios provenientes, desde muito tempo, das mazelas e infortúnios da terrível doença. Como podemos observar neste primeiro tópico, a própria convicção e, a posteriori, a produção do profilático já anunciava as novas veredas que direcionariam a história da doença e a trajetória de saúde pública da cidade de Fortaleza e do estado do Ceará.

Entretanto, além das lacunas e da não assistência dos poderes públicos, a empreitada, assim como o próprio sanitarista, ainda “esbarraram” num significativo e, no mínimo, curioso



contratempo: a resistência de uma camada significativa da população, o grupo mais atingido pela moléstia. A vista disso, destinaremos os próximos tópicos do presente capítulo.

#### 4.2 “(...)da pia para a vacinação”: Imbróglis, realizações e desfecho.

À medida que o imunizante contra a varíola avançava naquela primeira década do século XX em Fortaleza, conquistando um espaço imprescindível no âmbito das medidas assistenciais de combate à doença, aumentava o número de indivíduos vacinados cada vez mais, como registrava Rodolfo Teófilo nos jornais *A República*, no *Jornal do Ceará* e também em seu livro *Variola e Vacinação no Ceará*. Como podemos observar a seguir, em um trecho de um artigo publicado mensalmente por Teófilo no *Jornal do Ceará*, o serviço de vacinação já se encontrava em um estágio mais avançado e regular, sendo praticado por outras figuras notáveis da época, ligadas ao domínio da medicina e da saúde pública, como os médicos João da Rocha Moreira e José de Castro Medeiros:

Tendo em maio sahir para o campo, fazer a minha estação de todos os annos, não quiz interromper o trabalho de vaccinação, do qual muito de bôa vontade se encarregaram os illustres clinicos Drs. João da Rocha Moreira e José de Castro Medeiros. O serviço começou, então a ser feito diariamente na pharmacia Theodorico de 11 horas da manhã ás 2 horas da tarde, como consta do annuncio que fiz publicar no jornal A Republica. (1904, p. 3)

Além disso, vale ressaltar que, como observado outrora, o livro representa um “compilado”, uma reunião dos acontecimentos e das experiências vivenciadas pelo farmacêutico que vão desde o preparo do preservativo, a inoculação no vitelo, a posterior colheita do material a, de fato, aplicação nos indivíduos. Além de conter, dentre outras coisas, os registros e o inventário do número de pessoas enfermas, a quantidade de óbitos, de pessoas já imunizadas e também todo o processo que resultou na campanha de vacinação e na supressão “do mal” da cidade de Fortaleza, o registro conta também com os percalços provenientes da iniciativa vacínica nos arrabaldes, ou areais da cidade de Fortaleza.

Destaca-se nessa trajetória dos infortúnios gerados pela varíola e seus atravancos, bem como a própria campanha de vacinação, a carestia de materiais, os escritos e documentos destinados a análise, do levantamento e ao registro desses acontecimentos durante os quadros epidemiológicos e até mesmo quando a doença não mais abatia o “espírito público” em meados

de 1904 como resultado da disseminação do imunizante, ficava a cargo do farmacêutico e também escritor, de registrar tais episódios em livros e jornais da época. Desse modo fornecia toda ordem de informações sobre o processo não somente ao leitor mais curioso, como também de certa forma, servia de prova desse cenário de manifestação da doença e dos instrumentos cruciais para o conhecimento (mesmo que parcial) daquela conjuntura em questão e o desfecho do cenário. Por mais positiva e salutar que fosse para o núcleo urbano e social da cidade as campanhas de vacinação, era fundamental atingir aquele segmento social e urbano marginalizado e que, durante anos, foi o mais subtraído pelas dores do falecimento e os embaraços da mazela. Nas palavras do farmacêutico:

Na segunda quinzena de Julho vaccinei 128 pessoas; mas continuava a mais completa abstenção da gente do povo, o que seriamente me preocupava por quanto sabia que se não conseguisse preservar da variola a classe menos favorecida da fortuna em Fortaleza, não extinguiria a variola na capital do Ceará. Assim me decidi a estabelecer um serviço de vacinação domiciliar. (TEÓFILO, 1904, p. 105 e 106)

Estabelecia-se, portanto, uma demanda cada vez mais social, coletiva e assistencial dessa empreitada, sobretudo quando Teófilo determina a “visitação” domiciliar como elemento decisório e que posteriormente (ou seja, no presente momento), através do exame e o estudo dessa experiência, revelaria uma das principais facetas dessa campanha de vacinação: o elemento não somente balizador como também atípico, especialmente quando observamos a constituição de projetos, políticas e iniciativas assistenciais no domínio da saúde coletiva naquela época.

Para a concretude do projeto de imunização completa da população de Fortaleza, o intuito era atingir aqueles que, até então, eram refratários à vacina e ao processo de imunização. Ocupar os espaços que até então eram de incumbência ou dever do estado, da administração da cidade, tornou-se o compromisso irrestrito da ação vacínica – se já não fosse desde a sua concepção.

Para o sanitarista e farmacêutico, assim como nas fontes examinadas, era nas camadas mais pobres, nos arrabaldes, nos areais, na periferia, ou seja, nos subúrbios de Fortaleza, que a doença notadamente triunfara no decurso dos anos. Logo, seria nesse espaço que o imunizante deveria atingir o seu cortejo de desembaraço e refrigério perante o mal da varíola, tal como constatou Rodolfo Teófilo em seu escrito e como veremos mais adiante.

Agora é que ia precisamente pôr-me em contacto com a ralé de Fortaleza. As 6 ½ horas da manhã, como de costume, sahia a cavallo para a minha

perigração. Fui ter primeiro ao Alto Alegre - o ponto mais elevado a oeste do bairro. Bonita explanada de onde se avista meia cidade e as alvas dunas da beira-mar. (...)Disseminadas naquella areia se erguiam um sem numero de cabanas de palhas, levantadas atôa e cada qual mais miseravel. Logo que entrei no arraial e os habitantes souberam quem eu era e o que me levava ali, abandonaram os casebres e ganharam o matto. Com que desprazer via aquella pobre gente aterrada, fugindo de mim de taboleiro a fora, levando os filhos, os menores ao collo e os mais crescidos acompanhando-a ou vencendo mesmo na carreira em que ia! (TEÓFILO, 1904, p.106 e 107)

Sem a devida assistência da administração pública à “peregrinação diária” – nas palavras do autor –, o trabalho mostrava-se relutante e causador de alguns embaraços, como Rodolfo Teófilo faz questão de reforçar durante praticamente toda a sua obra. A dúvida, o medo, a relutância e a resistência de certas pessoas ao imunizante e a prática da vacinação, revelaria um outro aspecto fundamental da experiência e do entendimento da doença no Ceará, além de integrar umas das “peças” desse emaranhado de experiências e narrativas.

Para além das queixas e insatisfações do farmacêutico para com os segmentos populares, a administração pública e a própria cidade, notamos, de igual modo, os registros detalhados desse serviço de vacinação. Segundo o autor: “Gastei quasi todo o mez de Agosto em visitar as habitações desse populoso bairro [Matadouro]. Serviço que teria feito em muito menos tempo se a população recebesse de bôa vontade o preservativo da variola.” (TEÓFILO, 1904, p. 120).

Por conseguinte, registra Teófilo, os seguintes dados acerca do serviço de vacinação domiciliar<sup>30</sup> e em sua casa, considerando, também, o número de indivíduos já vacinados, não vacinados e variolosos:

Habitam o bairro sito entre o calçamento do Bemfica, calçamento do Matadouro, Alto Alegre e Porangabuçu 1604 pessoas. Destas haviam tido variola 665. Estavam variolosos 5. Não eram vaccinados 211. Eram vaccinadas 723. Visitei neste bairro 331 habitações, em sua maioria miseraveis choças. Nesta população de 1604 individuos apenas encontrei 152 homens, nem todos validos, pois ha crescido numero de cegos e de aleijados. E cousa curiosa os cegos, que esmolam, não são os peiores abrigados. O numero dos que já haviam tido variola se eleva a assombrosa cifra de 41%, o que mostra a repugnancia que tem a vaccinação. (Jornal do Ceará, Ed. 103, 1904, p. 3)

<sup>30</sup> Como visto anteriormente, a não aceitação imediata do “grande público”, isto é, dos indivíduos pertencentes às camadas mais pobres da cidade de Fortaleza, que constituíam a grande maioria dos enfermos, à iniciativa de Teófilo, de certa forma “forçou” uma movimentação até então atípica do farmacêutico e que revelaria um aspecto pioneiro no campo da saúde e da assistência pública até aquele momento, seria o serviço de vacinação domiciliar: de porta em porta, de casa em casa, como assim é encontrado nos registros. O profilático acabaria indo de encontro aos doentes, aos não vacinados, transpondo, portanto, as barreiras não somente físicas da cidade como também as sociais.

A partir do que registra Rodolfo Teófilo em seu livro e nos jornais, temos certas informações relevantes no entendimento integral da campanha de vacinação e, portanto, da experiência da doença em sua totalidade em Fortaleza. Vale ressaltar que, até aquele momento, a investida vacínica ainda marchava a passos curtos, encontrando em seu caminho muitos obstáculos e infortúnios que acabam por nos revelar certos aspectos da vida cotidiana, da geografia local, da religiosidade, da economia e, por fim, da cultura de modo geral da população fortalezense, ainda que na perspectiva do farmacêutico Rodolfo Teófilo - revelar-se-ia um discurso um tanto quanto estigmatizado e preconceituoso, sobretudo quando direcionado a população mais pobre e miserável da cidade, justamente àqueles que mais enjeitaram o preservativo do sanitarista.

Prosseguia, então, o serviço de vacinação em Fortaleza. Dividia-se a peregrinação por bairros, ruas e passeios: *Matadouro, Oiteiro, Rua de Santa Thereza, Boulevard Visconde do Cauhye, Rua da Leopoldina, Rua de São Cosme*<sup>31</sup> e dentre outros logradouros pela cidade e também fora dela, como é o caso do bairro da *Pajussara* – ou, como é encontrado nos escritos de Teófilo: Alto da Bonança –, atualmente localizado no município de Maracanaú, recôndito do sanitarista e escritor. Em cada endereço, além do profilático administrado, uma síntese da situação e do cenário daquele respectivo local e daquela gente – às vezes promissor, muitas vezes dramático, desolador – revelava não somente as complicações da varíola como também a pobreza alarmante de boa parte da população da capital cearense.

Vacinados todos os habitantes do bairro do matadouro passei para o lado oposto ao Norte, começando pela extensa rua de Santa Thereza, logo no dia I de Setembro. A gente ahi estava melhor agasalhada e era de melhor costumes mas era também infensa a vacinação. Era preciso despender muita finura para conseguir alguma cousa. O nosso povo é bastante inteligente se bem que muitissimo ignorante. Tem pendor especial para o maravilhoso. Eu começava a comprehendel-o. (Jornal do Ceará, Ed. 103, 1904, p. 3)

Embora encontrasse resistências em sua investida, a campanha de vacinação já mostrava sinais positivos na lida com a varíola e o processo de imunização da população fortalezense como um todo. Visto que, diferente da vacina recebida da capital Rio de Janeiro, o profilático produzido pelo sanitarista mostrou-se mais eficiente e apropriado para as condições naturais e climatológicas do estado, além do próprio método de vacinação, que não

---

<sup>31</sup> Atualmente, esses bairros e logradouros correspondem, respectivamente: Matadouro - Área próxima ao bairro Benfica, Alto Alegre, Oiteiro - Aldeota, Rua de Santa Thereza - Rua Teresa Cristina, Boulevard Visconde do Cauhye - Avenida da Universidade, Rua da Leopoldina - Rua Dona Leopoldina, Rua de São Cosme - Rua Padre Mororó. Disponível em: <http://www.fortalezanobre.com.br/2015/08/>. Acesso em: 28 de julho de 2023.

mais era feito através da variolização e, sim, pela vacinação. Uma forma mais segura, menos invasiva e mais prática de conduzir o processo de imunização, ou de vacinação nos indivíduos, gerando uma experiência mais positiva e favorável perante a imunização e até mesmo uma possível revacinação.

Por conseguinte, registra Teófilo no Jornal *República*, no ano de 1901, os feitos decorrentes de meses de trabalho da vacinação domiciliar:

Como se vê a variola está quasi extincta nos suburbios a oeste de Fortaleza e podia estar de todo se os Poderes Publicos secundassem os nossos esforços, pondo em execução as leis que tornam a vaccina obrigatória. Os nossos bons desejos levando a vaccina aos domicilios não bastam para demover o povo do proposito de não se vaccinar. O preconceito contra este poderoso prophylactico tem profundas raizes, que se não extirpam a não ser pela força ou pela instrução. Com um pouco de paciencia e de rhetorica temos conseguido muito, mas tudo por aquelle meio é quasi impossivel. O governo venha em nosso auxilio que levaremos ao cabo a nossa missão. (TEÓFILO, 1904, p.134)

Algumas questões da fonte anterior nos chamam a atenção, sobretudo quando recordamos alguns elementos já trabalhados e contemplados outrora, entre eles: a assistência do poder público (ou melhor, a falta dela) na lida com a doença e, conseqüentemente, o apoio esperado frente a campanha de vacinação do sanitaria, que, diga-se de passagem, até o final da campanha ou até a eliminação do morbo da cidade, praticamente não alcançaria uma aliança almejada e fundamental com os poderes instituídos. Para além disso tudo, o preconceito, a hostilidade e rejeição a vacina e a vacinação, empecilhos tão exaltados pela figura do farmacêutico e que, para aquela conjuntura, representavam os maiores embaraços para o sucesso da campanha e, portanto, a extinção do mal da varíola, como de fato seria poucos anos depois. Outro elemento de destaque no excerto é, justamente, a discussão pela *obrigatoriedade* da vacinação contra a varíola. Fato este que, durante certo tempo, vai acalorar o debate e a opinião pública da época.

Na forma de uma possível solução ou, no mínimo, um artifício capaz de viabilizar os esforços da campanha de vacinação, a obrigatoriedade da vacina mostrar-se-ia um importante recurso não somente da campanha contra a varíola como também no enfrentamento de outros tipos de mazelas e doenças da época e da própria História da Saúde e das Doenças. Em resposta às investidas do Governo do Estado referentes a obrigatoriedade da vacinação, ilustrava Teófilo:

Até o dia d'esta publicação eu tive como unico auxilio do Governo do Estado o seu silencio e a sua tolerencia consentindo que um extranho se imiscuisse nos negocios da saude publica. Fui tolerado emquanto não disse: – preciso de um Cyrineu para levar a cruz ao Calvario, e só vós, senhor Governo, podeis ajudar-me pondo em execução as leis, já creadas, que tornam a vaccina obrigatoria. Acabaram-se aquellas immunities de que, por grande favor gosei, e agora eu não podia mais ameaçar os obstinados, os recalcitrantes, com as penas da lei, com o sabre do soldado, se o Governo disia pelas columnas de seu jornal – não posso obrigar o povo a se vaccinar. Bem triste foi esta declaração positivista. (TEÓFILO, 1904, p.136 e 137)

Na contramão daquilo que era determinado como um instrumento das expectativas de extinção da doença, a obrigatoriedade da vacinação ainda custaria a ser posta em prática, ficando a cargo da iniciativa de particulares, como é o caso de Rodolfo Teófilo, a viabilização de uma assistência médica e imunitária para a população. Logo, juntamente a outras querelas, evidencia-se um particular atributo dessa experiência no Ceará: a omissão e, em alguns momentos, as barreiras impostas pelo poder público diante da iniciativa vacínica, que naquele instante, já se mostrava como uma importante ação, ou diligência capaz de sanar o problema da varíola.

Figura 5

|                         |              |
|-------------------------|--------------|
| 142                     | R. THEOPHILO |
| <b>Em 1901</b>          |              |
| Janeiro .....           | 45           |
| Fevereiro .....         | 518          |
| Março .....             | 172          |
| Abril .....             | 473          |
| Maio (Pajussara) .....  | 227          |
| Junho (Pajussara) ..... |              |
| Julho .....             | 128          |
| Agosto .....            | 800          |
| Setembro .....          | 628          |
| Outubro .....           | 241          |
| Novembro .....          | 195          |
| Dezembro .....          | 158          |
| <b>Somma</b> .....      | <b>3.585</b> |

Estatística após um ano do serviço de vacinação em Fortaleza. Fonte: (TEÓFILO, 1904, p.142)

Com base na imagem acima, podemos refletir a respeito do serviço de vacinação nos primeiros meses de sua implementação na cidade de Fortaleza que, comparado a tabela presente no capítulo anterior acerca do número de entradas (234 pessoas) e óbitos (28 pessoas) que passaram pelo Lazareto de Fortaleza entre 1898 e 1899, demonstra uma cifra bastante válida comparado a tais números, ainda mais se confrontarmos esse registro a população total da cidade de Fortaleza no ano de 1900, que: “(...) de 42.458 habitantes em 1872 passou para 48.369 em 1900.” (OLIVEIRA, 2013, p. 4).

Isto é, o número de imunizados pela linfa antivariólica somente no primeiro ano de exercício representava, aproximadamente, 7% da população total da capital cearense. Uma cifra considerável se levarmos em conta que tal serviço foi praticamente realizado por uma pessoa apenas. Veremos esse número ultrapassar a cifra de 10 mil indivíduos vacinados ao final da campanha de vacinação.

No ano de 1904 – ano este que delimita os registros assim como as memórias do farmacêutico Rodolfo Teófilo contidas em seu livro “*Variola e vacinação no Ceará*” –, registra-se o número de 10.843 indivíduos que receberam o profilático da vacina, entre os que buscaram o preservativo na residência do farmacêutico nos serviços regulares e diários de vacinação – serviços estes divulgados em jornais da época e de forma gratuita –, entre aqueles que receberam a visita do sanitarista em suas moradias e, com certa dificuldade ou não, acabaram aceitando a vacina animal e, por fim, através das comissões de vacinação formadas e postas em prática pelos interiores do estado, por meio da Liga Cearense contra a variola, conforme esclarece o autor:

Nada podendo eu fazer em beneficio desses infelizes contrerraneos, comprehendi que, attenta a orientação do governo republicano, só havia um meio de premunil-os contra a variola, era estabelecer commissões vaccinadoras no interior de todo o Estado(...) Assim, se conseguisse ser ouvido o meu apello por aquelles a quem ia dirigir-me em todas as localidades do Ceará, iria adeante a minha obra e dentro de poucos annos estaria vaccinada a população do Estado inteiro. (TEÓFILO, 1904, p.152 e 153).

Ademais, a variola representava um grave problema não somente para a capital Fortaleza como também para as outras localidades espalhadas pelo Ceará, até mesmo aquelas mais distantes. Basta recordarmos dos períodos de crise e calamidade pública do estado, seja pela estiagem seja pela peste, diversas regiões do Ceará “abasteciam” a capital com pessoas fugidas da seca, da fome, da peste e entre outras intempéries do período.

Logo, era preciso que a vacinação chegasse a essas extensões para que a continuidade do processo imunizador atingisse um patamar ideal, exitoso. Cabe destacar que, tal empreitada

era seguramente um importante passo não somente para a campanha de vacinação como também para a extinção da moléstia da própria urbe fortalezense, visto que, a cidade – enquanto centro comercial, econômico e social do estado –, cotidianamente recebia um bom número de migrantes provenientes das regiões interioranas do estado, ou seja, do que adiantava a peregrinação diária do farmacêutico “porta em porta” em busca da imunização da população fortalezense se, dia após dias, chegava a capital pessoas de outras cidades acometidas pela moléstia e não vacinadas?

À vista disso, constituía-se outro movimento de grande destaque nessa experiência da vacina e da vacinação, bem como da própria História da Saúde e das Doenças no Ceará e no Brasil: a formação de comissões vacínicas pelo interior do estado, e com isso a campanha de vacinação que antes estava restrita aos arredores do centro da cidade e seus subúrbios, agora encontraria palco onde a assistência do poder público nem sequer era reconhecida, e onde o domínio da ciência e do progresso, materializado na forma do preservativo, encontraria eco no objetivo maior: a extinção do terrível mal do Ceará como um todo.

O meu tentamen era arrojado, bem sei, attendendo a prevenção do sertanejo contra o prophylactico de Jenner. Bem podia ser que não fosse de todo esteril o meu esforço, que a minha voz achasse echo nesses sertões longinquos, onde a par da ignorancia se encontra as vezes o mais acrisolado amor da humanidade. Em cada povoação escolhi uma pessoa, de preferencia medico ou pharmaceutico quando os havia, e dirigi a circular infra, a setenta e nove localidades(...) (TEÓFILO, 1904, p. 153)

Chegava, portanto, ao interior do estado do Ceará, já no segundo ano de campanha, isto é, em 1902, o serviço de vacinação antivariólica, ou como alcunhou Teófilo: *Liga Cearense Contra a Variola*. Das 79 localidades a que o farmacêutico recorreu, aderiram 53. Entre elas, podemos destacar: Aquiraz, na figura do Coronel Francisco Ibiapina Rodrigues, em Maranguape, com o Dr. José Moreira da Rocha, Sobral, com o Dr. José Saboia de Albuquerque, Icó, com o farmacêutico João Jacyntho Sampaio e Baturité, tendo como responsável pelo serviço de vacinação o Dr. João Paulino de Barros Leal, por exemplo.

Em uma espécie de súplica, ou carta aberta, Rodolfo Teófilo provoca e solicita a determinadas figuras proeminentes do campo da medicina e da saúde de cada localidade, a assistência necessária para a devida instauração do serviço de imunização. Vale ressaltar que a vacina era produzida pelo farmacêutico e enviada a essas localidades de forma gratuita, ficando a cargo dos responsáveis, precisamente, a aplicação do preservativo e o empenho na divulgação e difusão da linfa em meio a população. No tocante a essa espécie de súplica do sanitarista, na forma de um ofício ou mensagem, podemos destacar os seguintes trechos:



O grande interesse que tenho em propagar a vaccina no Ceará despertou-me a idéa de organizar um serviço de vaccinação em todo o Estado. Parecerá uma utopia semelhante tentamen uma vez que só conto com o esforço particular e com o patriotismo dos meus conterraneos, daquelles que as decepções, nesta epocha de duvidas e incertezas, ainda lhes não arrefeceram no coração o amor pelo bem publico. (...)O nosso Estado, mais do que todos, precisa velar pela sua hygiene. As seccas voltam de tempos a tempos, e é durante essas epochas que a variola tem ceifado a nossa população de um modo assombroso. (...)Convencido do poder miraculoso da vaccina e do muito que se podia fazer em prol da população do Ceará propagando tão poderoso prophylactico, montei um pequeno instituto vaccinogenico para a cultura da vacina animal. (...)É confiado nesse poderoso factor da providencia humana e no patriotismo dos bons cearenses que me animo a vir solicitar o vosso concurso, nessa localidade, para a realização de tão humanitaria obra. Bem sei que é arduo o serviço que vos venho pedir. (...)A tarefa que vos trago é ardua, como disse, porque não se limita a attender em vossa casa áquelles que se querem vaccinar, porem, a ir procurar nos domicilios os que se obstinam a vaccinação e sobre tudo os ignorantes, que pela curteza de seu espirito, não compreendem as vantagens de tão poderoso preservativo. A vossa missão é uma verdadeira catachese. (...)Ha um elemento que podeis com vantagem aproveitar em favor de nossa propaganda, é o padre. Ninguem tem mais auctoridade sobre a massa popular sertaneja do que o vigario da freguezia. Nenhuma voz é ouvida com maior respeito do que a sua. Assim o parocho será um nosso poderoso auxiliar se do pulpito pregar não só a hygiene do espirito como a hygiene do corpo. (...)Trabalhem com affinco e dedicação que em breves tempos havemos de ver extincta por uma vez, a peste de variola na Patria Cearense: assim Deus nos ajude. Amor e Trabalho. Fortaleza, 26 de Agosto de 1902. (TEÓFILO, 1904, p. 156)

Além do clamor característico da mensagem, o texto nos revela alguns elementos importantes na compreensão da campanha, entre eles: a “fórmula de sucesso” que exalta o farmacêutico quando refere-se a linfa, ou a vacina antivariólica, destacando até seu caráter “miraculoso”. Segundo Teófilo, a evocação para o trabalho domiciliar evidenciado no texto – diga-se de passagem, um fato já experienciado na capital Fortaleza, dado a antipatia de boa parte da população à vacina e a insistência do farmacêutico. De acordo com Sebastião Rogério Ponto:

O farmacêutico encontrou muitas dificuldades naquela e nas demais áreas urbanas paupérrimas, pois os moradores o recebiam com medo, hostilmente ou fugindo para o matagal mais próximo. Para dobrar tal resistência teve que ser paciente, oferecer dinheiro e ser enérgico mesmo em algumas ocasiões. Revela, entretanto, que obteve mais sucesso quando se lhe tocou a idéia de servir-se do imaginário “mágico e supersticioso” do povo para inventar que a vacina que portava fora descoberta por um inglês de nome Jenner, após a aparição de um anjo de Deus que lhe revelou como fabricar um milagroso líquido capaz de salvar seus conterrâneos então atingidos por mortal epidemia de varíola. Na verdade, Edward Jenner descobriu a vacina antivariólica em 1796, inoculando no homem o conteúdo das pústulas desenvolvidas no úbere de vacas. (PONTE, 2001, p. 108)

Outro elemento de destaque que nos convida à discussão e ao exame é, justamente, a relação frequente entre o imunizante, assim como o trabalho de vacinação a elementos e atributos do catolicismo, da fé católica. Isto é, características e simbologias comumente associadas a cultura popular e a cultura do povo sertanejo, como reforça de maneira perspicaz Rodolfo Teófilo quando compara o compromisso com a vacinação a catequese e, da mesma forma, no instante em que convida os futuros responsáveis pelo ofício à contar com o auxílio importantíssimo do vigário, ou o padre daquela localidade. Se pelas vias da racionalidade científica e a fé no progresso a vacina não encontrava terreno fértil entre os populares, na fé em Deus e na religiosidade quem sabe obtivesse um sucesso e uma empatia maior no propósito final que seria, finalmente, a extinção do mal da varíola.

Entre as solicitações e súplicas contidas nos trechos da carta citada acima, temos também, como objeto de nossa análise, uma segunda e significativa carta. Esta agora seria a resposta do sanitarista a confirmação dos responsáveis pelo serviço de vacinação nos interiores, ou como são lembrados nos registros: comissários vacinadores, em que vale destacar, entre outras coisas, os seguintes fragmentos registrados por Teófilo:

É com a maior satisfação que venho accusar o recebimento de vossa carta em que me communicaes acceitar o meu convite para commissario vaccinator nessa localidade. (...) Para iniciar o vosso trabalho de vaccinação envio-vos vaccina animal que dará para inocular em setenta pessoas. As escolas publicas e particulares devem ser visitadas, por vós e vaccinadas as creanças que ainda não gosarem desse beneficio. O nome, idade, naturalidade das pessoas que forem vaccinadas e revaccinadas devem ser tomados por vós afim de ser organizado um mappa que vos dignareis enviar-me mensalmente. Esta estatistica, que será publicada pela imprensa da capital, servirá de incentivo e será uma prova de vossos serviços á causa da humanidade. Todos os mezes vos enviarei nova provisão de vaccina afim de que o serviço não seja interrompido. Lembro-vos a conveniencia de pedir ao vigario da freguezia o seu auxilio em favor de nossa idéa. Seria bom fazer uma sessão de vaccina todos os domingos depois da missa conventual; o vigario se encarregando de annuncial-a do pulpito, de mostrar a sua utilidade e pedir a comparencia de todos. Da boa vontade dos parochos depende o exito da nossa idéa. É nos domingos que trazem ao baptismo as creanças de toda a freguezia. Pois bem, o padre deve mandal-as da pia para a vaccinação. (...) As pessoas melhor collocadas, de melhor posição, devem se revaccinar perante o povo afim de dar-lhes o exemplo. Se o vigario da freguezia se revaccinar publicamente podeis contar que todos imitarão o seu exemplo. Fortaleza - Setembro de 1902. (TEÓFILO, 1904, p. 159-161)

No manifesto do farmacêutico, religiosidade e racionalidade se cruzam, evidenciando e preservando as memórias da experiência da doença bem como certos traços da cultura cearense como condicionantes do modo de pensar e enxergar a enfermidade e a vacina. Como

examinado, para além das instruções e recomendações referentes ao ato de aplicação da vacina – diga-se de passagem bastante dispendioso em alguns casos, como constatamos outrora –, Rodolfo Teófilo também solicita aos comissários vacinadores o registro, o levantamento e a catalogação desse serviço de vacinação, entre tais registros, podemos destacar, por exemplo: o número de indivíduos vacinados e não vacinados, idade e naturalidade, a fim de que possa, somados os inventários e registros, sobretudo, dispor dos resultados e efeitos gerados por sua campanha e, posteriormente, não somente divulgá-los em periódicos e livros como também propagandear sua empreitada, como assim o fez durante praticamente todo o decurso da empreitada vacínica.<sup>32</sup>

Acompanhado do referido manifesto examinado anteriormente, nota-se um certo tipo de “manual de instruções” que, junto da carta de recomendação, esclarecia qualquer dúvida acerca do processo e do traquejo referente a aplicação da linfa vacínica. Da mesma maneira, nos fornece importantes informações a respeito dos métodos e das técnicas laboratoriais e científicas utilizadas na produção, no preparo e na aplicação da vacina animal em cada indivíduo, como podemos constatar a seguir:

A polpa vaccinica glicerinada, conservada em tubos hermeticamente fechados deve ser empregada immediatamente depois de aberto o tubo. Para extrahir a polpa quebram-se as duas extremidades do tubo e inclinando-se este a polpa sahe facilmente pelo orificio inferior. (...)O instrumento é uma lancêta commum bem afiada, perfeitamente limpa e cuja lamina, antes de começar a operação, deve ser passada na chama de uma véla afim de ficar desinfectada. A região a vaccinar é a parte superior dos braços, tres dedos mais ou menos abaixo do hombro, e deve ser previamente lavada com agua e sabão e bem enxuta depois. Começa-se a vaccinação deixando cahir do tubo, que se inclina sobre o lugar indicado, uma pequena gotta de polpa. Depois com os dedos polegar e indicador da mão esquerda aperta-se a parte do braço em que está a gotta de vaccina e com a lancêta vai se escarificando de leve a pelle, fazendo-se alguns pequeninos arranhões, isso sobre a pelle que está coberta com a pequena gotta de polpa. Feita essa inoculação passa-se a fazer a segunda, que deve ser feita quatro dedos abaixo da primeira. Não é preciso fazer mais do que duas inoculações ou duas vaccinas em cada braço. Concluida a vaccinação o individuo não deve vestir os braços emquanto não estiverem mais ou menos enxutas as excoriações. (...)A immuniidade da vaccina dura toda a vida em algumas pessoas, porem outras a perdem no fim de certo tempo. Assim não se sabendo quem está ou não immune é conveniente

---

<sup>32</sup> Além do registro e da exaltação de certas dificuldades e embaraços característicos dessa empreitada vacínica, vale atentarmos, também, a outros atributos presentes na narrativa do farmacêutico, entre eles, podemos destacar: a presença de um discurso demasiadamente centralizado nas atitudes e feitos do autor, a prática corriqueira de glorificação e enaltecimento diante dos eventos relacionados ao combate à varíola no Ceará e até mesmo um certo narcisismo manifestado com certa frequência em seus escritos. Elementos que nos auxiliam na compreensão e, principalmente, no dimensionamento, mais seguro e assertivo acerca dos feitos e acontecimentos narrados e registrados. Uma espécie de “termômetro” na análise dos documentos e também dos eventos.

proceder-se a revaccinação, que será feita pelo menos de dez em dez annos. Fortaleza, 28 de Agosto de 1902. (TEÓFILO, 1904, p.162-166)

Embora ilustrado de forma bem didática pelo farmacêutico, verifica-se uma certa complexidade e sacrifício no processo como um todo de vacinação, como podemos observar. Por esse motivo, decerto, parte os assombros característicos de certas pessoas pelo ato de vacinar e o que pode vir a provocar no organismo do indivíduo. Isto é, a prática da vacinação em si, como constatado, estava longe de representar um processo lenitivo, um bálsamo de sutileza para com o sujeito que ali estava para receber a dose do profilático.

Outro fato importante que ressaltamos é, justamente, a prática da revaccinação citada por Teófilo, de caráter tão importante quanto a própria vacinação em si. Visto que, como discutido nos capítulos anteriores, os efeitos do profilático no organismo do indivíduo, com o tempo, pode vir a perder seu poder imunizante, contribuindo, dessa forma, para uma possível reinfecção e tornando o indivíduo novamente como um vetor de contágio e transmissão do morbo.

Prosseguia, quase que de maneira ininterrupta, o serviço de vacinação na capital fortalezense ao final do ano de 1902. Rodolfo Teófilo chega a afirmar em seus escritos que: “Graças a disseminação da vaccina animal a varíola, que havia mais de uma dezena de annos grassava na capital do Ceará, achava-se completamente extincta. Nos subúrbios de Fortaleza onde ella fizera seu quartel general, se não mais encontrara um varioloso.” (TEÓFILO, 1904, p.172). Ainda que o serviço de vacinação, como exaltado pelo sanitaria, estivesse de fato auferindo certo êxito no enfrentamento a varíola, a abstenção e a rejeição de certas pessoas a linfa ainda correspondia a um obstáculo considerável na trajetória de manifestação da doença e na própria experiência da vacinação no Ceará, tópicos que discutiremos com a devida atenção no capítulo seguinte.

Em sua coluna, intitulada *Variola e Vaccinação no Ceará*, divulgada no *Jornal do Ceará*, no ano de 1904, em sua edição de número 115, Teófilo apresenta sua avaliação do cenário variólico da capital cearense:

A variola estava completamente extincta em Fortaleza. Eu continuava a vaccinar pelos suburbios e havia tempos nem mais um bexigoso encontrava. Era mais um triumpho que obtinha a vaccina animal. Mais uma victoria da iniciativa particular. Alcançava a realisação de meu projecto; mas para que o beneficio não fosse transitorio, ephemero, era necessario não interromper o serviço da vaccinação. Havia ainda grande numero de pessoas não vaccinadas nas cercanias da capital, onde a população é mais densa do que se suppõe. (p. 03)

Como podemos observar nos fragmentos das fontes analisadas anteriormente, de fato a cidade de Fortaleza experienciava um momento particular e distinto no cenário, ou no quadro geral que se testemunhara quase que ano após ano desde que a varíola grassou pela primeira vez nas terras cearenses em meados do século XVII. A campanha e os esforços do farmacêutico finalmente colhia seus frutos. Notadamente o enfrentamento a varíola atingia o seu apogeu naquele período que corresponde a produção da linfa antivariólica em 1901 aos anos posteriores em que se verifica os esforços das comissões vacinadores pelos interiores do estado e no serviço diário de vacinação na capital.

Aliado às técnicas e ao desenvolvimento científico característico daquela conjuntura em questão (final do século XIX e início do XX) e também da própria narrativa da doença, a varíola enquanto epidemia marchava rumo ao seu fim na capital alencarina. Findado o período que, de acordo com os registros de Teófilo em seu livro “*Variola e vacinação no Ceará*”, corresponde a campanha de vacinação no Ceará, isto é, de 1901 a 1904 – ano de publicação do referido livro e ano também de promulgação da lei que torna obrigatória a vacinação contra a varíola no Brasil, temos a seguinte estatística apresentada pelo sanitarista em seu escrito:

**Figura 6**

---

| Vacinação geral              |   |        |
|------------------------------|---|--------|
| 1901 — Fortaleza — pessoas   |   | 3.585  |
| 1902                         | ‘ | 1.940  |
| 1903                         | ‘ | 1.384  |
| 1904                         | ‘ | 1.083  |
| Commissões do interior       | ‘ | 1.906  |
| Prolongamento da E. de Ferro |   | 945    |
|                              |   | 10.843 |

Quadro contendo o levantamento do número de indivíduos vacinados entre 1901 e 1904 no Ceará. Fonte: (TEÓFILO, 1904, p. 235)

Observa-se a cifra ilustre de 10.843 indivíduos que receberam a dose do imunizante contra a varíola nos anos que sucederam o serviço de vacinação não somente na capital Fortaleza como nas diversas (precisamente 53) comissões formadas pelo estado com o propósito de extinguir, de uma vez por todas, o terrível mal que há tempos assombrava a povo

cearense. Entre o serviço de vacinação em sua própria residência e na peregrinação diária nos arrabaldes da cidade, o ofício da vacinação de Teófilo representou um passo importante na história da saúde do estado e decerto do Brasil.

Entre lamentações, reivindicações e denúncias, a obra do farmacêutico acaba por nos revelar um cenário profuso e pródigo dessa experiência não mais unicamente da doença em si, mas sim do povo com a doença. A história desta doença, portanto, em determinados momentos, mistura-se à própria história do povo cearense e da cidade de Fortaleza, sobretudo entre as últimas décadas do XIX e primeiros anos do século XX.

Além de anunciar sempre que possível, os novos rumos que tomaria a saúde pública do estado naquela primeira metade do século XX, anunciava Teófilo em seus escritos: “Em 1904 não se deu-se em Fortaleza um só caso de variola. Estamos em Dezembro, a epocha do anno em que a bexiga grassava em outros tempos com mais intensidade, e nem um caso se quer.” (TEÓFILO, 1904, p. 228)

O ano de 1904 é notório e fundamental tanto para nossa investigação quanto para a história da doença porque marca, justamente, o fim dessa campanha, ou serviço de vacinação em Fortaleza empreendida pelo farmacêutico Rodolfo Teófilo e outras figuras no estado, em suas respectivas localidades, assim como, do mesmo modo, marca o ano de promulgação da Lei Federal nº 1.261, de 31 de Outubro de 1904, que estabelece e “Torna obrigatórias, em toda a República, a vacinação e a revaccinação contra a variola”<sup>33</sup>.

Já nas últimas páginas do seu livro: “*Variola e vacinação no Ceará*”, Rodolfo Teófilo delimita, a priori, o desfecho de sua “cruzada vacínica” com as seguintes palavras: “A lei promulgada ultimamente tornando a vaccina obrigatoria, veio desobrigar me do serviço de vaccinação no Ceará. Não sei, depois da opposição feita pelos anti-vaccinistas, se o governo, capitulará ou se fará cumprir esta resolução sabia do Congresso Nacional.” (1904, p. 241)

A campanha contra a varíola foi também, a partir do que vimos e veremos mais adiante, uma campanha contra a indiferença e a inércia dos poderes públicos, o enfeitamento e a abstenção de um número considerável de indivíduos, as próprias limitações e barreiras técnicas e científicas da época na produção e difusão da vacina animal e, como se já não bastasse, a agressividade e o estado de urgência que se abatia sobre a população a partir do períodos endêmicos e epidêmicos de manifestação da moléstia causadora de tantos infortúnios e assombros.

---

<sup>33</sup>Texto base da referida lei, disponibilizado em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/1900-1909/lei-1261-31-outubro-1904-584180-publicacaooriginal-106938-pl.html>. Acesso em: 06 de julho de 2023.

### 4.3 - “A vaccina que queria era a de Deus (...): “vacinophobia”, razão e revelia.

Em chegando ali procura as gentes de todas as edades, meninos, moços e velhos, ricos e pobres, e os livra da peste, pondo nos braços de cada um delles o signal da cruz tres vezes feito com espinho de laranjeira molhado n’agua da concha. A peste respeitará a todos em que este signal fizeres e a cidade ficará limpa.<sup>34</sup> (TEÓFILO, 1904, p. 125)

Entre as discussões e embaraços presentes em praticamente toda a experiência da doença no Ceará e, principalmente, em Fortaleza, uma das que mais salta aos olhos é, precisamente, a recusa à vacina antivariólica ou à vacinação. A comumente chamada “vacinophobia” – o medo, a recusa ou mesmo a fobia a vacina em si e ao processo de vacinação –, tornou-se um dos principais e inusitados atravancos pertencentes a narrativa da doença e a trajetória de vacinação, diga-se de passagem, não somente no Ceará como também em outras regiões do Brasil, como é caso da então capital Rio de Janeiro e também no estado de Goiás.

Além de representar por si só um sério problema para as estruturas sociais e higiênicas da cidade, a experiência da varíola também reservaria alguns elementos desconcertantes para o entendimento integral de trajetória da doença e, conseqüentemente, da própria empreitada da vacinação no estado do Ceará. Uma dessas peculiaridades foi, justamente, a chamada “vacinophobia”<sup>35</sup>, como assinala Rodolfo Teófilo em inúmeros momentos de sua narrativa acerca da varíola:

Logo que entrei no arraial e os habitantes souberam quem eu era e o que me levava ali, abandonaram os casebres e ganharam o matto. Com que desprazer via aquella pobre gente aterrada, fugindo de mim de taboleiro a fora, levando os filhos, os menores ao collo e os mais crescidos acompanhando-a ou vencendo mesmo na carreria em que ia!... Teria ficado sem ter a quem me dirigir, tal foi o repudio, se não fosse uma familia, vaccinada, e a quem eu tinha, não havia muito tempo, prestado alguns favores. (TEÓFILO, 1904, p. 107)

Assim como o cortejo fúnebre de vítimas especialmente nos períodos de maior manifestação da moléstia, como nos surtos epidêmicos, a rejeição ao profilático também se apresentava como um aspecto inseparável dessa trajetória de expressão da doença. Tal fato foi

<sup>34</sup> Trecho de um conto utilizado e narrado pelo farmacêutico Rodolfo Teófilo em suas peregrinações diárias que tinham como objetivo a prática da vacinação pelos arrabaldes da cidade de Fortaleza. A lenda descrita pelo farmacêutico, segundo ele, possibilitava um entendimento maior do que seria a linfa vacínica, assim como colaborava para uma empatia e aceitação maior dos populares ao preservativo da varíola.

<sup>35</sup> O termo “vacinophobia” é encontrado e referenciado pelo historiador e também professor Sidney Chalhoub, em seu livro “Cidade febril”, de 1996. A utilização da expressão faz uma referência a repulsa, a aversão das pessoas em determinados momentos e regiões, ao serviço de vacinação ou mesmo ao imunizante da varíola.

possível observar não somente no Ceará, mas em outras partes do Brasil à época. De acordo com o professor e pesquisador Eliézer Cardoso: “A resistência popular à vacinação antivariólica foi centenária em todo o Brasil. Em Goiás não foi diferente: enquanto a elite administrativa esforçava-se para implementá-la com eficiência, a população a temia e a evitava” (OLIVEIRA, 2013, p. 951).

Embora esteja presente na narrativa da varíola no Ceará de uma maneira bastante ostensiva, a recusa à vacina, a prática da vacinação é um elemento recorrente da História da Saúde e das Doenças no país como um todo, especialmente quando direcionamos nossa investigação a moléstia de varíola, seja em Fortaleza ou no Rio de Janeiro.

O caso da então capital federal: Rio de Janeiro é particularmente notável e acaba por nos auxiliar a compreender as especificidades desse fenômeno no Ceará, pois foi lá, num dos principais centros urbanos e populacionais do país, em que contemplamos a repulsa e negação à vacina e a vacinação atingir o seu momento mais crítico naquela primeira década do século XX, sobretudo quando, no ano de 1904, logo após o anúncio da aplicação da lei federal que instituía a vacinação contra a varíola obrigatória em território nacional, a cidade do Rio de Janeiro se viu em meio a disputas políticas e partidárias além, é claro, de uma onda de distúrbios e confrontos entre determinadas camadas sociais e a força policial local. Nicolau Sevcenko em sua célebre obra “*A Revolta da Vacina: mentes insanas em corpos rebeldes*” de 1983 esclarece:

O fator imediatamente deflagrador da Revolta da Vacina foi a publicação, no dia 9 de novembro de 1904, do plano de regulamentação da aplicação da vacina obrigatória contra a varíola. O projeto de lei que instituía a obrigatoriedade da vacinação tinha sido apresentado cerca de quatro meses antes no Congresso, pelo senador alagoano Manuel José Duarte. Desde então se desencadeara um debate exaltado, que transpôs as dimensões do Legislativo, para empolgar com fervor as páginas da imprensa e a população da Capital Federal. A medida era de interesse do governo, que dispunha de ampla maioria no Congresso e que lançou todos os seus organismos técnicos e burocráticos na sua defesa. A pequena oposição parlamentar, a imprensa não-governista e a população da cidade, por outro lado, procuravam resistir obstinadamente à sua implantação. (SEVCENKO, 2018, p.6 e 7)

O episódio em questão, também chamado na historiografia de “Revolta da Vacina”, é um convite – até mesmo aquele mais infenso a uma leitura historiográfica sobre a História da Saúde e das Doenças –, a conhecer determinadas e fundamentais questões que marcaram o campo da saúde pública brasileira naquela primeira metade do século XX, como também nos convida a uma reflexão mais densa e precisa acerca das principais motivações de tamanha aversão ao imunizante capaz de remediar, sanar os problemas causados pela terrível moléstia



que durante muitos anos assolou e atormentou milhares de indivíduos por todos os cantos do Brasil.

**Figura 7**



Ilustração/gravura a respeito da vacinação obrigatória no Rio de Janeiro. Fonte: (FERNANDES, 2010, p. 92).

Haja vista tamanha ressonância desse episódio na História do Brasil, as questões que dela decorreram acabaram por reverberar nas investigações que objetivamos compreender no presente momento acerca desse fator preponderante e distinto que congrega a narrativa histórica da varíola no Ceará, isto é, a chamada “vacinophobia”. Como um dos principais elementos de análise e investigação histórica no que diz respeito a histórias das doenças, a rejeição à vacinação aproxima o estado do Ceará a outras regiões brasileiras que, de um jeito ou de outro, experienciaram eventos similares ao caso de Fortaleza.

A discussão torna-se ainda mais surpreendente e instigante quando, do momento que partimos a nossa escrita, assim como todo o trabalho de investigação e pesquisa (ou seja, no tempo presente, século XXI), já somos capazes – ou pelos menos deveríamos ser –, de reconhecer e legitimar, após sucessivos episódios de triunfo, a potencialidade, a necessidade e a importância não somente do produto vacina, ou imunizante, seja para qual doença for destinado, como também um serviço de vacinação competente, seguro e perene em nossa sociedade brasileira e no restante do globo. Conforme esclarece Eliézer Cardoso: “Exemplo paradigmático do poder da ciência moderna em controlar a natureza, a varíola foi a primeira doença epidêmica a ser erradicada por meio de projeto deliberado de vacinação mundial, concluído na década de 1970.” (OLIVEIRA, 2013, p. 940)

Destarte, como podemos atestar, novamente, numa temporalidade não muito distante da atual, com a pandemia global de Covid-19 e os esforços em busca de uma vacina segura e eficiente contra o vírus que, como resultado, interrompeu um avanço ainda maior da doença entre a população, a vacina mostrou-se, seguramente, como uma das principais descobertas e realizações da sociedade contemporânea até então. Especialmente quando retomamos as diretrizes e problemáticas resultantes da História da Saúde e das Doenças.

Dito isso, compreender as motivações, bem como os embaraços resultantes dessa antipatia à vacinação no Ceará, constituem nosso principal interesse neste momento final da pesquisa e da escrita. Não bastasse o turbilhão de acontecimentos e infortúnios que ilustrou a narrativa da varíola no Ceará, entre a inércia dos poderes públicos, as limitações técnicas e científicas da época e a rudeza da mazela em si, vinha também ao encontro, a negação dos populares a vacina e ao profilático do farmacêutico e a sua campanha de vacinação, diga-se passagem, não somente na capital como também nos interiores, como nos informa Teófilo em um de seus escritos sobre o serviço de vacinação na capital cearense:

Cheguei uma vez a porta de uma choupana; ahi estava sentado o dono da casa, um cabra fornido e novo, mal encarado e que me pareceu do sertão. Saudei-o. Correspondeu-me resmungando um bom dia por entre os dentes. Perguntei-lhe se não tinha pessoas em casa para vaccinar. Respondeu-me, de mãos modos que a vaccina que queria era a de Deus; e nem sequer se dignou olhar-me. (TEÓFILO, 1904, p. 125)

Dentre os principais motivos que podemos atribuir, em nossa análise, a rejeição ao profilático da varíola no caso do Ceará temos, principalmente: a novidade, ou a estranheza que a vacina representava à época, em contrapartida ao domínio e o saber de uma medicina popular já estabelecida, principalmente entre as camadas mais pobres da população cearense, principalmente aquelas em que o acesso a tratamentos e serviços médicos e de saúde era de difícil acesso e, em alguns casos, até mesmo impraticável. Ainda mais que:

A vacina era, além disso, prática médica inovadora em relação à medicina popular e às práticas médicas pré-pasteurianas. Antes do século XX, a medicina visava mais expulsar coisas do corpo do que colocar nele substâncias estranhas: a escarificação visava expelir pelo pus os humores prejudiciais, a sangria era receitada para quase todo o tipo de doença, os purgantes e lavagem eram utilizados para qualquer tipo de cólicas, usavam-se muito também os suadouros e os vomitórios. Já a vacina nada visava expelir, mas inserir algo estranho no corpo. (...)Considerando que novidade por si só é motivo de medo, era compreensível, portanto, a desconfiança de uma prática inovadora que ia contra a tradição médica e contra as práticas da medicina popular". (OLIVEIRA, 2013, p. 955)

Além disso, outro fator que podemos ressaltar e que concorre a essa espécie de fobia a linfa, equivale a dureza e a própria prática da vacinação em si, isto é, o cumprimento dos métodos e procedimentos de aplicação do imunizante no indivíduo, sendo feito, à época, de forma nada sutil e sem qualquer tipo de delicadeza, como o é nos dias de hoje. Sendo praticada quase que de maneira indolor, simples e sem complicações ao indivíduo, bem diferente da maneira que era praticado entre a segunda metade do século XIX e a primeira metade do século XX.

Embora saibamos atualmente das propriedades e atributos da vacina, fruto de muito trabalho e pesquisa científica, decerto seria um tanto quanto arbitrário cobrarmos da coletividade da época o mesmíssimo entendimento que dispomos hoje sobre a benesse da vacinação. Especialmente se recordarmos que naquela respectiva conjuntura, a prática da vacinação ainda representava uma novidade em determinados países do mundo; no Brasil e no Ceará não seria diferente. Em alguns casos era julgada até mesmo como uma excentricidade, rendendo obstáculos e uma certa desconfiança, inclusive de setores ligados à medicina e à saúde coletiva.

Numa época em que as redes de comunicação e de divulgação científica eram mais reduzidas e dispendiosas, o acesso à essas informações muitas vezes representava o total ou parcial desconhecimento de algum fato ou novidade de maior relevância no cenário nacional ou mundial, como foi o caso da novidade advinda da Europa: a vacina jenneriana (do médico inglês Edward Jenner) e a prática da vacinação:

Essa descrição refere-se à chamada vacina jenneriana ou humanizada, na qual o cow-pox original da vaca era introduzido no homem e, a partir dele, a linfa ou o pus variólico era retirado e utilizado para novas inoculações em outros braços. Em 1840, passou-se a utilizar outro processo de vacinação, conhecido como vacina animal, em que se retirava a pústula da vaca e a inoculava diretamente no homem (Fernandes, 1999, p.20). No Brasil, a vacina animal só apareceu em 1887, graças à iniciativa particular do médico Pedro Affonso. No entanto, apesar de evitar o doloroso processo de retirada da linfa do braço, a vacina animal ainda era dolorosa e rudimentar (...) (OLIVEIRA, 2013, p. 953)

Neste caso, o contato com certas produções científicas e jornalísticas que versavam sobre a elaboração da vacina animal, da inoculação e mesmo acerca da doença em si, suas causas e consequências e as formas de tratamento, correspondiam a uma virtude e privilégio que poucas pessoas podiam dispor, como ficou bastante claro na narrativa de Rodolfo Teófilo, em que evidencia o descontentamento com os populares na rejeição ao preservativo mesmo após inúmeras matérias, artigos e escritos em jornais e livros na época sobre a varíola e os

benefícios que a vacina representava para aquele povo e aquela cidade, como se a população que mais rejeitava a vacina, fosse exatamente aquela totalmente iletrada. Isto posto, podemos adicionar mais esse motivo a relação de razões para tamanha desaprovação e desconfiança no profilático. Segundo nos fala Sebastião Rogério Ponte: “Todavia, nem os populares se permitiam ser vacinados, demonstrando uma recusa que os médicos achavam absurda e que atribuíam à indiferença e à ignorância (...)” (PONTE, 2001, p. 107)

Em vista disso, prosseguindo em nosso “inventário” de possíveis explicações para essa aversão à vacina, especialmente no contexto do território cearense, o fenômeno da chamada “vacínophobia” manifestou-se em diferentes regiões do Brasil. Na época, podemos identificar, inclusive, outro fator que compete às investidas negativas de parte da população ao imunizante.

Na chamada variolização, técnica secular e anterior ao método Jenneriano, o problema disso também estaria na maneira como esse vírus era implantado no indivíduo, sem uma devida atenuação de sua capacidade de virulência, ou seja, era passível de provocar no indivíduo sadio uma forma mais amena ou a mais agressiva da doença. De acordo com a pesquisadora Tania Maria Fernandes em seu livro *“Vacina Antivariolosa: ciência, técnica e o poder dos homens (1808-1920)”*:

As experiências de Jenner vieram, na realidade, alterar uma prática bastante remota: a ‘variolização’, que teve sua origem provavelmente na China, tendo-se difundido na Europa a partir do século XVI. Essa técnica baseava-se na constatação de que os indivíduos que sobreviviam à varíola não mais a contraíam e que sua implantação artificial no organismo humano poderia provocar defesa contra a doença. A par dessa constatação, já se sabia que a varíola podia assumir uma forma benigna, conhecida como variolóide. Isso fez com que se desenvolvessem modelos de transmissão da varíola a partir dessa forma, julgando-se possível reproduzir a doença em sua expressão similar, igualmente benigna. A ampla propagação da técnica de variolização, no entanto, acabou mostrando que esse processo permitia o desenvolvimento das diferentes manifestações da doença, independentemente da forma original, e sua aplicação atingia altos índices de mortalidade nos indivíduos inoculados. Cada inoculação poderia, na realidade, originar um doente, que, além de se expor aos riscos da varíola na sua forma confluyente e letal, tornava-se um agente de difusão da doença. (FERNANDES, 2010, p. 31 e 32)

Como observado no fragmento acima, há séculos a variolização já era uma prática bastante conhecida em diferentes partes do mundo, no Brasil não seria diferente. Além de possibilitar a manifestação da doença em sua forma mais agressiva, também poderia favorecer a própria disseminação da doença, uma vez que aquele indivíduo experienciou o processo de variolização, além da possibilidade de acometer-se com uma forma mais grave da moléstia e, posteriormente, vir à óbito, poderia muito facilmente, tornar-se um vetor de propagação da

mesma entre a sociedade. Durante muito tempo, a criação da vacina em si e da prática da vacinação, atribuídas ao médico inglês Edward Jenner já no final do século XVIII –mais próxima do que conhecemos e dispomos hoje –, ainda não havia sido criada e tampouco difundida pelo Brasil. De acordo com o que nos fala Sidney Chalhoub, em *“Cidade febril: cortiços e epidemias na corte imperial”*:

As controvérsias entre os médicos giravam sempre em torno de dois aspectos: por um lado, havia aqueles que achavam que a vacina não era um preservativo eficaz contra a varíola, e citavam casos de vacinados que depois haviam contraído “bexigas naturais”; por outro lado, havia os doutores que temiam a transmissão de doenças do gado para o homem através do método jenneriano. Como já referi anteriormente, tal receio fora um dos motivos que haviam determinado a opção de propagar a vacina através do método braço a braço, o que tornava mais distante a possibilidade de contaminação do vacinado por doenças da vacaria. O que ocorre ao longo do século, no entanto, é a crescente suspeita – e depois a clara constatação –, por parte dos médicos, de que a vacina como era praticada tornara-se método eficaz de propagação de outras doenças entre os lancetados, principalmente a sífilis. (CHALHOUB, 2017, p. 115 e 116)

Isto quer dizer que, a experiência dos indivíduos com o emprego e a prática da “vacinação” num primeiro momento e durante muito tempo foi feita através da variolização e inoculação. Uma experiência, como vimos anteriormente, não muito satisfatória ou mesmo determinante e positiva quando nos referimos a eficácia do método e da extinção da mazela, na medida em que:

O fato comprovado de que a vacina contra varíola poderia transmitir sífilis era um obstáculo sério para sua difusão. A sífilis era uma doença associada à moralidade: embora Gilberto Freyre (1996, p.319) tenha mostrado o quanto ela estava banalizada no Brasil colonial, sendo até vista como prova de virilidade masculina, no século XIX essa associação poderia provocar rubores e descontentamentos, principalmente entre os mais pudicos. Também a varíola vinculava-se à moralidade, mas à moralidade coletiva, no sentido definido por Susan Sontag (2002, p.76): “as doenças epidêmicas eram comumente usadas em sentido figurado como designativas de desordem social”. A sífilis, portanto, era metáfora de um pecado individual relacionado à sexualidade, e a varíola era metáfora de um pecado coletivo. Nessa aritmética, alguns preferiram as cicatrizes da varíola às da sífilis. (OLIVEIRA, 2013, p. 954)

Essas amarras características da rejeição à vacina animal, ou ao profilático do farmacêutico Rodolfo Teófilo, seguramente encontraram um importante e firme fundamento, justamente, nas vivências, memórias e experiências dos indivíduos, durante longos anos, com o artifício da variolização. Ainda mais se tal procedimento, como comprovado tempos depois

por médicos e pesquisadores, além da ineficiência característica, era vetor de outras doenças preocupantes do período, como acreditava-se da sífilis.

Conforme descreve Teófilo em seu livro “*Variola e vacinação no Ceará*”, a ojeriza a vacina e a vacinação encontra nos antigos métodos de variolização, sua camada talvez mais profundas e enraizada, do mesmo modo, seguramente uma de suas principais explicações quando adentramos as várias camadas da história e da experiência da doença no Ceará e no Brasil:

Uma causa que concorreu poderosamente para propagar a peste neste bairro foi a inoculação do virus variolico, a guiza de vaccina, feita por um curioso. Serios foram os embaraços encontrados para vaccinar 211 pessoas. Negavam-se citando exemplos de visinhos seus, familias inteiras, nas quaes a vaccina havia emprestado. Eu mesmo vi varias familias que pela variolisação haviam contrahido a peste. Como demovel-os do firme proposito em que estavam de não consentirem que lhes metessem a peste no corpo. Tinham razão. A sua ignorancia não lhes permittia estabelecer a diferença entre a vaccina anti-variolica e o virus variolico. Ha uma razão muito plausivel e muito justa da parte do povo em ter tão grande repugnancia a vaccinação. Usou-se por muito tempo a variolisação que consistia, para preservar da variola, em inocular no individuo o virus variolico extrahido de pustulas de variola discreta ou branca, como chama o povo. Foi este modo de propagar a peste, que incutiu no povo tão grande horror a vaccina. Muitos individuos assim vaccinados em vez de ter algumas pustulas de variola discreta, tinham-na confluyente e mesmo hemorrhagica e morriam. (TEÓFILO, 1904, p. 122 e 123)

Como vimos acima, até mesmo o farmacêutico constatou na variolização uma das principais causas da “antipatia vacínica” da época. A justificativa, contudo, não representa provavelmente o todo das respostas buscadas e discutidas no presente trabalho, embora respondam em grande parte, as indagações, os anseios e os imbróglis particulares de tal empreitada investigativa.

O serviço de vacinação no interior do Estado ia marchando lentamente, attenta a aversão do povo á vaccina. Em certas localidades, como Canindé, o commissario vaccinador não iniciara o trabalho. É topico de sua carta: <Tenho que levar ao vosso conhecimento que não vaccinei uma só pessoa, que ninguém absolutamente qaiz acceitar a vaccina, allegando não estar o logar empestado e temendo que, depois, devido a referida vaccina viesse empestar.> (TEÓFILO, 1904, p. 217)

Levando em consideração o que foi observado nos fragmentos das fontes anteriores, o movimento antivacinação da época esbarrava em certos elementos que agrupados, fornecem certas veredas ou atalhos que possibilitam a “navegação” do leitor mais atento ou mesmo das

estruturas da memória que compõem o trabalho do historiador quando ambicionamos o entendimento dessa experiência distinta e ao mesmo tempo reveladora.

A partir do momento que somos capazes de assimilar diferentes razões e fenômenos que naturalmente compõem a narrativa da doença, certos elementos chegam ao nosso encontro e revelam, por exemplo, a participação de indivíduos até então suprimidos e subjugados das ações governamentais, assistencialistas, sanitárias, caritativas ou mesmo da campanha de vacinação do farmacêutico Rodolfo Teófilo, valeram-se do “poder da negação” ou da renúncia à vacinação como um importante instrumento de resistência e antagonismo perante as estruturas sociais degenerantes, políticas, sanitárias e culturais da época.

Revela-se aí portanto, um significativo mecanismo de fala e protesto, mesmo que não possua em suas estruturas mais evidentes, o sentimento ou um interesse de organização social e mobilização coletiva no estado do Ceará, característica de alguns movimentos ou grupos sociais, como: sindicatos, agremiações e associações partidárias da época, responsável, desse modo, por categorizar e enquadrar essa participação popular num palco de maior visibilidade e prestígio, visto que a própria condição social da maioria já por si ofereça algumas pistas. Já na capital, Rio de Janeiro, percebe-se uma maior organização e um arranjo característico de uma mobilização social mais congregada e visível, como podemos constatar no seguinte manifesto da “*Liga contra a vacinação*”:

Liga contra a vacinação - Grande reunião popular - No centro das Classes Operárias. Outras notas: A população desta cidade demonstrou hontem com a mais suggestiva eloquencia não temer as ameaças do governo manifestadas nos arreganhos comicos da sua policia. A reunião annunciada foi uma affirmação completa da solidariedade do povo na defeza dos direitos e liberdades que lhe são asseguradas na Constituição Republicana. Perseguido, violentado, extorquido por todos os meios, não podia o povo permanecer por mais tempo silencioso(...) (Jornal do Ceará, Ed. 124, p. 01)

O que antes parecia ilógico, confuso ou incoerente, agora cumpre um papel mais compreensível quando nos damos conta da complexidade e da amplitude daquela narrativa. Como vimos até o momento, motivos e razões para a rejeição a vacina era o que não faltava naquele período. Por outro lado, como podemos esperar num primeiro momento, tendo em vista o desconhecimento total ou parcial dos eventos e dos embaraços da trajetória da moléstia em Fortaleza - externar um certo prejulgamento quando tratamos dessa recusa a vacina, a campanha de vacinação. Porém, como manifestado nas fontes e nos recortes textuais até então, as justificativas para tal fenômeno tornam-se cada vez mais tangíveis e transparentes, e portanto nos possibilita uma avaliação mais segura, justa e também provocadora, tendo em vista que,

não contempla absolutamente todos os acontecimentos, fenômenos e demandas que são geradas quando mergulhamos plenamente nesse “oceano” que é uma compreensão da História da Saúde e das Doenças no Brasil.

Em 1883 na cidade do Acarahú, um curandeiro propagou a variola aquella população inoculando o virus de pustulas de variola discreta, extrahido de um bexigoso que desembarcara naquelle porto. Não escapou um só dos vaccinados. Todas os inoculados tiveram variola, e bem poucos foram os que não tiveram as fórmas confluyente e hemorrhagica. Este e outros factos de equal natureza foram que tão fundo arraigaram no espirito do povo o grande horror a vaccina. (TEÓFILO, 1904, p. 123).

O que acontece, todavia, é uma sucessão de acontecimentos, experiências e narrativas naturais e, portanto, distintas que, somadas ao medo da doença, seus infortúnios e a condição social já bastante atribulada das camadas mais pobres da cidade, manifestou em certos indivíduos ou mesmo em determinados grupos sociais, certas desconfianças, superstições, hostilidades, crendices e, como consequência, a “vacinophobia”.

Por fim, não podemos desconsiderar que a qualidade do imunizante despachado da capital brasileira era, muitas vezes, duvidosa e controversa. O próprio transporte ou deslocamento (da região sudeste à região nordeste do país) era motivo para a condenação ou prejuízo do material vacínico quando aquele chegava a Fortaleza. Daí a necessidade de elaborar e produzir a vacina em solo cearense. De acordo com Eliézer Cardoso: “Em primeiro lugar, o processo de vacinação, além de dolorido, era demorado e complicado. Na forma de linfa, a vacina era importada do Rio de Janeiro. A longa distância e o calor deterioravam com frequência o material.” (OLIVEIRA, 2013, p. 953)

Logo, era de se esperar que a credibilidade da vacina ou a credulidade do povo se deteriorassem com o tempo, como ficou evidente com o passar dos anos. Corroborando, dessa forma, para que o interesse pela vacina, ou a necessidade do indivíduo se vacinar, ficasse em segundo plano, justamente devido a essa “bagagem” que desenvolveu-se com certas experiências negativas e insatisfatórias que partiram, sobretudo, do poder público durante os anos.

Por conseguinte, seja na má administração dos recursos materiais, na necessidade do indivíduo retornar para uma revacinação, na inércia característica do estado e das instituições assistenciais (quando estas ainda existiam), num serviço vacinal inoperante ou, por último, na falta de resultados promissores constituíram os pilares desse movimento antivacina característico do início do século XX tanto no Ceará quanto em outros estados do país. Lembrando que a doença enquanto agente viral, não escolhia classe social ou credo, embora a



sua manifestação tenha sido bem mais patente nas classes mais desfavorecidas da cidade de Fortaleza.

A manifestação desses entraves encontrados, como observado, desde os primórdios da gênese ou criação da vacina e de um serviço de vacinação – domiciliar, público ou privado –, no Ceará, fazem parte, de maneira incondicional, das narrativas que “costuram” e traduzem o que foi a história da doença e suas problemáticas. A trama que compreende cada estrutura ou ramificação da doença é, antes de mais nada, dinâmica e multiforme, transmutando-se de acordo com a variação de lugar, região ou mesmo classe social. Como vimos previamente, apesar de algumas distinções, a percepção da vacina e da vacinação mudava, muitas vezes, de acordo com a camada social a qual aquele indivíduo estava inserido ou dela descendia. Além, é claro, das predileções religiosas que intervinham, de um jeito ou de outro, no julgamento do profilático e sua função

A vacina antivariólica contrariava as sólidas tradições religiosas populares existentes no Brasil. Tanto o catolicismo popular, como as religiões de matriz africanas viam na varíola, mais do que simples doença, uma intervenção sobrenatural. Padres chegaram a dizer que “tal invento era um presente de Satã e que vinha perturbar a marcha da natureza” (Chalhoub, 2004, p.145). Se a varíola é castigo, não cabe aos humanos interferir na justiça divina. Além disso, a possibilidade aberta pelo Iluminismo de os humanos controlarem seu destino e a natureza ainda não havia sido bem assimilada pela população. Predominava uma concepção fatalista da vida e da morte: não adianta e não é correto lutar contra as forças do destino. Quando chegar a hora, é impossível escapar da morte. Nesse sentido, a vacina era vista como um ato de velhacaria, contra as forças do destino. (OLIVEIRA, 2013, p. 955)

O “medo” da vacina, foi também um elemento pertencente às questões tratadas naquele momento, haja vista o movimento antivacinação, incrustado em boa parte da população da época. Tal ação expressava o sentimento, a relação daqueles indivíduos com a doença em si e o que dela poderia ser gerado, como a morte, a consternação pela perda de um ente querido ou de conhecidos, as mazelas e sequelas oriundas da manifestação do morbo no corpo do indivíduo e até mesmo o estado de inquietação e dúvida despertados pela presença – quase que constante e irrefreável –, dos períodos epidêmicos e endêmicos da doença, isto é, um cenário nem um pouco convidativo à calma e o comedimento.

A julgar pelos longos anos de letargia assistencial das repartições de higiene do governo estadual, as medidas imperativas e classicistas orquestradas sobretudo pela administração do estado durante os períodos epidemiológicos da doença, às vezes associados às épocas de secas e de fome, como é o caso dos abarracamentos, a ausência de um projeto robusto e imperecível de enfrentamento a varíola, seja com a utilização da vacina (quando esta já existia e era uma

realidade) seja na adoção de medidas protetivas e assistenciais destinadas à população mais desfavorecida da cidade, sem falar, é claro, do insucesso característico das investidas vacínicas do governo do estado.

Logo, a recusa muitas vezes à vacina e a vacinação era também um instrumento de repúdio e resistência daqueles indivíduos para com a figura do estado e os seus sustentáculos, ainda que a campanha de vacinação posta em prática pelo farmacêutico partisse da iniciativa particular, como assim foi em vários cantos do país, o estigma da vacina já estava instaurado, consolidado e vigente entre o povo, como ficou bastante visível na lida diária do serviço de vacinação na capital e dos interiores, de acordo com os escritos de Teófilo e documentos outros do período em questão.

À exemplo do que ocorreu no Rio de Janeiro, em que foi possível contemplar essas ações e enredos de uma forma mais enérgica, chegando às vias de um conflito direto entre a população – avessa a vacina e contrária a lei da vacinação obrigatória –, e a figura do estado e da polícia, a problemática do movimento antivacinação da época<sup>36</sup> traduzia diferentes motivações a um denominador comum dessa equação representada pela varíola mais a vacina que teve como resultado a antivacinação: revelou-se como um instrumento de resistência daqueles indivíduos, perante às ações sanitárias, disciplinatórias, punitivas ou aquelas que visavam muito mais o embelezamento urbano, a melhoria das condições de vida das camadas mais altas em contrapartida à maioria da população mais necessitada e acometida pelos infortúnios da época.

O acontecimento é explicado de formas bastante diversificadas: das posturas racionalistas e preconceituosas dos historiadores em relação aos motivos das classes populares até as que procuram compreender os valores culturais dos que participaram da revolta. Dentre as últimas, destaca-se o livro de Nicolau Sevcenko (1984), que atribui o episódio à resistência popular à racionalidade burguesa que se estava implantando no Rio de Janeiro. Outro autor clássico sobre o tema é José Murilo de Carvalho (1987, p.131), que viu a revolta como resultado da “primeira campanha publicitária de êxito no país” promovida pela oposição ao governo de Rodrigues Alves que conseguiu sensibilizar a população por meio de argumentos morais: “O que talvez mais tenha atingido

---

<sup>36</sup> A ação de revisitar o passado, a história de fato, muitas vezes acontece de forma involuntária, automática ou mesmo instintiva, dependendo do acontecimento experienciado ou daquilo que se busca, desde uma explicação mais racional e lógica a construção de uma temporalidade fundamental para o tempo presente. A “vacinophobia” e o movimento antivacina não é foi apenas um fenômeno reservado para os séculos passados, o que notamos é, justamente, essa revisitação à história agora no século XXI, salvaguarda as devidas proporções e diferenças, a partir dos acontecimentos recentes que vão desde o surgimento da Covid-19, a disseminação pelo mundo, o estado de pandemia, os esforços em prol da vacina contra o morbo e, por último, uma movimentação – ainda que minguada e diminuta –, que ia de encontro às práticas médicas recomendadas e o progresso científico em questão, manifestado na recusa à vacinação, a utilização de máscaras de proteção, a automedicação e outras ações características daquela conjuntura.

a população foi o tom moralista emprestado à campanha... Buscou-se explorar a ideia da invasão do lar e da ofensa à honra do chefe de família ausente ao se obrigarem suas filhas e mulher a se desnudarem perante estranhos”. (OLIVEIRA, 2013, p. 951)

Prontamente salientamos a complexidade e a indispensabilidade dos fatos evidenciados, sobretudo, neste último tópico, quando nos deparamos com episódios como os que ocorreram nos últimos anos não somente no Brasil como no restante do mundo. É justamente nesses momentos que se sobressai o trabalho do historiador, assim como das discussões examinadas e tiradas, muitas vezes, da “sombra” do passado, favorecendo a compreensão mais lógica e precisa de acontecimentos que estão presentes em temporalidades mais próximas da atual.

A história da varíola é também a história dos esforços materiais, técnicos e científicos, da produção da vacina, do serviço de vacinação gratuito e coletivo, da negação ao imunizante, da revelia do povo e, por fim, sem perder o propósito primitivo, o enfrentamento, o combate ao vírus da varíola. Isto quer dizer que História da Saúde e das Doenças é também a história de um coletivo, do social, do público e do privado, do povo em si. As nuances inerentes da narrativa revelam, portanto, os haveres e os atributos distintos da pesquisa historiográfica e que possuem o potencial de simplificar certos embaraços que compõem, consequentemente, a experiência que vai desde a vacina e a sua revelia, à varíola em si e a sua supressão.

## 5 CONCLUSÃO

A narrativa da doença, frequentemente, nos convida a reflexão acerca de algumas características e atributos respectivos daquela determinada conjuntura, visto que, como vimos desde o primeiro capítulo, a narrativa ou a experiência da doença, nesse caso a varíola, é também a narrativa e as experiências do povo cearense, do povo sertanejo e também daqueles habitantes da urbe fortalezense.

Num misto de vivências, episódios e embaraços, notamos o quão interligada à história do Ceará está a memória da varíola. Seja em 1877, 1901 ou 1904, a peste, companheira do povo cearense, fez despontar não somente o medo e a tragédia como também o espírito do progresso, da luta e da persistência, elementos estes tão interligados a figura do povo sertanejo e da “pátria cearense”.

Nesse sentido, entendemos algumas dessas manifestações e experiências como um processo plenamente diacrônico, orientado no desenvolvimento e no progresso não somente das relações entre o povo e a moléstia, como também do povo com a vacina e os conhecimentos científicos que possibilitaram, já no início do século XX, uma “luta” mais justa entre o indivíduo e a doença – justamente a razão ou o pretexto para os eventos que marcariam, na memória cearense, aquele quartel que vai do final do século XIX a primeira década do século seguinte –, objeto, portanto, de nossa investigação.

Vimos, por conseguinte, a moléstia tomar conta do centro da cidade – centro também cultural, econômico e dos milhares de retirantes e flagelados abarracados em choupanas e nas ruas –, a inércia dos poderes públicos na administração dos recursos e na assistência aos variolosos e o despontar da vacina contra a varíola adentrar os limites da cidade de Fortaleza.

Logo, compreender as peculiaridades atribuídas a trajetória da moléstia – no nosso caso, no Ceará, sobretudo em Fortaleza –, apresenta-se como uma tarefa fundamental para o entendimento não exclusivamente da enfermidade em si e os seus atributos sanitários, medicamentosos e práticos, como também da própria constituição daquele cenário alvoroçado que se estabeleceu no território cearense desde a segunda metade do século XIX, favorável, portanto, a pesquisa e a investigação historiográfica.

Como observado outrora, a varíola enquanto mazela, problema social e responsabilidade da administração pública, esteve presente em outras regiões ou estados brasileiros. O caso do Rio de Janeiro é o mais perceptível e referenciado, justamente pela gravidade dos eventos que resultaram da obrigatoriedade da vacinação contra a varíola no ano

de 1904, gerando uma “onda”, ou um movimento de agitação e tumulto popular, fruto de um sentimento prolongado de insatisfação do povo perante os poderes públicos. Fato esse que pode ser observado – salvo as suas devidas proporções, características e motivações –, em outros estados do país, como dito anteriormente. Isso acaba por nos revelar um fenômeno que, contrariando o leitor mais inadvertido, não ficou restrito ao Ceará e a Fortaleza.

Por essa razão e entre outras questões, o estudo e a investigação da doença torna-se, particularmente, mais envolvente, intrigante e necessário. O “chamariz” da temática e da narrativa em si, revela-se nos elementos que compõem a prática da vacinação e, no sentido contrário, a prática da antivacinação, ou como ficou conhecida: “vacinophobia”. A partir do que foi discutido no decurso do texto, vacinação e antivacinação marcharam juntas durante praticamente toda a trajetória contemporânea da varíola, seja no Brasil ou na Europa.

Em vista disso e de outras questões elencadas durante o texto, ressaltamos o contexto histórico ao qual experienciamos no decurso desses últimos três anos, isto é, referimo-nos ao surgimento e a disseminação do vírus da Covid-19<sup>37</sup> e a conjuntura global de pandemia e, consequentemente, os esforços coletivos e urgentes na busca por uma vacina eficaz e de caráter perene.

A princípio, vale ressaltar que, ambas as conjunturas se distanciam na imposição e no decurso do tempo, mas se aproximam – salvo as devidas proporções e atributos – no caráter peculiar de certos aspectos de suas narrativas, ainda que estejam separadas temporalmente por mais de um século. Entre tais aspectos, podemos salientar, sobretudo: a semelhança entre a forma como foi enfrentada a doença, isto é, a letargia, a indiferença e a omissão da administração pública, nesse caso, no Brasil, na lida com as enfermidades (varíola e covid-19), assim como um movimento contrário ao que se mostrou, de fato, como medida e instrumento principal do enfrentamento às enfermidades, a vacina.

Refletindo, assim, a supressão, a anulação de um projeto político e sanitário capaz de frear os imbróglios gerados pela varíola e, mais recentemente, pela covid-19 e, finalmente, o modo como a História das Doenças, seja no princípio do século XX ou mesmo na contemporaneidade, confirma a sua relação indivisível com outros importantes e fundamentais aspectos da sociedade, como a política, a economia, o social e o cultural. Revelando, mais uma

---

<sup>37</sup> “Covid 19 é uma infecção respiratória causada pelo novo coronavírus SARS-CoV-2. A doença é potencialmente grave, altamente transmissível e espalhou-se por todo o mundo. Os vírus, incluindo o da Covid 19, têm grande poder de mudar, originando variantes. Eles se adaptam a novos ambientes e se tornam mais transmissíveis e mais graves. A vacinação protege as pessoas contra as novas variantes, contra os casos graves e diminui as hospitalizações. Portanto, é fundamental manter as medidas de prevenção e tomar todas as doses da vacina que estiver disponível no seu município.” Disponível em: <https://bvsmis.saude.gov.br/covid-19-2/>.

vez, os desafios e as imposições características dessa historiografia e das experiências atribuídas ao convívio com certas mazelas e, maiormente, os seus enfrentamentos.

O ponto de inflexão de toda a cronologia, ou da experiência da doença é, precisamente, o instante em que a varíola, enquanto uma moléstia “onipotente”, não mais configura-se como tal, isto é, a doença agora não representa mais o fim, o último estágio, o acerto de contas final entre indivíduo e o mal, representado pelo morbo. O adiantamento e o progresso atribuídos às pesquisas na área da medicina e das técnicas laboratoriais, ou seja, da ciência em si, romperiam as antigas amarras que prendiam o povo à doença e seus inúmeros infortúnios e embaraços.

Logo, a vacina jenneriana, o imunizante animal e a vacinação em massa, transformariam, de uma vez por todas, a medicina popular e social, a saúde pública e, por fim, a História da Saúde e das Doenças do Ceará e do Brasil. A vacina animal, a princípio, aquela produzida e difundida pelo farmacêutico Rodolfo Teófilo, tornar-se-ia o baluarte desse movimento em prol da extinção da varíola do território cearense. O retrato desse progresso científico, assim como sanitário e assistencial, manifestava-se gradativamente em meio a sociedade, pelo menos até “esbarrar” em alguns obstáculos inusitados, inconvenientes e descabidos, como a própria recusa de certas pessoas à vacina e a apatia do estado e dos poderes públicos ao terrível mal.

Além disso, a narrativa da doença também esbarra em certas questões fundamentais na assimilação da problemática, entre as principais delas, temos a iniciativa e a participação de figuras do âmbito particular, ou privado nas ações e diligências, que em sua concepção, constituiriam encargos e compromissos do domínio público-administrativo, do estado e também do Governo Federal, como elencado outrora. Figuras como: barão de Pedro Affonso<sup>38</sup> e o farmacêutico e escritor Rodolfo Teófilo, integram a narrativa e a própria história de manifestação da doença tanto quanto as repartições públicas de higiene do estado e dos municípios, uma característica fundamental e que compõem a totalidade dos conteúdos elencados.

Vale ressaltar, no decurso das práticas de registro, descrição e narração da varíola, neste caso, no Ceará e maiormente em Fortaleza, a centralidade imposta ao discurso narrativo do farmacêutico Rodolfo Teófilo acerca não somente da enfermidade como também de praticamente todo o processo de enfrentamento e combate à moléstia no estado do Ceará. Essa

---

<sup>38</sup> Médico, diretor da Higiene Municipal e fundador do Instituto Soroterápico do Rio de Janeiro, posteriormente, Instituto Vacínico Municipal do Rio de Janeiro, foi responsável, como Rodolfo Teófilo, pela iniciativa de produção e difusão da linfa vacínica contra a varíola no Brasil, sendo pioneiro em seu trabalho. É lembrado até hoje como “(...)o primeiro presidente do Instituto Soroterápico Federal (ISF), que deu origem ao que é, hoje, a Fiocruz.” Disponível em: <https://portal.fiocruz.br/audiovisual/barao-de-pedro-afonso>.

atitude de convergência e protagonismo observado no discurso de Teófilo é, por vezes, motivo de crítica e tem, como resultado, a concentração dos registros e escritos sobre a doença e os seus embaraços. Dessa forma, a varíola, enquanto problema social, obstáculo da ordem sanitária e, de fato, questão central, concorre, ou rivaliza com o farmacêutico no palco das narrativas e da trajetória da varíola.

Como vimos, a intervenção e a participação desses sujeitos, além de fomentar a dinamicidade das relações entre doença e população, cidade e assistencialismo, favorece a compreensão e a robustez das investigações acerca das medidas e diligências existentes (ou não) na época, sobretudo o exercício e as operações, como dito anteriormente, das instâncias superiores, como é caso das intendências e repartições oficiais do estado e da República.

Por fim, a exposição das questões e conflitos presentemente discutidos e trabalhados, colaboram – assim esperamos –, para uma leitura mais assertiva e compenetrada dos eventos que fazem parte da história da varíola no Ceará. Da vacina a vacinação, do combate à moléstia a “vacinophobia”, do povo a cidade e das experiências resultantes, que parte a sustentação e a realização do discurso histórico sobre a varíola, sobre a vacina e sobre o povo cearense, ambas as partes “ingredientes” desse compêndio que, como observamos, é complexo, divergente e cativante.

## REFERÊNCIAS

**A Evolução:** orgam científico, literário e noticioso. Fortaleza: Typ. do Cearense, 1888-1889. Disponível em: <http://bndigital.bn.gov.br/acervo-digital/evolucao/714364>. Acesso em: 17 out. 2022. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DOCREADER/DocReader.aspx?bib=714364>. Acesso em: 17 out. 2022.

**A República.** Fortaleza: [s.n.], 1892-1908. il. Disponível em: <http://bndigital.bn.gov.br/acervo-digital/república/801399>. Acesso em: 20 out. 2022. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DOCREADER/DocReader.aspx?bib=801399>. Acesso em: 20 out. 2022.

ALBUQUERQUE JR. Durval Muniz. **O tecelão dos tempos:** o historiador como artesão das temporalidades. O tecelão dos tempos (novos ensaios de teoria da história). São Paulo: Intermeios, 2019, p. 27-37.

ALVES, Joaquim. **História das sêcas** (século XVII e XIX). Edição fac-símile. - Fortaleza: Fundação Waldemar Alcântara, 2003. 256p.

ALVES; ARAÚJO. Thompson, Lukács e o conceito de experiência — um diálogo mais que necessário. **Revista Mundos do Trabalho**, Florianópolis, v. 5, n. 10, p. 53–70, 2013. DOI: 10.5007/1984-9222.2013v5n10p53.

BARROS, José D'Assunção. **História cultural e história das idéias.** Cultura [Online], vol. 21 | 2005, posto online no dia 24 de março 2018, consultado a 19 de abril de 2019. URL: <http://journals.openedition.org/cultura/3353>; DOI : 10.4000/cultura.3353.

BARROS, Karla Torquato dos Anjos. **“A varíola ficou morando na capital”:** idéias e práticas médicas representadas mediante manifestação da doença em Fortaleza (1891-1901) – Fortaleza, 2011. 185p.; il.

BARROS, Karla Torquato dos Anjos. “Falle a sciencia”: diferentes concepções sobre a varíola na capital do Ceará em fins do século XIX. **Revista Mosaico** – Volume 2 – Número 4 – 2010.

BEZERRA, Antonio. **O Ceará e os cearenses.** Edição Fac-sim. Fortaleza: Fundação Waldemar Alcântara, 2001.

BOURDIEU, Pièrre. **O Poder Simbólico.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.

BRIZOLA, Jaqueline Hazan. **A terrível moléstia.** Vacina, epidemia, instituições e sujeitos: a história da varíola em Porto Alegre no século XIX (1846-1874). Porto Alegre. 2014. 167. p.

CARDOSO, Gleudson Passos. **As Repúblicas das Letras Cearenses.** Literatura, Imprensa e Política (1873 - 1904). São Paulo: Dissertação de Mestrado defendida no PPGH da PUC/ SP, 2000.

CARDOSO, Gleudson Passos. **Práticas letradas e a construção do mito civilizador:** “luzes”, seca e abolicionismo em Fortaleza. (1873 - 1904). Fortaleza: Museu do Ceará/ Secretaria da Cultura do Estado do Ceará, 2016.



CERVANTES SAAVEDRA, Miguel de. **Dom Quixote**. São Paulo: FTD, 2013. 231. p.

CHALHOUB, Sidney. **Cidade febril**: cortiços e epidemias na Corte imperial – 2a ed. – São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

FERNANDES, Tania Maria. Imunização antivariólica no século XIX no Brasil: inoculação, variolização, vacina e revacinação. **História, Ciências, Saúde** – Manguinhos, vol. 10 (suplemento 2): 461-74, 2003.

FERNANDES, Tania Maria. **Vacina Antivariólica: ciência, técnica e o poder dos homens, 1808- 1920**. 2.ed. rev. – Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2010.

GAZETA, Arlene Audi Brasil. **Uma história do combate à varíola no Brasil**: do controle à erradicação. 2006. 218 f. Tese (Doutorado em História das Ciências e da Saúde) – Casa de Oswaldo Cruz, Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2006.

GIRÃO, Raimundo e SOUSA, M<sup>a</sup> da Conceição. **Dicionário da Literatura Cearense**. Fortaleza: Imprensa Oficial do Ceará. 1987. p. 222.

GIRÃO, Raimundo. **Evolução histórica cearense**. Fortaleza, BNB. ETENE, 1985. 446p. (Documentos do Nordeste, 5).

GURGEL, Cristina. **Doenças e curas**: o Brasil nos primeiros séculos – São Paulo: Contexto, 2010.

LANDIM, Teoberto. **Seca**: a estação do inferno - Uma análise dos romances que tematizam a seca na perspectiva do narrador. 2. ed. Fortaleza: Editora UFC, 2005.

LIRA NETO. **O poder e a peste**. A vida de Rodolfo Teófilo. Fortaleza: Demócrito Rocha, 1999.

LORENZ, Federico. Resistências. Dossiê: Literatura e Resistência. **MARGENS - Revista Interdisciplinar**. VOL.9. N. 13. Dez 2015. (p. 11-15). Versão Digital – ISSN: 1982-5374.

MAGALHÃES, Sônia Maria de. **Males do sertão**: alimentação, saúde e doença em Goiás no século XIX/ Sônia Maria de Magalhães. 1. ed. Goiânia: Cânone Editorial, 2014. 228 p.

MARINHO, Pedro Eduardo Mesquita de Monteiro. **A engenharia Imperial**: O Instituto Politécnico Brasileiro e a organização da engenharia no Brasil do Segundo Reinado. ANPUH – XXII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA – João Pessoa, 2003.

MARTINS, Letícia Lustosa. **Varíola em Fortaleza**: marcas profundas de uma experiência dolorosa (1877 – 1881). Fortaleza, 2012.

MARTINS, Lilian Al-Chueyr Pereira; MARTINS, Roberto de Andrade. **Infecção e higiene antes da teoria microbiana**: a história dos miasmas. Disponível em: <https://www.ghhc.usp.br/server/pdf/ram-Miasmas-Sci-Am>. Acesso em 24 de outubro de 2022.

MELO JÚNIOR, João Alfredo Costa de Campos . A Noção de experiência histórica e social em Edward Thompson: percursos iniciais. **Historia & Perspectivas** (UFU) , v. jan/junh14, p. 393-417, 2014.

**Mensagem Dirigida à Assembleia Legislativa em 1893, pelo Presidente do Estado, Tenente Coronel Dr. José Freire Bezerril Fontenelle.** Fortaleza, 1893. Biblioteca Nacional.

**Mensagem Dirigida à Assembleia Legislativa em 1894, pelo Presidente do Estado, Tenente Coronel Dr. José Freire Bezerril Fontenelle.** Fortaleza, 1894. Biblioteca Nacional.

**Mensagem Dirigida à Assembleia Legislativa em 1901, pelo Presidente do Estado, Dr. Pedro Augusto Borges.** Fortaleza, 1901. Biblioteca Nacional.

**Mensagem Dirigida ao Congresso Constituinte do Ceará em 1891, pelo Presidente do Estado, José Clarindo de Queiroz.** Fortaleza, 1891. Biblioteca Nacional.

**Mensagem Dirigida ao Congresso Constituinte do Ceará em 1891, pelo Presidente do Estado, Exm. Dr. Antonio Pinto Nogueira Accioly.** Fortaleza, 1899. Biblioteca Nacional.

NICOLAZZI, F. **O conceito de experiência histórica e a narrativa historiográfica.** 2004. Dissertação (Mestrado em PPG em História) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

**O Estado do Ceara :** órgão da uniao republicana. Fortaleza, CE: [s.n.], 1890-1891. Disponível em: <http://bndigital.bn.br/acervo-digital/estado-ceara/225746>. Acesso em: 24 out. 2022. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DOCREADER/docreader.aspx?BIB=225746>. Acesso em: 24 out. 2022.

**O Retirante:** orgam das vitimas da secca. Fortaleza, CE; Ceará: Typ. Imparcial, 1877- . il. ; 37x28 cm. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DOCREADER/DOCREADER.ASPX?BIB=770558>. Acesso em: 13 out. 2022. Disponível em: <http://bndigital.bn.br/acervo-digital/retirante/770558>. Acesso em: 13 out. 2022.

OLIVEIRA, R. N. N. O processo de modernização de Fortaleza. 2013. (Apresentação de Trabalho/Simpósio). 16 p.

PAIVA, Felipe. A polifonia conceitual: crítica ao conceito de resistência da História Geral da África (UNESCO). **REVISTA ÁFRICA(S)** , v. 1, p. 189-224, 2015.

PAIVA, Melquíades Pinto. **Os naturalistas e o Ceará.** Fortaleza: Instituto do Ceará, 2002, p. 138.

PINHEIRO, Charles Ribeiro. **O Narrador de si:** tensões entre vida e escrita em Varíola e Vacinação no Ceará, de Rodolfo Teófilo. XI Encontro Regional Nordeste de História Oral. 2017.

PONTE, Sebastião Rogério. **Fortaleza Belle Époque:** Reformas Urbanas e Controle Social (1860 - 1930). 3º. ed - Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2001. 208 p.

PORTO ALEGRE, Maria Sylvia. **Os ziguezagues do Dr. Capanema**. Fortaleza: Museu do Ceará, 2006.

**RELATÓRIOS dos Presidentes dos Estados Brasileiros : Primeira Republica**. Ceará: [s.n.], 1891-1930. Disponível em: <http://bndigital.bn.br/acervo-digital/relatorios-presidentes-estados-brasileiros/720372>. Acesso em: 26 out. 2022. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DOCREADER/docreader.aspx?BIB=720372>. Acesso em: 26 out. 2022.

RODRIGUES, José Joaquim. **Dissertação inaugural sobre a vaccina, ou variola vaccinal, considerada como preservativo da bexiga**. Bahia [Salvador, BA]: Typ. do C. Mercantil, de M.L. Velloso, 1842. [6], 48, [2] p., 22 cm. Disponível em: [http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo\\_digital/div\\_obrasgerais/drg1621718/drg1621718.pdf](http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo_digital/div_obrasgerais/drg1621718/drg1621718.pdf). Acesso em: 20 out. 2022.

SANTOS, Hermogenio Gonçalves dos. **Algumas proposições sobre a vaccina**. Rio de Janeiro, RJ: Typ. de Francisco de Paula Brito, 1849. [6], 4, [2] p. Disponível em: [http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo\\_digital/div\\_obrasgerais/drg139779/drg139779.pdf](http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo_digital/div_obrasgerais/drg139779/drg139779.pdf). Acesso em: 20 out. 2022.

SANTOS, Luiz Antonio de Castro. **O pensamento sanitaria na Primeira República : Uma ideologia de construção da nacionalidade**. Dados. Revista de Ciências Sociais, Rio de Janeiro, v.28, n.2, p.193-210, 1985.

SANTOS, Myrian Sepúlveda dos. **Lazareto da Ilha Grande: isolamento, aprisionamento e vigilância nas áreas de saúde e política (1884-1942)**. História, Ciência, Saúde-Manguinhos. 2007.

SANTOS, Nádia Maria Weber; LIMA, Zilda Maria Menezes (Orgs.) **Saúde e Doenças no Brasil: perspectivas entre a História e a Literatura**. Porto Alegre: Editora Fi, 2018.

SEVCENKO, Nicolau. **A revolta da vacina: mentes insanas em corpos rebeldes**. São Paulo: Brasiliense, 1984.

Sidney Chalhoub, *et al.* **Artes e ofícios de curar no Brasil: capítulos de história social**. Campinas, Ed. da UNICAMP, 2003.

SOÁREZ, Ednilo Gomes de. **Rodolpho Theóphilo - O polivalente polêmico**. Revista do Instituto do Ceará, 2009.

SOMBRA, Waldy. **Rodolfo Teófilo: o varão benemérito da pátria**. Fortaleza: 1997.

STUDART, Guilherme (barão de). **Climatologia, epidemias e endemias no Ceará: memória apresentada ao 4º Congresso Médico Latino-Americano do Rio de Janeiro**. [1909]. Ed. fac-sim. Fortaleza: Fundação Waldemar Alcântara, 1997.

TEÓFILO, Rodolfo. **Libertação do Ceará** (Queda da Oligarquia Acióli). Lisboa: tipografia A Editora Limitada, Largo do Conde Barão, 50; 1914.

TEÓFILO, Rodolfo. **A Fome: cenas da seca do Ceará; organização e notas de Waldemar Rodrigues Pereira Filho; posfácio de Lira Neto**. São Paulo: Tordesilhas, 2011.

TEÓFILO, Rodolfo. **A Fome; Violação**. Organização, atualização e notas por Otacílio Colares. - Rio de Janeiro: J. Olympio; Fortaleza: Academia Cearense de Letras, 1979. (Coleção Dolor Barreira; v. n. 2)

TEÓFILO, Rodolfo. **A Seca de 1919**. Rio: Imprensa Inglesa; 1922.

TEÓFILO, Rodolfo. **A secca de 1915**. Imprensa Inglesa. 1922.

TEÓFILO, Rodolfo. As manchas do sol e as seccas. **O Pão**, Fortaleza. 1895. Ed. Fac-símile.

TEÓFILO, Rodolfo. **Historia da Secca do Ceará** (1877 a 1880). Imprensa Inglesa. Rio de Janeiro, 1922.

TEÓFILO, Rodolfo. **O Cunduru**. Ceará – Fortaleza: Tip. Minerva. 55 – Rua Major Facundo, 57;/ p. 41. 1910.

TEÓFILO, Rodolfo. **Scenas e typos**. — Ed. Fac-sim. — Fortaleza: FWA, 2009. 159p. — (Coleção Biblioteca Básica Cearense) Fac-símile da edição de 1919.

TEÓFILO, Rodolfo. **Varíola e vacinação no Ceará**. [1904]. Ed. fac-sim. Fortaleza: Fundação Waldemar Alcântara, 1997.

THOMPSON, Edward P. **Costumes em comum**. Estudos sobre a cultura popular tradicional. São Paulo: Cia. das Letras, 1998.

TOLEDO JR, Antonio Carlos de Castro. História da varíola. **Rev. Med. Minas Gerais**. 2005;15(1):58-65.

VALE NETO, Isac Ferreira do. **Batalhas da memória**: a escrita militante de Rodolfo Teófilo. Dissertação de mestrado. Fortaleza, 2006.

VASCONCELOS, Jose Arthur Holanda Nepomuceno. **“A minha vida foi uma luta sem tréguas pela verdade [...]”**: a monumentalização na vida e obra de Rodolfo Teófilo (1883-1922). 2021. 73 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em 2021) - Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2021.

VILLA, Marco Antonio. **Vida e morte no sertão** – Histórias das secas no Nordeste nos séculos XIX e XX. São Paulo: Ática, 2010. 269 p.

YAMASHITA, J. G. **O conceito de resistência entre a memória e a história**. 2013. (Apresentação de Trabalho/Simpósio)